

UNIVERSO DO FUTEBOL

Futebol na Escola



UNIVERSO DO FUTEBOL

Futebol na escola

Organizadores

Prof. Dr. Carlos Ferrari

Prof. Dr. Rafael Mocarzel

Vassouras, Rio de Janeiro

2024

© 2024 Universidade de Vassouras
Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)
Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras
Dr. Marco Antônio Soares de Souza

Pró -Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Universidade de Vassouras
Dr. Carlos Eduardo Cardoso

Editora-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras
M. Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Editora Executiva das Produções Técnicas
Dr. Paloma Martins Mendonça

Modo de Acesso: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/PT/article/view/4731>

Un399 Universo do futebol: futebol na escola./ Organizado por:
Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari, Rafael Carvalho da
Silva Mocarzel. - Vassouras, RJ : Editora Universidade de
Vassouras, 2024.
92 p.

Recurso eletrônico
Formato: E-book

ISBN: 978-85-88187-86-3

1. Futebol. 2. Educação física. 3. Escola. I. Ferrari, Carlos
Eduardo Rafael de Andrade. II. Mocarzel, Rafael Carvalho da
Silva. III. Universidade de Vassouras. IV. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que
não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações
nele contidas, bem como opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

Súmario

Homenagem	5
Agradecimentos	6
Prefácio.....	7
Apresentação	9
O Futebol Enquanto Componente Curricular: A Relevância Social Do Esporte-Rei No Âmbito Escolar.....	10
“Tua Glória É A Tua História”: Um Estudo De Caso Sobre O Colégio Vasco Da Gama	26
Futebol e o Atendimento Das Necessidades Psicológicas Básicas De Estudantes: As Variações Do Esporte Como Um Caminho Possível	53
Foobaskill No Contexto Escolar: Reflexões E Possibilidades A Luz Da Pedagogia Do Esporte.....	65

HOMENAGEM

Homenagem póstuma (in memoriam) a Renato Alvarenga.

No início de fevereiro de 2023 não só o Brasil, mas o mundo perdeu um grande nome da educação, da saúde e da educação física. Meu querido amigo e professor Renato Alvarenga retornou a Deus.

Eu tive a graça de ter convivido com esse cavaleiro de ouro da fisiologia e treinamento desportivo de renome internacional e posso afirmar que sua imensa competência só não era maior que sua humildade inigualável. Um homem MUITO simples, de fala mansa, humilde até demais, apaixonado pelo ensino e sempre disposto a ajudar!

Durante a pandemia aceitou fazer uma live comigo e falou abertamente que, ao estudarmos, todos nós deveríamos retomar os estudos sobre a filosofia mesmo que minimamente, pois é de lá que saem todas as ciências. Isso só demonstrou como ele era um profissional humilde e sensato, que não concordava com separatismos dentro da educação.

Perde o Mundo, ganham os Céus...

Morre um homem, nasce uma lenda...

Obrigado por tudo, eterno Mestre!

Rafael Mocarzel

AGRADECIMENTOS

Esta obra contou com ajuda de muitos profissionais que se esforçam para manter viva a chama da saúde e educação através do estudo e prática do esporte junto à população. A todos eles, agradecemos humildemente a nobre parceria.

Agradecemos ainda aos apoiadores internos da Universidade de Vassouras, mais especificamente aos respectivos Coordenadores do curso de Educação Física dos campi Vassouras, Maricá e Saquarema, Paulo Caminha, Sávio Luís Oliveira da Silva e Carlos Eduardo das Neves.

Não obstante, nossa gratidão à Coordenadora de Pesquisa e Extensão do campus Maricá Michele Teixeira Serdeiro sempre sendo motivadora e atenciosa, à Pró-Reitora de Saúde Denize Duarte Celento e ao Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica Carlos Eduardo Cardoso e claro, à toda equipe da Editora da Universidade de Vassouras.

Por fim, agradecemos aos incentivos e apoios da Universidade de Vassouras para a produção desta pesquisa e organização e confecção desta obra acadêmica através do apoio em forma de projeto de pesquisa.

PREFÁCIO

É com grande satisfação que recebi o convite para fazer o prefácio dessa coletânea que fala da paixão nacional e suas dimensões.

Desde a sua criação, o futebol tem se tornado um espaço de lazer, de socialização, de gestão, de profissão, além de tantas outras vertentes, não deixando de ser um espaço profícuo de pesquisa. As obras aqui contempladas fazem uma “viagem” neste universo tão extenso.

Dentre os vários pontos abordados me chamou a atenção alguns tópicos, como a relação entre as capacidades condicionais e coordenativas no futsal que é essencial para entender a dinâmica desse esporte. Também é igualmente crucial compreender que o futebol e seus derivados como componente curricular nas escolas, tem sua relevância social transcendendo os limites das linhas que demarcam o campo de jogo. O futebol e suas derivações são espaços ricos em promover valores como trabalho em equipe, respeito e superação de desafios, tornando-se uma ferramenta educacional poderosa, e tudo isso podemos contemplar nesta coletânea.

Outro ponto que foi analisado na coleção descreve sobre as desigualdades de gênero e raça entre os treinadores na Copa do Mundo masculina e feminina, e nos confrontam com uma realidade preocupante, já que a representatividade do futebol é fundamental para inspirar futuras gerações.

Me chamou também a atenção o artigo sobre a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, que foi marcada por polêmicas que ecoaram por todo o mundo. Desde questões relacionadas aos direitos humanos até preocupações com o clima, sustentabilidade e corrupção, este torneio se tornou uma plataforma para debates sobre essas variedades de questões globais. Argumentar sobre essas polêmicas é essencial para promover mudanças significativas no cenário esportivo internacional.

No contexto escolar, a educação física desempenha um papel fundamental na formação dos alunos, seja através da prática esportiva ou do desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas. A docência nessa área demanda um constante aprendizado e reflexão sobre as práticas pedagógicas, visando uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

A discussão do futebol para pessoas com deficiência visual, evidenciou a importância desse esporte para aqueles que tinham pouco espaço nessa modalidade, o artigo ora apresentado, faz com qualidade um resgate histórico desta modalidade que oportunizou os deficientes visuais na prática do tão amado futebol dando um passo crucial rumo à inclusão e à igualdade de oportunidades no cenário esportivo.

Cada um dos artigos aborda aspectos importantes e relevantes sobre o futebol e suas diversas dimensões. Reconheço a qualidade do trabalho apresentado e recomendo a leitura para aqueles que se interessam pelo esporte, seja como praticantes, espectadores ou estudiosos.

A diversidade de temas abordados certamente enriquece o conhecimento e promove reflexões essenciais sobre o papel do futebol na sociedade e em nossas vidas.

Prof. Dr. Rogério Melo
Presidente do Conselho Regional de Educação Física da 1^a Região

APRESENTAÇÃO

Apresento, com um enorme sentimento de satisfação, a coletânea “Universo no Futebol”, dado que organizar uma obra desta natureza, num país como o Brasil, com duzentos e três milhões de potenciais treinadores, é um desafio no que tange o paradoxo: ciência versus senso comum. Assim, como o título da obra sugestiona, a coletânea é composta por seis livros organizados, contemplando a imaginação epistemológica de pesquisadores brasileiros, portugueses e estadunidenses.

Temas como os Aspectos biológicos no futebol, Futebol na escola, Discussões de gênero no futebol, Ciências humanas e futebol, Nutrição e futebol, tal e qual a abordagem do Futebol e suas variações ao redor do mundo, engendram o mote da obra em relevo. Portanto, cada um a seu modo e dentro de suas perspectivas, procuram apresentar o Futebol, como fenômeno social múltiplo e polissêmico, acarretando numa viagem teórico-científica, que tenciona oferecer ao leitor uma visão mais rigorosa do esporte mais popular do mundo.

Desta forma, o conjunto de obras, numa compreensão inovadora, sustentável, foi publicada em formato ebook, disponibilizada gratuitamente para o público leitor graças à confiança e portas abertas da Universidade de Vassouras, instituição mantida pela Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE). Nesse nexo, o suporte em formato de incentivos via projeto de pesquisa, na pessoa do Magnífico Reitor, deve ser exaltado, pois o fomento proporcionou uma tranquilidade financeira não comum no meio acadêmico hodierno. Gratidão eterna!

Carlos Ferrari

O FUTEBOL ENQUANTO COMPONENTE CURRICULAR: A RELEVÂNCIA SOCIAL DO ESPORTE-REI NO ÂMBITO ESCOLAR

Alexsand de Souza Dias
Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari
Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

Introdução

Descontinando o mote do estudo

O estudo em tela consiste em um ensaio-teórico, decorrente de um levantamento bibliográfico na forma de uma revisão narrativa da literatura (ROTHER, 2007) acerca do tema Futebol (Esporte-rei) e suas dimensões. Diante disso, e dos conteúdos que abordam nomeadamente o Futebol no contexto escolar, foi possível contrastar e fundamentar uma linha de raciocínio no que diz respeito à temática em voga que intenta demonstrar uma gama de possibilidades educacionais, tendo o Futebol da Escola como mote relativamente à aprendizagem significativa do alunado.

Acerca da relevância e justificativa do estudo

Não seria descabido declarar que o Futebol é considerado uma paixão nacional, que abarca pessoas de diferentes idades, gêneros e culturas em diversificadas regiões do Brasil, como salienta Souza (2013). Paixão que se aflorou nos últimos anos, visto que o Brasil sediou duas das mais importantes competições futebolísticas, a saber: a Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), nos idos de 2014, e o Torneio de Futebol Masculino nos Jogos Olímpicos de Verão Rio 2016. Como resultado, a nação brasileira teve a oportunidade de assistir em território nacional a uma conquista até então inédita, ou seja, a primeira medalha de ouro olímpica da modalidade Futebol de campo.

Sob outra perspectiva, faz-se imperioso destacar que o Futebol é um tema em ascensão no meio acadêmico, que fomenta o debate dos profissionais da área da Educação Física (no plural). Aliado a isso, há um questionamento sobre a presença desse esporte enquanto conteúdo integrante do currículo, suscitando a análise de como a modalidade tem sido ministrada no âmbito escolar. Em vista disso, Viana (2012) dá a entender que a *expertise* docente é de fundamental importância para o êxito de tal propósito, em razão de o autor insinuar

que uma parcela significativa dos educadores não apresenta um planejamento satisfatório, demonstrando incapacidade professoral, que em tese dificulta o processo.

Cardoso (2003), sob esse prisma, comprehende que, mesmo diante de todas as discussões e da quantidade de produções e publicações que ocorrem incessantemente no domínio da Educação Física escolar (EFe), esses questionamentos são campo de debate, e muitos se encontram ainda em aberto. Conforme o teórico, esses debates trazem à baila alguns tópicos e/ou indagações sobre a importância, funcionalidade, vantagens e desvantagens da modalidade esportiva Futebol enquanto componente curricular.

Justificado isso, torna-se premente elucidar que o interesse em pesquisar o determinado tema se deu por conta dos questionamentos, inquietações e discussões que têm surgido ao longo dos anos, por se tratar de um assunto estritamente importante, presente no dia a dia escolar, devido à sua relevância social. Portanto, face ao exposto, o objetivo do presente ensaio-teórico se limita em apresentar uma linha de raciocínio acerca do Futebol enquanto componente curricular, na intenção de reverberar questões que sejam substantivas, referentes às possibilidades educacionais através desse esporte no contexto da Educação Física escolar.

Fundamentação teórica

Contextualização da Educação Física e do Esporte no âmbito escolar

Há tempos, já se constitui como um axioma o valor inerente da prática da Educação Física (EF) e do esporte no âmbito escolar. Diversos autores destacam a relevância de suas práticas, sendo um meio educativo colaborador no desenvolvimento motor (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013; PUGLIESE; SANTOS, 2021), cultural (NEIRA; UVINHA, 2009), afetivo-social (TUBINO, 2001), dentre outros diversos campos. Nessa guisa, o próprio Ministério da Educação do Brasil estruturou documentos que ajudam a nortear a prática da EFe, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Tais produções demonstram e reforçam o reconhecimento, a importância de determinadas *práxis* para o alunado na totalidade.

As aulas de EFe se tornam, assim, o meio germinador para o esporte (aqui exposto no sentido mais *lato*) promover seus valores por meio de suas diversas modalidades. Nessa perspectiva, Tubino destaca de maneira categórica que o esporte ganha ainda mais brilho quando ressaltadas suas três dimensões sociais: “a) o esporte-educação; b) o esporte-participação ou esporte popular; c) o esporte-performance ou de rendimento” (TUBINO, 2001, p. 34). Caminhando por tais dimensões, é possível notar diversos aspectos educativos valiosos, que, por sua vez, podem ser tutelados, transmitidos e desenvolvidos através das aulas de Educação Física (incluindo aqui, obviamente, a prática do Futebol).

Educação Física na escola

A EFe, por vários fatores relacionados à história do país, como a crise social e econômica, o insucesso no mundo esportivo, determinada pelas sucessivas derrotas nas competições disputadas, passou a ser compreendida como o ponto central para que talentos esportivos fossem desenvolvidos, visando ao aparecimento e à preparação de futuros campeões olímpicos (SOUZA JÚNIOR, 2001). Consequentemente, a Educação Física, na pessoa dos seus agentes, assumiu quase que inteiramente a condição de obedecer aos códigos estabelecidos por uma instituição esportiva, em que o padrão técnico e a busca por um rendimento atlético passaram a ser determinantes e definidores dos conteúdos da disciplina na Educação Básica (*ibidem*).

De acordo com Paula Silva (2004), mesmo estando há algumas décadas no currículo escolar, a Educação Física não possuía legitimidade enquanto disciplina curricular obrigatória, aumentando cada vez mais o número de problemas, e dentre essas dificuldades o impedimento da definição dos princípios curriculares básicos que orientam o trabalho no chão da Escola, impedindo uma prática pedagógica favorável ao reconhecimento da cadeira/conteúdo.

Contudo, a valorização social das práticas corporais de movimento autenticou o surgimento de pesquisas científicas (filosóficas) em torno do exercício, da atividade física, da motricidade, ou do Homem em movimento, apresentando, desse modo, um novo contexto, o que torna necessário repensar a EF e seus objetivos no âmbito escolar, tendo em vista uma transformação na ação dos educadores nas salas de aula (BETTI; ZULIANI, 2001). No entanto, Betti e Zuliani (2001), especificamente nesse caso, compreendem que a EF se torna responsável em assumir o compromisso de formar cidadãos, que, perante as novas feições da cultura corporal de movimento — o esporte-espetáculo dos meios de comunicação, as atividades de academia, as práticas alternativas —, consigam assumir um posicionamento crítico.

Indo além, a Educação Física inserida na Educação Básica deve ter como tarefa:

Introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade de vida (BETTI; ZULIANI, 2001, p. 75).

Por consequência, entende-se que a cultura corporal é estruturada por diferentes práticas sociais e corporais, como o jogo, a ginástica, o esporte, a dança e a luta, que se distinguem daquelas praticadas nas escolas em décadas passadas, que tinham como parâmetros a aptidão física, o rendimento e a saúde (PAULA SILVA, 2004).

De acordo com Betti (1992, 1994a), a integração do alunado na cultura corporal deve ser plena; uma integração afetiva, social, cognitiva e motora. A Educação Física, nessa lógica, precisa ser compreendida como “parte integrante do processo educacional escolar, ‘indispren-

sável' para a formação do ser humano e para o entendimento e intervenção na e da realidade em sua totalidade" (PAULA SILVA, 2004, p. 215, grifo da autora).

Logo, de acordo com Paula Silva (2004), os padrões fisiológicos não podem assumir o papel principal ou até mesmo ser o único meio capaz de nortear a intervenção escolar no contexto da Educação Física. Sendo assim, é importante pensar e trabalhar nas escolas a diversidade dos discentes, tratando os conteúdos de forma que suas possibilidades sejam mais importantes e valorizadas do que suas próprias limitações.

Segundo Betti e Zuliani:

Não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (portanto, é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar regras), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo, pois sem ele não há competição (BETTI; ZULIANI, 2001, p. 75).

Nesse sentido, a Educação Física não se resume apenas a aprender habilidades motoras. Assim como o fato de os alunos frequentarem as aulas de EF não necessariamente assegura que eles se tornem indivíduos sadios, ou seja, fisicamente preparados; porém, a prática pode teoricamente torná-los pessoas críticas e bem informadas com relação às ilusões sociais e culturais com as quais serão frequentemente confrontados (PAULA SILVA, 2004). Por isso, a necessidade de desenvolver e trabalhar temáticas como cooperação, respeito, confiança, diversidade e afins se tornam fundamentais nas práticas escolares.

Esporte na escola

O esporte é, atualmente, célebre pelos seus altos padrões de rendimento e competitividade (sem generalizar, é claro), apresentando pouca relevância educacional, o que de fato contribui para o aumento do número de crianças e jovens frustrados, em paralelo ao privilégio de indivíduos vitoriosos e bem-sucedidos (COSTA; KUNZ, 2013). Para Bracht (2000), a Educação Física contempla o esporte de rendimento como seu instrumento de ensino, fomenta um tipo de educação na qual os indivíduos absorvem, interiorizam valores e normas comportamentais, sem fazer questionamentos críticos relativos às questões sociais, culturais em que estão inseridos. Desse modo, é necessário que as pedagogias críticas da Educação Física repensem a relação da Educação com o esporte de rendimento.

A presença do esporte na instituição escola se configura, dentro das discussões acadêmicas, como um dos temas mais polêmicos e controversos. É evidente que no âmbito escolar existe um equívoco quanto à abordagem do esporte, assim como o desenvolvimento que se dá

apenas por meio de um modelo padronizado, pautado em métodos que atendam apenas ao fazer, ou seja, conteúdos procedimentais baseados nos princípios do esporte de rendimento, tornando o seu tratamento limitado e sem caráter crítico (SEDORKO; FINCK, 2016). Por sua vez, Bracht (2000) expõe que, se há o interesse em obter uma mudança relevante no esporte, é necessário haver um tratamento pedagógico em relação ao mesmo. Isso não significa que o Futebol, enquanto componente curricular, terá o ensino das técnicas abolido. Elas devem ser encaradas como opções para atingir fins/objetivos, quer dizer, ser fiel ao propósito que deseja alcançar perante a ação de um indivíduo.

Nas palavras de Bracht:

[...] o que a pedagogia crítica em Educação Física propôs/propõe não é a abolição do ensino de técnicas, ou seja, a abolição da aprendizagem de destrezas motoras esportivas. Propõe, sim, o ensino de destrezas motoras esportivas dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins, a serem construídos junto com um novo sentido para o próprio esporte (BRACHT, 2000, p. 16).

Nessa linha de raciocínio, Sedorko e Finck destacam que “na instituição escolar o esporte deveria assumir a dimensão educacional, fundamentada nos princípios da emancipação, participação e cooperação” (SEDORKO; FINCK, 2016, p. 1). Já para Costa e Kunz (2013), é preciso que os discentes tenham a compreensão de que uma boa prática esportiva não depende do cumprimento de um rol de exigências técnicas, sendo normalmente estabelecidas em treinamentos e se tornam perceptíveis a eles. O fato é que eles, os discentes, não necessariamente precisam praticar um determinado esporte tão bem quanto os atletas que atuam em quadras de competição, e que isso não resultará em nenhuma categoria de dano à sua imagem e aos seus valores pessoais.

Para Bracht (2000), a prática esportiva deve ter como cerne a pretensão por um rendimento possível, descentralizando a busca por um desempenho máximo, tendo em vista uma ação cooperativa e menos competitiva.

Conforme Costa e Kunz:

Quando um rendimento for percebido como necessário para superar confrontos, integrar-se no grupo e cooperar com a prática esportiva, e não obrigatório, do modo normalmente apresentado, então é possível que o esporte também possa ser, além de uma prática prazerosa, um fomento para múltiplas perspectivas, como muitas vezes previstas, mas pouco alcançadas, relacionadas à saúde, socialização, formação de personalidade, educação etc. (COSTA; KUNZ, 2013, p. 125).

Sob esse enfoque, Costa e Kunz declararam haver uma vertente defendida por críticos, pesquisadores, professores ligados ou não ao esporte escolar, que acreditam e defendem “que o

maior valor dos esportes na escola está nas possibilidades educativas quando esse conteúdo for apresentado e ensinado de forma lúdica e prazerosa a todos” (COSTA; KUNZ, 2013, p. 120). Nesse caso, o esporte deve ser desenvolvido e repassado de modo que as qualidades e valores socioculturais sejam expostos em sua devida prática, não tendo como base principal a competitividade. Assim como a produção de rendimento não seja o cerne da orientação ministrada pelo professor, não exigindo resultados cujas medidas sejam determinadas e comparadas a padrões preestabelecidos (COSTA; KUNZ, 2013).

Contudo, é de fundamental importância que o entendimento a respeito do esporte seja ampliado, de forma que possa proporcionar ao alunado uma maior independência na vivência e na organização das práticas esportivas, despertando nos discentes um posicionamento crítico quando estiverem, sobretudo, na posição de espectadores (SEDORKO; FINCK, 2016).

O Futebol escolar e suas possibilidades educacionais

No Brasil, o Futebol, esporte natural da Inglaterra, está frequentemente presente na vida dos brasileiros. E cabe ressaltar que não é necessário que as pessoas sejam praticantes da modalidade em questão para conviverem com o esporte no seu cotidiano. Sendo assim, ficar distante, indiferente a esse esporte, é uma possibilidade quase que improvável (SILVA; CAMPOS, 2014).

Nas aulas de Educação Física, o conteúdo que se apresenta com mais frequência no Brasil é o Futebol; porém, o observável é que, durante essas aulas, o esporte ensinado dificilmente transcende as questões técnicas e o jogar de forma livre (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2010). Segundo Silva e Campos (2014), as escolas, em todo o decorrer dos tempos, não reconhecem a modalidade Futebol como um meio possível de educação e de formação social, cultural dos alunos.

De acordo com Scaglia, “ao ensinar tem-se o compromisso com o formar. Formar o cidadão que para se superar e ser sujeito histórico no mundo necessita desenvolver sua criticidade, sua autonomia, sua liberdade de expressão, sua capacidade de reflexão, sintetizando sua cidadania” (SCAGLIA, 1999, p. 26). Entretanto, Scaglia acrescenta que ensinar Futebol não é simplesmente transmitir conhecimento ou reproduzir gestos, em que os discentes não passam de receptores passivos e sem habilidade de criticar e/ou discernir. Afinal, segundo o teórico, deve-se entender o ensinar Futebol como uma prática pedagógica, que ocorre num processo de ensino-aprendizagem, considerando o sujeito aluno, oportunizando possibilidades para uma estruturação dessa linguagem (literacia), introduzindo e fazendo com que haja uma interação entre o novo conhecimento e o saber prévio do alunado, ampliando de certa forma a bagagem cultural e motora desse indivíduo.

Para Silva e Campos:

O futebol não é apenas um esporte (entendido como um conjunto de regras, organizado em federações, com calendário próprio e corpo técnico específico – jogadores, administradores e público assistente), ele é muito mais, já que faz conexões históricas com temas e dilemas sociais, o que nos leva a inferir que deveria estar presente de maneira reflexiva no cotidiano escolar, principalmente nas aulas de Educação Física (SILVA; CAMPOS, 2014, p. 39).

Dentro desse cenário e dessa ótica, o Futebol precisa ser tratado de forma que os alunos não só pratiquem o esporte, como também tenham conhecimento sobre questões culturais, que envolvem as causas que dificultam a expansão do Futebol feminino, por exemplo, questões como homofobia, violência e racismo, que estão presentes no meio, entre outras possibilidades que estão para além do desenvolvimento de habilidades motoras e da capacidade física (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 922-923).

Pensando de forma pedagógica, o ensino do Futebol deve estar além do aprendizado do jogo e de seus parâmetros, de forma que agregue hábitos, condutas motoras e algum valor cultural, despertando no alunado o sentimento de solidariedade, cooperativismo, estimulando autonomia, criatividade. Devem fazer parte do ensino, nessa perspectiva, os valores éticos, sociais e morais, para que o aluno (no plural) se torne um agente transformador do seu tempo, interessado em uma sociedade em que sua cidadania lhe permita viver bem (SCAGLIA, 1999).

Para Darido e Souza Júnior (2010), é de extrema importância ressaltar que o Futebol no contexto escolar, assim como a própria EFE, tendo em vista os conteúdos programáticos e as atividades propostas, deve ter um caráter inclusivo, em que as necessidades socioeducativas de todos os alunos sejam dinamizadas, angariando o desenvolvimento pessoal dos mesmos. Ou seja, “não se pode mais tolerar a exclusão que historicamente tem caracterizado a Educação Física na escola. Todos os alunos têm direito a ter acesso ao conhecimento produzido pela cultura corporal do movimento” (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 922).

Cardoso (2003), a título de contextualização, entende que o Futebol nas aulas de EF deve ser utilizado de maneira que o ensino, a educação (escolarização) e as atividades propostas alcancem as pessoas de ambos os sexos. O processo se torna importante enquanto as questões do ensino do desporto (leia-se: esporte) são construídas, justificadas e viabilizadas. O Futebol deve ser de forma geral ensinado a todos, sem exceção.

Conforme Silva e Campos:

Não merecem atenção por parte da educação física escolar os fatos racistas que acontecem, sobretudo nos campos de futebol europeus? Já no Brasil, tal prática não ocorre explicitamente como na Europa, mas de forma velada quando se alimenta o

FUTEBOL NA ESCOLA

mito que o bom jogador é nascido e criado nas periferias das cidades e o bom dirigente precisa ter conhecimento específico para administrar o clube e seu patrimônio (SILVA; CAMPOS, 2014, p. 39).

Pasmem: na sala de aula, todos têm, em tese, o direito de aprender e em iguais condições. Mas, no esporte, existe uma máxima por parte dos educadores que é mais fácil ministrar aulas e obter um melhor resultado ensinando somente aos que são talentosos, fortes ou mais altos, desprezando os menos favorecidos fisicamente (SCAGLIA, 1999). Por essa razão, o Futebol no âmbito escolar merece e deve ser tratado de forma didática e pedagógica, alcançando todo o público discente com o intuito de colaborar na “formação de alunos críticos e autônomos na tarefa de ler e interpretar o mundo à sua volta” (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 924).

De acordo com Silva e Campos:

Infelizmente, temos percebido que o futebol escolar vem sendo tratado no interior da maioria das escolas brasileiras de forma reducionista. Através de constatações cotidianas ou mesmo de trabalhos de pesquisa, vemos que durante as aulas de Educação Física, o futebol acontece apenas no nível da prática (o fazer pelo fazer), desprovido de reflexões teóricas sobre o saber fazer corporal ou sobre as referidas conexões sociais que permite e vivenciado, na maioria das vezes, de maneira sexista, onde é oferecido como atividade apenas ao grupo masculino (SILVA; CAMPOS, 2014, p. 40).

Não obstante, ao ter um novo sentido e significado dado à Educação Física, o Futebol deixa de ser visto como um conteúdo atrelado apenas ao ensino de gestos motores padronizados e teoricamente correto. Indubitavelmente, é possível ter algo além, em que o alunado tenha a compreensão sobre os sentidos e significados impregnados nas práticas corporais (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2010). Para cumprir esse objetivo, é preciso que nas aulas de Futebol sejam abordados assuntos que perpassam o ensino de regras. Temas que expõem a realidade da vida profissional dos atletas, asserções sobre os esquemas táticos praticados pelas equipes, assim como a respeito da fisiologia humana etc. Quer dizer, levantar assuntos negligenciados que se <> justificam </> pela falta de preparo de um número expressivo de docentes. Porém, há a necessidade de serem apresentados e trabalhados com os discentes, possibilitando-lhes uma melhor percepção de suas práticas corporais (SILVA; CAMPOS, 2014).

O intuito não é negar a vivência prática do Futebol no âmbito escolar. Mas o esporte Futebol não pode ser considerado na Educação Básica como apenas um simples jogo, sem maiores reflexões relacionadas diretamente a tudo o que a prática dessa modalidade envolve. Busca-se, então, que o Futebol seja compreendido como uma prática pedagógica, e, sendo assim, torna-se necessário que haja planejamento e conhecimento da atividade que está sendo proposta e a necessidade de uma logística para facilitar e tornar mais aprazível o processo ensino-aprendizagem. É importante também que seja entendido que as quadras, os campos

ou os pátios não são os únicos e exclusivos espaços que possibilitam o desenvolvimento das aulas de Educação Física, ou seja, do Futebol enquanto componente curricular. Há outros sítios, tanto internos como externos da escola, capazes de propiciar diversas metodologias (SILVA; CAMPOS, 2014).

Nesse esteio, a seguir, serão apresentadas algumas atividades enquanto proposta de trabalho para a EFe, com possibilidades educacionais nas aulas de Futebol proporcionadas aos discentes. As propostas são baseadas em um artigo científico que tem por título “Refletindo sobre a tematização do Futebol na Educação Física escolar”, de Darido e Souza Júnior (2010), e no artigo intitulado “O ensino do Futebol da escola: a perspectiva da cultura corporal”, publicado por Santos (1999). Os temas que serão listados visam a apresentar essa proposta de trabalho para um devido desenvolvimento das aulas sobre Futebol na EFe, contribuindo para uma maior aproximação do professorado com a temática abordada no referido ensaio-teórico.

Apresentação temática

Atividades de Futebol para a EFe

Os temas apresentados são fruto de experiências praticadas, raciocinadas e organizadas com um propósito definido. Portanto, o intuito é que sirvam de exemplo para professores que já atuam nas escolas, bem como aos futuros educadores, que estão propensos a rever e a pensar sua prática pedagógica, buscando ensinar aos discentes de ambos os sexos o prazer de jogar com o outro, e a funcionalidade do esporte em nossa sociedade (SANTOS, 1999). Assim, seguem as temáticas propostas por Darido e Souza Júnior (2010) listados entre os subtópicos 3.1 e 3.6, e, respectivamente, as atividades sugeridas por Santos (1999), apresentadas do subtópico 3.7 em diante.

Dimensões sociais do esporte: discussões e ressignificações

Neste tema, a abordagem possibilita que os alunos reflitam sobre as diferenças encontradas nas formas de se praticar esporte. Os textos, as discussões e as vivências propiciam a identificação dos significados particulares que estão presentes, quando se faz uma atividade mais lúdica do jogo no clube, quando se assiste a um jogo do campeonato brasileiro da dita modalidade, e quando se joga Futebol na escola, objetivando a inclusão de todos independentemente do nível de disponibilidade motora. O jogo de casais ou de pares é a vivência que, por exemplo, fornece o cenário para estas discussões e ressignificações do esporte escolar.

Futebol e cultura popular: o esporte volta a ser jogo

Neste tema em específico, os jogos da cultura popular como rebatida, gol-de-cabeça e jogo de golzinhos são resgatados no espaço escolar para ilustrar como o esporte institucionalizado, criado a partir de jogos, se desmembra em outros; além de serem praticados de diferentes maneiras pelo mundo afora. O resgate, bem como a valorização de jogos e brincadeiras de

outras épocas, também são aspectos refletidos, tendo como objetos de análise entrevistas e pesquisas com pessoas de outras gerações.

Futebol feminino e seu contexto: debates e reflexões sobre a temática

A partir de uma vivência em que o corpo discente tem a oportunidade de jogar Futebol em grupos mistos e posteriormente separados por sexo, é proposta, neste tema, uma discussão no sentido de refletir sobre a construção diferenciada do biótipo corporal masculino e feminino em nossa sociedade, que repercute, entre outros aspectos, nas diferenças motoras entre os gêneros. O tema apresenta ainda textos que discutem a história do Futebol feminino em nosso país, notadamente o preconceito enfrentado pelas meninas que <<se arriscam>> a jogar Futebol no Brasil. Por fim, a partir de um artigo científico, é proposto um debate com a turma para discutir e refletir sobre a temática do Futebol feminino e do preconceito de gênero.

Futebol e ética: ponderações fulcrais acerca do jogo

Este conteúdo é apresentado por questões que permitam/provoquem os alunos a refletirem sobre atitudes como honestidade, justiça e solidariedade no Futebol. Em seguida, o alunado participa de uma vivência de jogos de Futebol propositalmente pautado por regras injustas, que acabam por excluir ou menosprezar uma parcela dos discentes. Para se criar o contraponto, em outra vivência, o alunado participa de jogos de Futebol em equipes equilibradas e com critérios justos de disputa. Posteriormente, encaminha-se uma discussão sobre as questões éticas envolvidas em cada uma das atividades.

A origem do Futebol: do jogo ao esporte

Este tema pretende apresentar um pouco da evolução histórica do Futebol, apontando fatos que comprovam como um conjunto de jogos com os pés e até com as mãos, espalhados pelo mundo, convergiram para a institucionalização do esporte Futebol que conhecemos hodiernamente. Dentre as vivências indicadas para este fim, cabe destacar a produção de textos denominada de “Reinventando a histórica do futebol”, por meio da qual os discentes em grupos criam histórias fictícias para a origem do esporte. Tal estratégia proporciona a criação em grupo, o diálogo, a cooperação, a reflexão crítica, entre outras habilidades e competências que se juntam para a resolução de um problema tematizado pelo Esporte-rei.

Futebol no Brasil: da elite ao povo

Nesta abordagem, os alunos tomam conhecimento da origem elitista do Futebol brasileiro, que excluía os desabastados, principalmente negros domiciliados em aglomerados subnormais, cabendo uma reflexão sobre a apropriação do Esporte-rei pela população de baixa renda, que tem nessa modalidade, além da opção de lazer, a expectativa de mobilidade socioeconômica. A vivência de um jogo de Futebol, em que o critério da escolha das equipes e o tempo de jogo excluem da aula os alunos menos habilidosos, serve de base para um debate sobre como o esporte escolar pode ser excludente e cruel para quem não possui determinado <<nível de

habilidade>>. O tema compreende ainda uma galeria de craques da história do Futebol brasileiro e suas biografias, com o intuito de valorização da memória da modalidade.

Tematização: as regras do nosso Futebol

Objetivos: aprendizagem das regras de Futebol; conhecer quem elabora as regras do desporto Futebol e elaborar as regras do nosso Futebol;

Materiais: livro de regras internacionais do desporto Futebol. Texto: “Futebol de Rua” e uma bola;

Atividades: divisão do estudo das regras oficiais por grupos (cada grupo fica responsável por fazer uma síntese de uma parte das regras e de apresentá-las para o grupo). A segunda parte dessa atividade constitui-se de Leitura e discussão, em aula, do texto “Futebol de Rua”. Debate sobre a construção das regras do nosso Futebol;

Problematizações: por que existem as regras do Futebol? Quem criou essas regras? Qual a diferença das regras do desporto Futebol e do Futebol de Rua? Podemos criar o nosso próprio Futebol a partir de nossas experiências no jogo e de modo que permita uma participação integral de toda a turma?;

Possibilidades de avaliação do ciclo: verificar, durante o processo de ensino-aprendizagem, se o aluno consegue estabelecer generalizações, ou seja, nexos entre a sua prática de movimentos e sua capacidade de abstração.

Tematização: o Futebol como espetáculo esportivo (a pelada)

Objetivo: jogar, da melhor maneira possível, “com” o adversário e não “contra” o adversário;

Materiais: um campo sem delimitação de área, com uma meta em cada lado do campo e uma bola;

Atividades: duas equipes jogam entre si, sendo que cada uma tem um goleiro. As regras do jogo são decididas momentos antes do início da partida;

Problematizações: quando jogamos “com” o adversário e “contra” ele? Quais as vantagens e desvantagens de fazer as jogadas sozinhas ou em grupo?

Tematização: dribles em área ampla

Objetivos: armar o ataque;

Materiais: campo sem delimitação, com duas metas em cada lado e uma bola;

Atividades: divide-se a turma em duas equipes, que podem fazer gol de qualquer lado da meta do adversário. Deve-se privilegiar uma área grande para o jogo. Após algum tempo, trocam-se as metas, colocando duas com três lados cada (isso pode ser conseguido pondo-se três bastões dispostos em forma de triângulo);

Problematizações: quais as possibilidades que podemos criar para sair jogando com a bola da nossa meta? A disposição da equipe facilita a troca de passes curtos ou longos? O que pode ser criado para que o time saia com velocidade para o ataque?

Tematização: o Futebol como processo de trabalho

Objetivos: constatar o que está por trás da organização do desporto e participar do processo de construção de um torneio comunitário de Futebol de rua;

Material: reportagens de revistas de circulação nacional que versam sobre as falcatruas do Futebol;

Atividades: debater os textos, elucidando as questões que estão por trás da organização desportiva no Brasil. Discutir os passos para a organização de um torneio comunitário de Futebol de rua, a ser construído entre as turmas e a comunidade em que está inserida a escola;

Problematizações: a organização desportiva brasileira privilegia a quem (o povo, os atletas, os dirigentes etc.)? Como podemos envolver a comunidade na organização de um torneio de Futebol de rua? Qual a importância desse contato entre a escola e a comunidade?;

Possibilidade de avaliação: averiguar se o aluno comprehende e consegue explicar as propriedades comuns entre os objetos e se consegue discernir as contradições expostas pelo nosso sistema social e seus órgãos (Futebol como uma cultura de massa e manipulação ideológica do esporte).

Considerações finais

Diante do exposto, conclui-se que o Futebol no contexto escolar apresenta de maneira expressiva aspectos educativos valiosos, que, considerando o alunado, pode ser trabalhado nas aulas de Efe, oportunizando cada vez mais o desenvolvimento dos aspectos culturais, sociais, éticos e morais. Portanto, para que as possibilidades educacionais presentes no Futebol da Escola sejam perceptíveis e compreendidas, torna-se necessário que o esporte receba um tratamento didático e pedagógico, buscando se apropriar de vários ou todos os meios necessários para que o alunado e a sociedade percebam, ou melhor, compreendam o Futebol Escolar não apenas como um esporte estritamente inserido na cultura do nosso país, mas também como um elemento importante para a formação integral do alunado.

Assim, é satisfatório ter o esporte possibilitando, além do desenvolvimento das habilidades motoras, a integração social do alunado, tornando-os pessoas críticas e bem informadas, com autonomia, respeito pelo próximo (ainda que este esteja na posição de adversário), a habilidade de refletir e praticar atitudes como honestidade, o trabalho em equipe, dentre outras características importantes nas relações interpessoais. Sob esse pressuposto, conclui-se que as aulas precisam alcançar todo o público discente, sem exceção. E fazer com que eles assumam não apenas o lugar de <<reprodutores>> de gestos motores padronizados, mas que compreendam, critiquem e repensem as atividades propostas. Portanto, para um resultado positivo na busca pela formação do indivíduo como um ser crítico, formador de suas próprias opiniões, é necessário que a EFe promova constantemente atividades com diferentes estímulos, de modo a desenvolver o caráter analítico, isto é, crítico/profundo.

Para esse caso, segundo essa proposição, o ensaio traz como opção o Futebol. Afinal, a modalidade é um esporte necessariamente coletivo. Logo, desenvolve teoricamente todas as questões mencionadas em um espaço curto de tempo, dado que a duração do jogo é regulada, submetendo e forçando o praticante a usar diversos domínios motores, decifrando os diferentes impulsos, avaliando, considerando e decidindo, além de trabalhar e controlar as emoções estimuladas durante o jogo, em momentos e volumes variados, repetidas vezes.

E para o docente proporcionar esse desenvolvimento integral ao alunado, ele deve promover atividades que trabalhem simultaneamente os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, sendo necessário um planejamento prévio significativo. Assim, o alunado terá estímulos variados, que comumente estão presentes no seu contexto social, ou seja, em seu cotidiano. Contudo, é indispensável que o docente conheça a turma e o contexto social em que o alunado está inserido, assim como a instituição.

Dessa forma, em síntese e sublinhando o que foi dito antes, é perceptível que o Futebol e a Educação Física escolar não podem ser tratados apenas como atividades lúdicas para passar o tempo do alunado durante o intervalo das disciplinas ditas convencionais ou como um simples jogo (fazer pelo fazer). O Futebol, assim como qualquer outro esporte, seja ele coletivo ou não, pode – <<deve>> – potencializar, como apresentado neste ensaio, uma gama de valências

FUTEBOL NA ESCOLA

físicas, psicológicas e técnicas essenciais no processo de maturação dos indivíduos, propondo reflexões diante de tudo que envolve a prática dessa modalidade *sui generis*. Além disso, em última análise, existem inúmeras e variadas formas de atividades para suprir e preencher lacunas apresentadas ou diagnosticadas no processo de desenvolvimento, especialmente durante as aulas de Educação Física no âmbito escolar.

Referências

- BETTI, M. Ensino de 1º e 2º graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, p. 282-7, 1992.
- BETTI, M. Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994a.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 7.382, jan./dez. 2001.
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, ano VI, n. 12, p. XIV-XXIV. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física / Secretaria de educação fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasil, 2018.
- CARDOSO, Ana L. Futebol Co-Educativo na Concepção Crítico Emancipatória. In. Kunz, Elenor (Org). **Didática da educação física 3: futebol**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- COSTA, A. R.; KUNZ, Elenor. Esporte na escola: conhecer, experimentar e transformar. **Em Aberto**. Brasília, DF, v. 26, n. 89, p. 119-129, jan./jun. 2013.
- DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz: Revista de Educação Física (On-line)**, v. 16, p. 920-930, 2010.
- GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- NEIRA, Marcos; UVINHA, Ricardo Ricci. **Cultura corporal: diálogos entre educação física e lazer**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- PAULA SILVA, Maria Cecilia de. Educar para superar: uma reflexão sobre a educação física escolar. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 205-220, nov. 2004.

FUTEBOL NA ESCOLA

PUGLIESE, Rossana; SANTOS, Darlan, Tavares dos. Acompanhamento do desenvolvimento motor da criança na educação física escolar: um ato inegociável! In: MOCARZEL, Rafael carvalho da Silva (Org.). **Licenciatura em Educação Física**. Curitiba: Appris, 2021. p. 109-120.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x Revisão narrativa. **Acta Paul Enferm**, 20(2):vi, 2007.

SANTOS, Alex Sandro Batista dos. O ensino do futebol da escola: a perspectiva da cultura corporal. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 13, p. 185-204, jan. 1999.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 242 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

SEDORKO, C. M.; FINCK, S. C. M. Sentidos e significados do esporte no contexto da educação física escolar. **J. Phys. Educ.** v. 27, e2745, p. 1-10, 2016.

SILVA, S. R.; CAMPOS, P. A. F. Futebol e a educação física na escola: possibilidades de uma relação educativa. **Revista Ciência e Cultura**, v. 66, n. 2, p. 39-41, 2014.

SOUZA, Eliane das Dores de. **Futebol**: paixão, produto ou identidade cultural. 2013. 25 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, SP.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. A educação física no currículo escolar e o esporte: (im)possibilidade de remediar o recente fracasso esportivo brasileiro. **Pensar a Prática**. v. 4, p. 19-30, jul./jun. 2000-2001.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

VIANA, R. J. **O futebol na Educação Física escolar**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Curso de Educação Física Licenciatura, Criciúma, SC.

“TUA GLÓRIA É A TUA HISTÓRIA”: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O COLÉGIO VASCO DA GAMA

Roberto Magdaleni de Frias Filho
Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari
Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

Introdução

Sob um prisma histórico e sociológico, os esportes (ou desportos) são um fenômeno integrante da história humana (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007), podendo ainda ser definido como parte da identidade da humanidade (MURAD, 2007). Hodieramente, Gumbrecht (2001) afirma que o esporte é o fenômeno cultural contemporâneo mais popular no que diz respeito ao prazer e à beleza, ou seja, algo que toca e permeia esferas estéticas.

Ao que tange sua execução, o fenômeno esportivo pode ser praticado e difundido em miríades de diferentes formatos, popularmente nomeadas de modalidades esportivas. De modo geral, Tubino (2011) diz que os esportes podem ser expressados como esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance. Sob tal pensamento, fica aludido que o esporte pode ir além da competição como fim principal, pois como aponta Bento e Bento (2014, p. 51): “Essencialmente pertence ao domínio do simbólico e ‘artístico’: cumpre objetivos educativos, sociais, filosóficos e culturais, éticos, estéticos e morais. Serve o processo civilizador, isto é, visa melhorar o índice de civilização”. Logo, fica claro que o esporte pode influenciar significativamente na formação do ser humano, tocando suas diferentes áreas de atuação.

Para o desenrolar desta pesquisa, elenca-se aqui o futebol. A referida prática esportiva é a mais popular do mundo e possui adeptos de ambos sexos e de várias idades. A FIFA (Federação Internacional das Associações de Futebol), entidade regente do futebol mundial, possui 208 nações associadas. Segundo a entidade, existem mais de duzentos milhões de jogadores de futebol ao redor do mundo (FIFA, 2009). Desde seu surgimento até a atualidade, o futebol passou por momentos distintos e teve que se modificar e se adaptar ao passar dos anos, para que assumisse o papel que o coloca hoje, com uma das maiores atrações esportivas do mundo.

Desde a chegada do futebol ao Brasil no final do século XIX, foi possível observar questões sociais, políticas e econômicas presentes no que contorna o esporte. Com isso, é importante entender a sua origem e difusão no país. Trazido da Inglaterra pelo paulistano Charles Miller, que chegou ao país com alguns materiais como bolas de couro, algumas regras e uniformes, o futebol foi introduzido em nossa sociedade dentro de indústrias e em seguida em clubes

paulistas, ainda que com pouca relevância (MANTOVANI, 1999). Em suas primeiras décadas no Brasil, o futebol era um esporte elitista, em que donos de fazendas, indústrias e descendentes de ingleses praticavam sem qualquer seriedade, apenas por divertimento. O futebol era visto de forma amadora e com pouca popularidade por conta da sociedade, mas no final da década de 20, com uma mudança no governo do então presidente Getúlio Vargas, iniciou-se um investimento em ações coletivas no país. Com isso, o governo tentou alcançar uma grande quantidade de pessoas para a prática de esportes no Brasil (MEZZADRI, 2013).

Mesmo com certo investimento e crescimento do esporte no país, surgiu um problema ainda maior, o futebol ainda era visto como um esporte amador e não-remunerado. Com isso, atletas preferiram se mudar para outros países como Argentina e Uruguai, para buscar melhores condições de vida. Junto a isso, evidencia-se o maior dos problemas do futebol na época, o racismo. Diferentemente do que ocorria na Europa, o futebol passou a ser praticado no Brasil por negros libertos que aproveitavam o seu tempo livre nas periferias das cidades para jogar e disseminar o esporte (FILHO, 2010). Porém, com o passar dos anos, o futebol se tornou elitista, o preconceito no país já era muito grande por conta dos negros serem perseguidos na sociedade. A prática do futebol passou a ter outro sentido e era usado como forma de superioridade pela elite sobre os negros, com isso o futebol foi amador por muitos anos.

Com o passar das décadas, o esporte que ainda possuía federações que se posicionavam de forma racista e aristocrática, com times se recusando ou então aceitando um negro apenas se não houvesse um jogador branco tão bom quanto ele, o esporte foi ganhando força entre as camadas mais populares e então surge um clube que estaria disposto a lutar por causas sociais que iriam contra as “regras” naquele tempo. Em 1898, o Club de Regatas Vasco da Gama é fundado por comerciantes portugueses, que já moravam no Rio de Janeiro e que tinham primeiro um clube de regatas, que após alguns anos foi formar um time de futebol. Em 1923, o Vasco conquista o primeiro título do futebol nacional com um elenco, em sua grande maioria, formado por negros, mulatos e pobres. Enquanto os times da zona sul tinham por sua formação elitista, apenas jogadores ricos e/ou estudantes, o Vasco surge como um clube revolucionário (FILHO, 2010).

A partir desse momento histórico, o futebol passou a ser visto com outros olhares e ganhou força em seus bastidores. O Vasco, até os dias de hoje, pode e deve ser utilizado como ferramenta de pesquisa quando se trata do assunto futebol, mas principalmente por conta de suas lutas sociais no esporte. Com o aumento da globalização e temas sociais ganhando mais destaque, pautas como racismo, inclusão, xenofobia e assuntos políticos continuam sendo interligados com o futebol. O Vasco segue fazendo o seu papel, em 2004, construiu um local para que seus atletas pudessem estudar, o Colégio Vasco da Gama, dentro de seu estádio, visando dar maiores oportunidades para seus atletas e colocar a sua história grandiosa dentro dos currículos da escola (MELLO, 2010).

O Colégio Vasco da Gama, assim como o clube de futebol Vasco da Gama, possui uma relação histórica com as lutas sociais e a inclusão social. O clube Vasco da Gama foi fundado

com o objetivo inicial de proporcionar a prática do futebol a imigrantes portugueses. Desde então, o Vasco se tornou um símbolo de resistência e engajamento social no cenário esportivo brasileiro. O Colégio Vasco da Gama, vinculado ao clube, também carrega esse compromisso com as lutas sociais e a inclusão. A instituição busca promover uma educação de qualidade e igualdade de oportunidades para seus alunos, independentemente de sua origem social, étnica ou econômica. A escola tem como princípio o respeito à diversidade e a valorização da inclusão, proporcionando uma educação de qualidade para todos os estudantes.

Sendo assim, o presente trabalho tem o objetivo geral de apresentar o Colégio Vasco da Gama através de um estudo de caso do mesmo. Mais especificamente, objetiva-se ainda apresentar sua importância para o clube, atletas, alunos e sociedade, com dados em forma de pesquisa *in loco* e entrevista com a responsável social da escola. Colocar o colégio em evidência, com seus objetivos, metodologias, materiais de estudo, relação aluno-atleta. Esta pesquisa procura, contudo, evidenciar algumas situações expostas pela escola com relação a realidade do futebol, principalmente, e também mostrar como é a vida de um aluno e atleta do clube que não tem contato com instituições padronizadas ao redor do país. A partir da obtenção de informações e consultas dadas pela responsável social da escola, eles conseguem obter o resultado que espera? A história de lutas sociais do clube ajuda no crescimento da escola e do aluno? Como a escola utiliza os meios sociais nas aulas de educação física?

Desenvolvimento

A evolução histórica do futebol no Rio de Janeiro

O futebol é uma das principais modalidades esportivas do país e a paixão das pessoas pelo esporte fica visível no dia a dia. Bastante comum encontrarmos indivíduos usando camisas dos seus times de coração pelas ruas e buscando a todo momento informações sobre ele em qualquer meio de comunicação, seja ele online ou físico. Por ser um esporte presente na vida e na cultura dos brasileiros, é fundamental entender sua origem e difusão no país. O futebol é um fenômeno esportivo com grande relevância social e desperta interesse a todo momento por pesquisadores um interesse em entender como aconteceu sua evolução no Brasil e para isso é preciso compreender que esteve a todo momento ligado com a questão social do país (OLIVEIRA; COLPAS, 2014).

Com a chegada do futebol ao Brasil, foi grande a adesão pelo esporte, assumindo importante protagonismo com a prática coletiva que logo fazia parte da rotina nas escolas e da população pela facilidade de ser praticado, proporcionando alegria, integração e qualidade de vida aos praticantes. Nascido no bairro paulistano do Brás, Charles Miler viajou para a Inglaterra aos nove anos para estudar e lá teve seu primeiro contato com o futebol e, ao retornar ao Brasil, no final do século XIX, trouxe na bagagem materiais necessários para a prática do futebol e, além disso, um conjunto de regras do jogo. Pode-se considerar que Charles Miler foi o precur-

FUTEBOL NA ESCOLA

sor do futebol no Brasil. A partir desse momento histórico, no início do século XX, começa a jornada do esporte no país, principalmente nos grandes Estados, como Rio de Janeiro e São Paulo. Uma grande luta e reconhecimento do futebol como esporte profissional foi travada e com isso grandes momentos marcam até os dias atuais como foi a evolução do futebol no país (OLIVEIRA; COLPAS, 2014).

Nos anos iniciais do esporte no Brasil, a forma amadora foi a melhor encontrada para a prática, com partidas realizadas de maneira recreativa e de lazer, donos de fábricas e pessoas de maior escalão na sociedade, os “Aristocráticos”, sujeitos que vinham de uma família tradicional, que estudou e tinham dinheiro, como eram um grupo seleto, queriam o futebol apenas para eles e se misturar com trabalhadores braçais, comerciantes e pessoas de baixa estirpe da sociedade, como negros e operários não era uma opção que passava pelo pensamento deles, com isso a maneira que esses sujeitos conseguiam dizer isso, era através da defesa do futebol amador. Porém, com o passar dos anos o futebol se mostrou que os estatutos elitistas e racistas daqueles que se achavam os donos do jogo, não impediam as pessoas excluídas da sociedade de praticarem, muito pelo contrário. Foram criadas ligas suburbanas, se sobressaindo e criando termos como “pelada” e toda a ginga do futebol brasileiro (CALDAS, 1989).

De acordo com Caldas, Toledo (2000) caracteriza esse período da seguinte maneira:

O amadorismo, regime vigente no futebol brasileiro por um período de aproximadamente trinta anos, teve seu ocaso em 1933. Era denominado de amador, pois entre outras características fundamentais, proibia, através dos estatutos das primeiras associações e federações que os jogadores recebessem qualquer benefício que configurasse uma remuneração para jogar. Emprestava- se ao jogo um significado pretensamente educativo (TOLEDO, 2000, p. 10).

Com isso, ao passar dos anos muitos clubes foram fundados, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, times que pertenciam apenas as regatas e se direcionavam para o remo, também formaram suas equipes de futebol. Como já citado anteriormente, os praticantes de futebol pertenciam à elite intelectual e social do país. Conforme Caldas (1989, p. 53), “O Flamengo, por exemplo, nesta época, chegou a ser campeão estadual com um elenco invejável: a maioria do time era composto por estudantes de medicina, direito e filhos de comerciantes ricos, que não estudavam”. Com isso, os clubes do Rio de Janeiro fundados em sua maioria na zona sul da cidade, como o clube já citado e o Fluminense e o Botafogo, e onde estavam concentrados a elite, detinham uma alta influência e poder de determinar quem poderia praticar o esporte, criando restrições bastante severas. Dessa forma, nos primeiros momentos do futebol no brasil, os clubes tinham um grande potencial de poder, já que a quantidade de times era curta, situação que permitia que os próprios clubes regulassem e mantivessem o esporte ainda amador (CALDAS, 1989).

Um dos primeiros clubes a fazer algo distinto, mesmo que indiretamente, foi o The Bangu

Athletic Club, clube fundado pelos investidores da Companhia Progresso Industrial Ltda, o Bangu era localizado longe dos centros e principalmente, da zonal sul da cidade. Com um número restrito de funcionários ingleses na fábrica, o clube tinha dificuldades em formar times para que pudesse treinar e com isso, uma solução foi convidar sócios ingleses de outros clubes para fazer parte da equipe. Porém, como a maioria desses clubes ficava longe da sede do Bangu, a última alternativa foi agregar operários brasileiros ao time. Com esta inserção, os trabalhadores passavam a ter privilégios na empresa e poderiam ser promovidos a outros cargos. Havia uma disputa entre operários interessados nos benefícios da empresa, participando dos treinamentos no clube (CALDAS, 1989).

A partir desse momento, o Bangu foi considerado um dos primeiros clubes a democratizar o futebol, permitindo que operários e pessoas que não pertenciam à elite, jogassem e praticassem o esporte. Importante frisar que esta democratização ocorreu apenas por conta da necessidade dos ingleses, donos da fábrica, que queriam participar dos campeonatos no Rio de Janeiro. Com pouco tempo de fundação, The Bangu Athletic Club, ganhou bastante prestígio e se tornou mais famoso que a própria fábrica que pertencia ao clube. Com isso, a empresa passou a ser vista com outros olhos e o futebol ajudou na promoção e divulgação da mesma, já que o clube conquistava importantes vitórias, e mostrar-se que era um lugar democratizado, era de extrema relevância para o mercado na época. Dessa forma, a estrutura do clube foi alterando e junto a isso, a seleção de melhores funcionários era diretamente ligada aos jogadores, que trouxe como consequência uma das primeiras rupturas, mesmo que pequena, entre o amadorismo e a lógica elitista na qual o futebol estava inserido no momento (CALDAS, 1989).

Caldas, sob esse prisma histórico, deixa transparecer que: “entre outras coisas, esta foi uma época onde prevaleceram a visão romântica do futebol, a voluntariedade dos jogadores, a desorganização (amadorismo) e é claro, a paixão e a injustiça para com os atletas.” Com o caso do Bangu em relação a escalação de trabalhadores para disputar jogos e campeonatos de futebol, com o intuito de obter sucesso nos campos, outros clubes passaram a seguir um caminho parecido. Fundado em 21 de agosto de 1898, o Clube de Regatas Vasco da Gama é um exemplo de clube que decidiu lutar por uma causa maior. No campeonato carioca de 1923, decidiu escalar em seu time, negros, operários e analfabetos, para a disputa do estadual. O Vasco se consagrou campeão naquele ano e, como consequência, estimulou mudanças profundas na estrutura e visão do futebol carioca. Diferentemente do Bangu, o Vasco decidiu por conta própria lutar contra o sistema e ter seus jogadores de classes inferiores. Ainda que tivesse sua lógica amadora e elitista, era necessária uma recompensa para que jogadores pobres se dedicassem aos treinamentos, esse momento do esporte no país ficou conhecido como “amadorismo marrom”. Porém, tais recompensas deveriam ser acobertadas, pois era uma prática ainda ilegal no meio esportivo (CALDAS, 1989).

A partir deste pensamento, Toledo (2000, p. 10) cita esses benefícios aos jogadores que pertenciam a classes desfavorecidas como:

FUTEBOL NA ESCOLA

Porém, frequentemente burlavam-se tais restrições, decorrendo deste fato, inclusive o aparecimento de ganhos extras, tais como as recompensas popularmente conhecidas como “bichos”. Para alguns, o futebol já deixava entrever uma via de acesso para a ascensão social.

O futebol transformava-se cada vez mais popular dentro da nossa sociedade, as torcidas dos clubes aumentavam cada vez mais e com isso, já cobravam de seus clubes vitorias e títulos. O momento do esporte como *hobby* ou lazer estava prestes a ter seu fim, colocando em seu lugar a ambição por premiações por parte dos jogadores. Portanto, a ideia amadora/elitista do futebol, estabelecido na sua chegada ao Brasil, tornava-se mais distante, a sociedade percebeu que o esporte poderia ter outra importância para bens comuns e individuais. O que antes acontecia dentro do cenário racista no futebol, clubes que faziam suas regras e os atletas ficavam dependentes desses estatutos, passou a acontecer com os clubes e o surgimento de confederações e federações, que viam ali uma oportunidade de regulamentar as ações dos clubes e como consequência, esvaecer o potencial de poder dos clubes sobre os atletas, já que no momento se tornavam submissos a essas instituições. Dessa maneira, criaram-se grandes tensões entre os agentes e os clubes e o amadorismo vs profissionalismo passou a ser debatido com mais frequência pelos bastidores (ALMEIDA, 2012).

O início dos anos 1930 foi de extrema importância para o esporte no país, já que era um momento de muita tensão entre clubes e confederações com as novas ideias para o futebol surgindo. Nesta década marcou o momento de reconhecimento oficial da profissionalização do futebol no Brasil. Foi nesse momento que o futebol ganhou maior expressão e deixou de ser totalmente apenas um lazer, permitindo que uma ainda minoria da sociedade, ganhasse a vida através do futebol. Nos anos anteriores, como já citado, o que se observava no Brasil era a insustentabilidade do futebol amador. Os jogadores eram pagos de maneira informal para poder se dedicar apenas ao esporte. A busca pela profissionalização do futebol passou também pela vontade e ideia das confederações e federações em tornar o jogo com um nível maior e com jogadores melhores, para que pudesse tornar algo mais lucrativo para eles (ALMEIDA, 2012).

De acordo com Franzini (2003, p. 46):

Cada vez mais, a necessidade de vitórias era questão de sobrevivência para os clubes, que se pegavam obrigados a atrair melhores jogadores para seus quadros. Isso não apenas implicou o estremecimento de barreiras econômicas, sociais e raciais que definiam um “perfil ideal” para os atletas, como disseminou por praticamente todos os clubes atitudes como a oferta de dinheiro para aqueles que vestissem suas camisas.

Por conta da demora da profissionalização do futebol, passou a ser comum que jogadores

brasileiros deixassem o país, com a perspectiva de atuarem como profissionais em outros países, geralmente sul-americanos, como Uruguai e Argentina. Com a profissionalização do esporte, mesmo que tardia, ocorreram mudanças relativamente grandes no campo futebolístico, como, por exemplo, o capital simbólico dos jogadores de futebol. Se antes, no período amador, os indivíduos eram membros pertencentes da elite, agora, em sua grande maioria, se tratavam de negros, mulatos, pobres, operários, trabalhadores braçais que recebiam um salário compatível ao da época. Com isso, o atleta profissional passa a ser socialmente marginalizado, pois o jogador era tratado como indivíduo incapaz de atuar como operário, sendo necessário recorrer ao futebol. Dessa forma, é possível entender que a transição do futebol amador para o futebol profissional representou um decréscimo de potencial de poder para os jogadores. A eclosão do profissionalismo viria em 1933, quando alguns times do Rio de Janeiro, como Vasco, Bangu, América, entre outros, criaram a Liga Carioca de Football, primeira organização profissional do futebol brasileiro (CALDAS, 1989).

O racismo e a inserção do negro no futebol

O futebol, desde os seus primórdios no Brasil, vive intensa relação com a sociedade e com temas de muita importância, um deles é o racismo. Um esporte que foi ganhando fama ao longo do tempo por conta da sua popularidade e por ser de fácil acesso, teve seus momentos de exclusão. Em um tempo em que a elite comandava o país e ditava como seria a prática de um jogo, negros, mulatos e operários tiveram que lutar muito para que pudessem estar dentro do campo, fazendo o que era de direito para qualquer pessoa. No Rio de Janeiro, principalmente, pela fundação de clubes em zonas ricas da cidade, onde estavam concentradas as camadas mais importantes, essa questão ficou ainda mais evidente (MELO, 2001).

Clubes como Flamengo e Fluminense relutaram bastante para que o negro, pobre e trabalhador pudesse vir a jogar futebol de forma profissional, criaram a Liga Metropolitana de Desportes Terrestres, a liga mais poderosa da época, com taxas cobradas fora da realidade de muitas equipes pequenas. “Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família, se não ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, reduto de baderneiros” (NOGUEIRA, 2016, p. 34). Com isso, eram organizadas nos subúrbios, ligas mais modestas que aceitavam times mais humildades da cidade e assim, esses sujeitos poderiam estar inseridos no futebol. A formação deste grupo de jogadores, que participavam de uma liga excludente, abriu espaço para uma fase inicial do profissionalismo, por conta da forma exclusiva que tratavam o futebol, com tempo e vontade para se dedicarem ao máximo (NOGUEIRA, 2016).

Mesmo com o racismo enraizado e estruturado entre alguns clubes e federações, as equipes enviavam observadores aos jogos das ligas suburbanas para indicarem os melhores jogadores, sendo eles negros e mulatos em sua maioria, para os times da elite na cidade, rompendo muitas barreiras criadas pelos próprios clubes da zona sul. No entanto, algumas situações

dentro do jogo ainda eram expostas, como: “se um branco fizesse uma falta no negro, ele não era punido, mas quando o negro fazia uma falta da mesma forma, era punido rigorosamente” (FILHO, 2010, p. 57). Casos como esses eram notáveis a cada partida e com isso, criar alternativas para controlar a bola sem encostar nos outros jogadores foi fundamental para que os jogadores negros pudessem jogar de uma maneira melhor (MÁRIO FILHO, 2010).

Um dos clubes com papel decisivo nesse cenário de racismo e exclusão dos atletas negros, mulatos e operários, foi o Vasco da Gama, que antes dos anos 1920, durante o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro, passou a recrutar muitos jogadores dos times suburbanos e por ser um time de origem pobre, em um bairro da zona norte da cidade, mudou o aspecto do seu time principal e da sua própria torcida, já que os torcedores mais pobres se identificavam com os jogadores do Vasco, nada parecidos com os meninos da elite que estavam presente nas equipes como Flamengo, Fluminense e Botafogo, principalmente (DALLA'ARA; CÉSAR, 2021).

Esses clubes, denominados clubes da elite do Rio de Janeiro, estavam sempre buscando alternativas e mecanismos para impedirem o acesso ao futebol pelas camadas menos favorecidas da cidade. A sociedade e a cultura da elite, continuaram promovendo e defendendo os interesses da aristocracia no futebol, criando um sentimento de posse e legitimação sobre o esporte. Com o passar dos anos e diante de uma imensa popularização do futebol, os clubes tiveram que entender e aceitar as novas realidades, mesmo sendo contrários a algumas questões. Assim como o cinema, a arte, a música, são elementos de expressão da sociedade, o futebol também passou a ser, fazendo parte da cultura popular (NOGUEIRA, 2016).

O futebol deixou de ser um esporte exclusivo das classes dominantes, das elites, para ser tomado pelas classes desfavorecidas, dos pretos, mulatos, pobres, trabalhadores e operários. Devemos entender que existe um Brasil antes do futebol e um Brasil com futebol, o esporte passou a ser visto por todos como uma onda de massificação, o Governo, agora ajudava os clubes do Rio de Janeiro a se estruturarem, utilizava também como forma de promover políticas públicas e até mesmo ações do seu partido para ganhar votos. Um exemplo de momento histórico em que se utilizou o futebol, foi a comemoração das leis trabalhista, criada por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, em um evento que se utilizou o Estádio de São Januário, do Vasco da Gama, clube que já detinha sua maioria torcedora, pessoas populares que fariam uso destas leis para sua vivência no Brasil (MELO, 2010).

Com o profissionalismo em vigor e a maioria dos clubes adotando tal fator, o futebol foi ganhando cada vez mais força no país e a paixão pelo esporte vai se tornando autêntico. Ganhar dinheiro através do futebol era uma grande oportunidade e uma realidade na época, alguns negros já ocupavam alguns cargos de destaque, mesmo que em pequenos números, como advogados e engenheiros. Entretanto, era um processo extremamente lento, menos de 50 anos depois da abolição da escravatura. A diferença social e econômica, muito mais marcante naquele momento, era notada pela quantidade de negros nas camadas mais populares. Mário Filho, em seu livro O Negro no Futebol Brasileiro (2010, p. 86), sob tal enfoque, cita que:

O jogador branco, de boa família, não tinha medo só de se tornar profissional, tinha vergonha também. Se jogasse mal, ninguém abrira a boca. Sendo amador não deve nada ao clube. Fosse um profissional perder um gol certo, o clube é que lhe devia.

Enquanto existia o afastamento entre as elites, a profissionalização era numerosa entre os negros e operários. Afinal, era entre eles que estavam os melhores jogadores. Os clubes não precisavam mais empregar o time inteiro em uma fábrica apenas por fingimento de que seus rendimentos vinham do trabalho braçal, este momento foi a deixa para que grandes jogadores de nossa história surgissem e as massas passassem a acompanhar ainda mais de perto os seus clubes (MELO, 2001).

À medida que a presença de negros, mulatos e operários foi se tornando cada vez mais aceita dentro dos elencos, ou necessária, já que o nível do futebol praticado em campo melhorava e os times se viam na obrigação de contar com jogadores de todos os tons de pele para poder competir em igualdade com seus rivais, o Fluminense passou por um processo interessante, o clube das Laranjeiras viu o preconceito aumentar em relação aos sócios com os jogadores que tinham que frequentar a sede para os treinamentos. Com isso, para separar sócios e jogadores, o clube se viu obrigado a entrar na briga pela profissionalização do futebol nos anos de 1930. Essa medida fez com que os seus jogadores, que agora representavam a equipe e tinham seus salários, entrassem na sede pela porta de funcionários e não teriam mais contato com os sócios elitistas e aristocráticos (FILHO, 2010).

De acordo com o momento em questão, Mário Filho cita destaca:

O fato do jogador assinar um contrato, receber dinheiro do clube, não lhe diminuía a popularidade, não lhe tirava a consideração do torcedor, pelo contrário, ele preferia o profissional, o que ganhava para jogar, tanto preferia que não ia mais ver jogo de amador (FILHO, 2010, p. 98).

A profissionalização do futebol no Brasil foi de extrema importância para a luta, mesmo que indireta, e para a redução do racismo no esporte. A partir do momento em que os clubes detinham contratos com atletas e deveriam cumprir contratos e pagamentos conforme o seu nível técnico, a cor de pele dos jogadores passou a ter menos relevância. “Era a vez do preto, o agora sim. Ia-se a um treino de um Fluminense, de um Flamengo, de um Vasco, os pretos se amontoavam na pista” (Mário Filho, 2010, p. 132). Apesar da evolução, nem sempre o respeito imperou no futebol, principalmente o brasileiro, o racismo ainda era muito forte na década de 1930, mesmo com o sucesso de muitos jogadores e equipes repletas de negros e mulatos. A aceitação passou por uma série de fatores. Dentre eles o fator econômico, em que os clubes e deuses dirigentes perceberam quanto era importante a presença dos negros

em suas equipes, para os estados ficarem lotados e com isso, alavancar os cofres dos clubes (FILHO, 2010, p. 132).

Outro fator de extrema importância foi a habilidade técnica desempenhada pelos negros em relação aos brancos, que como já citado, tinham melhores desempenhos e a partir disso, as equipes brasileiras foram conquistando resultados relevantes. Ainda assim, muitos anos depois, podemos dizer que o futebol brasileiro deu grandes passos para o combate ao racismo no esporte e se o Brasil tem o grande reconhecimento internacional, deve isso completamente à caminhada dos negros em sua luta pelo reconhecimento na sociedade brasileira (FILHO, 2010).

As lutas sociais do Vasco da Gama

Na virada do século XIX, o remo era o esporte que reinava no Rio de Janeiro, capital da república naquele momento. No dia 21 de agosto de 1898, um grupo com pouco mais de 60 homens, em sua maioria, idealistas, brasileiros e imigrantes portugueses ligados à colônia portuguesa radicada na Cidade do Rio de Janeiro, reunidos no salão de um sobrado na Rua da Saúde, no centro da cidade, decidiu fundar uma associação dedicada à prática do remo, o Club de Regatas Vasco da Gama. A inspiração do nome surgiu pela celebração dos 400 anos da descoberta do caminho marítimo para as Índias, homenageando o navegador português que alcançou o feito histórico. O intuito maior da criação do clube era transformar o remo em um esporte do povo, fato que não seria bem-visto pelas associações que tinham como seus donos os clubes da elite da zona sul do Rio de Janeiro. Desde então, o Vasco passou a sofrer com seus casos de preconceitos e discriminações, um clube da zona norte da cidade, disputar com “os clubes da elite” era uma afronta na época (CASQUINHA, 2012).

De acordo com Nogueira (2016, p. 80):

Por iniciativa dos fundadores, o Vasco, sempre se propôs a unir portugueses e brasileiros, e não a ser um clube fechado da colônia. E desde o começo manteve as cores preta e branca, significando sua abertura a pessoas de todas as raças e classes sociais, brasileiros, portugueses, de qualquer outra nacionalidade, credo ou religião (*ibidem*).

Dante disso, deve-se destacar que um dos primeiros presidentes do Clube de Regatas Vasco da Gama, em 1904, foi Cândido José de Araújo, mais conhecido como “Candinho”, o primeiro presidente negro de um clube no Brasil, fazendo com que o clube desde os seus primórdios se tornasse pioneiro em uma luta e que ultrapassasse as barreiras do preconceito, em uma época bastante hostil e que excluía os negros da sociedade. Logo após a eleição de “Candinho”, o Vasco enfrentou o aumento da perseguição aos seus atletas, a maioria imigrantes de portugueses e também brasileiros de baixa condição social, empregados como funcionários de comércio no Rio de Janeiro. Com isso, a Federação Brasileira das Sociedades do Remo

aprovou medidas que deixavam mais rígidas as inscrições de atletas no esporte, excluindo “os que exercem qualquer profissão ou emprego que não esteja conforme o nível moral e social em que deve ser mantido o esporte náutico” (Ofício CBSR, 1905, p.1). Porém, no mesmo ano em que a Federação emitiu este documento, em 1905, o Vasco venceu seu primeiro campeonato estadual de remo, fazendo com que a elite se indignasse ainda mais (PERES, 2023).

No ano seguinte, o Vasco viria a conquistar o bicampeonato de remo com atletas que eram enxergados pela elite dirigente da época como inaptos para a prática do esporte por conta de sua cor, origem e condições sociais e com isso, uma das atitudes da federação foi o que tomou conta do cenário carioca. Em 1907, com a tentativa de impor algumas regras mais duras contra competidores inscritos nos últimos anos, como, por exemplo o Vasco, que acabava de adentrar no esporte e logo conquistava dois títulos, o clube se posicionou através do então presidente Cândido José de Araujo:

A federação saltando por cima d`essas qualidades e direitos, decretou a exclusão d`esses amadores que são, entre outras, os que exercem profissões em casas de secos e molhados confeitarias, etc. A oposição a essa lei por parte da nossa representação foi titânica e apesar de vencidos pelo voto fomos vencedores, por os legisladores vitoriosos não tiveram força para tornar em facto (Ofício CRVG, 1907, p. 22).

Em uma época em que o racismo era escancarado e o preconceito social também estava à tona, o Vasco, de forma pioneira, lutava pelos seus ideais e por aqueles que representavam a instituição. “Candinho” teve grande influência nesse momento vivido pelo clube, já que era funcionário público, escriturário da Central do Brasil, era figura influente no esporte náutico, conseguindo fortalecer politicamente a agremiação vascaína na Federação Brasileira das Sociedades do Remo, entidade que organizava o esporte náutico no período, indo sempre de encontro com as atitudes preconceituosas tomadas pela elite que dominava o esporte (PERES, 2023).

Com o clube consolidado no remo, alcançando inúmeras vitórias, tornando-se um dos clubes mais vitoriosos no esporte até os dias de hoje, sendo reconhecido e reverenciado por todo o país. A realidade da época era de um clube que conquistou as classes excluídas da cidade do Rio de Janeiro, principalmente nas regiões norte do estado, com isso, o Vasco foi ganhando fama e o povo para ter como apoio. Decidiu então, em 1915, adotar a prática do futebol, os dirigentes tinham o mesmo objetivo do remo, ser vitorioso, ganhar popularidade e, além disso, estar sempre defendendo seus ideais (PERES, 2023).

O clube que surgiu com uma proposta diferente dos demais times, que além de títulos e conquistas, tinha um ideal por trás e buscava sempre estar alinhado a isso para poder lutar a favor de seu povo. O campeonato carioca foi criado em 1906, organizado pela Liga Metropolitana de Football, passando a se chamar de Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA) com times da elite e já consolidados no cenário futebolístico como o Botafogo e Fluminense,

que seriam favoritos a conquista por bastante tempo (FILHO, 2010).

Em uma das matérias de um jornal chamado “Fluminense”, uma determinação sobre o campeonato foi imposta, evidenciando que: “Communico-vos que a directoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu, por unanimidade de votos, que não sejam registrados, como amadores nesta liga, as pessoas de côr (Jornal Fluminense, 22 de maio de 1907, p. 2).”

Porém, por conta de um desacordo e desentendimento de quem seria o campeão em 1907, a liga foi desmanchada. Com o passar dos anos muitas ligas foram criadas, mas a que realmente se estabeleceu foi a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), fundada em 1917. Com muitas restrições em seu regulamento, sendo um deles o analfabetismo como um dos principais impeditivos para que um jogador fosse inscrito, atém disso o emprego do atleta também seguiria como forma de excluir alguns futebolistas. Um parágrafo do documento citava: “àquelles que exerçam profissões humilhantes que lhes permitam recebimento de gorjetas” (Ofício LMDT, 1917, p. 12) não poderiam participar.

O Vasco da Gama, até então, era um clube de remo, tendo que lutar desde o início contra o preconceito, aderiu o futebol em 1915, filiando-se a Liga Metropolitana para disputar a Terceira Divisão do campeonato. Com uma estreia conturbada e ruim no meio futebolístico, o Vasco encontrou em outras ligas, principalmente no subúrbio carioca, uma oportunidade para se encontrar e firmar-se no esporte que ganhava cada vez mais popularidade no Brasil. O clube, com isso, decidiu dar chance para muitos jogadores que vinham de equipes pequenas do subúrbio do Rio de Janeiro, para alavancar seu elenco e conseguir mais vitórias. Outro ponto bastante relevante para a grandiosa história do clube, foi em relação ao analfabetismo, que era um critério da Liga Metropolitana para excluir atletas, cassando jogadores do Vasco que não fosse. Com isso, o clube decidiu participar diretamente na educação dos seus atletas. “A maior parte da população brasileira, no início do século 20, era analfabeta, índice historicamente maior sobre a população negra” (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, 2023, sem paginação).

O Vasco, com isso, decidiu alfabetizar seus jogadores para que ganhassem dignidade e pudessesem, ao menos, assinar seus nomes para praticar o esporte. Para que isso fosse possível, o Vasco contou com a ajuda de um associado do clube, Custodio Moura, Bibliotecário do clube, que ensinou os jogadores a ler e escrever. Em 1922 o Vasco se classifica para a primeira Divisão do campeonato carioca e então jogaria com os melhores times da cidade, tendo que enfrentar além de equipes mais estabilizadas no futebol, questões extracampo que foram determinantes para a consolidação da identidade criada pelo Vasco desde o Remo e que se perpetua até os dias atuais (PERES, 2023).

No ano de 1923, o clube participa pela primeira vez em sua história, da Primeira Divisão do campeonato estadual, em que tinham como participantes os principais times que se intitulavam como da elite, por exemplo, Flamengo e Fluminense. O Vasco tinha um time formado por negros, mulatos, operários e comerciantes, teria que jogar pela primeira vez contra algumas equipes que além de terem elencos superiores, tinham o preconceito enraizado. Realizando

uma campanha espetacular, segundo o site oficial do clube, com 11 vitórias, 2 empates e apenas 1 derrota, o Vasco conquistou seu primeiro título estadual, em sua primeira participação, aquela equipe ficou conhecida como “Camisas Negras” (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG).

Nogueira (2016, p. 29), no que tange esse debate, descreve que o Clube:

Além de ser uma espécie de estreante abusado, por ganhar dos grandes, o Vasco chocava o público, precisamente pelo fato de seu time reunir, diferente da liga oficial, jogadores oriundos do subúrbio, negros, analfabetos e de classes populares, algo inimaginável nos grandes da zona sul (*ibidem*).

Porém, o que ficou realmente marcado naquele ano não foi o título do Vasco, e sim como o Vasco foi campeão, seus atletas que eram de baixas classes sociais e negros, abalando a estrutura do racismo e do preconceito social existente no futebol. O Vasco da Gama, mais uma vez, ultrapassou barreiras importante, continuou lutando pelos seus ideais e conquistou um título de extrema importância para sua história. “De 1906 a 1922, não havia jogadores das camadas populares nas equipes que tinham conquistado o campeonato de futebol na cidade do Rio de Janeiro” (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, 2023, sem paginação). A conquista daquele campeonato para o Vasco rendeu algumas consequências negativas e o clube teve que lidar com uma sociedade e uma federação de clubes completamente excludente e racista da época.

A partir do título de 1923, um marco o futebol brasileiro e divisor de águas na evolução do esporte no Brasil, mas que revoltou a elite que monopolizava e comandava o futebol na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), principal federação que organizava o esporte na cidade do Rio de Janeiro. Como resposta ao título e a façanha do Vasco, formando uma equipe vencedora que representava a diversidade do povo brasileiro, aconteceu uma difusão que resultou na criação de uma nova liga, Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). Esta Liga convidou todos os últimos participantes do estadual para participarem de seu campeonato, porém impôs algumas exigências apenas do Vasco, como exclusão de doze jogadores de suas equipes, sete do primeiro quadro e cinco do segundo quadro, pois esses atletas estariam em desacordo com os “padrões morais” para a prática do futebol, os jogadores do Vasco eram vistos como indesejáveis no esporte (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, 2023).

Com isso, o Vasco tinha duas opções, continuar lutando pelos seus ideais ou aceitar as imposições absurdas da AMEA. E mais uma vez, o clube demonstrou sua grandeza histórica e foi completamente contra as decisões da Liga, em resposta a AMEA, marcadas pelo racismo e preconceito social, o então presidente do clube, José Augusto Prestes, emitiu um documento sendo contra as determinações da nova liga e comunicando que o Vasco desistiria de fazer parte por não aceitar a exclusão de seus atletas e por não ter feito parte da reunião que foi decidido os tratos do campeonato. Através deste ofício emitido pelo presidente vascaíno, o clube decidiu que não iria fazer parte da AMEA e que estava desistindo de participar do

campeonato, de acordo com o ofício publicado pelo Club de Regatas Vasco da Gama, seria:

Um acto pouco digno da nossa parte, sacrificar ao desejo de fazer parte da AMEA, alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras Victorias, a do Campeonato de Foot-Ball da Cidade do Rio de Janeiro de 1923 (Ofício CRVG, 7 de abril de 1924, sem paginação).

Sob esse prisma, de modo a contextualizar, destaca-se que o então documento ficou marcado para sempre na história do futebol e conhecido como a “Resposta Histórica”, um papel que resume a luta antirracista e social do Vasco da Gama contra as elites cariocas da época, revolucionando o futebol brasileiro.

São esses doze jogadores, jovens, quasi todos brasileiros, no começo de sua carreira, e o acto público que os pode macular, nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que elles com tanta galhardia cobriram de glorias (José Augusto Prestes, presidente do Vasco da Gama, 7 de abril de 1924, p. 1).

Após todo esse desdobramento, a AMEA voltou a convidar o Vasco para participar de seu campeonato no ano seguinte, mas não como forma de arrependimento e sim, por conta do clube ter se tornado um dos mais populares do Brasil, com uma torcida muito engajada do Estado, os lucros para a agremiação fizeram falta aos cofres dos clubes da zona sul no ano seguinte e também por ter lutado a favor do povo, com suas causas sociais. Porém, a entidade impôs, mais uma vez, algumas exigências ao Vasco, a principal dela, foi que o clube tinha que ter um estádio para poder participar do campeonato. O Vasco, com a ajuda se seus torcedores e associados, arrecadou dinheiro e mãos de obra para poder então construir seu estádio. Uma resposta do clube, que materializa a alma do Vasco da Gama, que desafiou seus rivais ao ficar do lado de seus atletas, enfrentando o racismo, o preconceito social e a xenofobia (CORREIA, SILVA, SOARES, 2017).

Localizado na zona norte do Rio de Janeiro, em 1927, foi inaugurado em uma partida amistosa entre Vasco x Santos. Foi o maior estádio construído na América do Sul até a inauguração do Pacaembu, em 1940. Com isso, o clube ia dando passos largos para o aumento de sua popularidade e de sua torcida, os jogos cada vez mais lotados e o desempenho em campo também ia melhorando com ao passar dos anos. São Januário, como foi nomeado o estádio, ao contrário dos demais estádios, como o Maracanã e o Pacaembu, foi erguido graças à união da sua torcida em prol da demonstração de grandeza do Vasco e uma resposta aos rivais e às elites da época, em forma de resistência, que objetivavam um futebol apenas para jogadores brancos e de boa condição social (NOGUEIRA, 2016).

Com o passar dos anos, o Vasco manteve sua essência e luta pelos seus ideais em diversos

momentos da história. Atualmente, o clube tem a sua história como uma fonte de pensamento para tomar qualquer atitude, seja ela no futebol ou em qualquer outro esporte que esteja ligado ao clube. Em 2021, o Vasco apresentou uma camisa que fugia dos padrões do esporte, mudando a cor de sua faixa horizontal para as cores da bandeira LGBTQIAP+, em homenagem ao movimento, para abordar uma das questões mais importantes, como a homofobia (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, 2023).

Como vivíamos em momentos conturbados no mundo, com a pandemia da COVID-19, os estádios fechados e sem públicos, o clube utilizou suas redes sociais para lançar um manifesto contra a homofobia e a transfobia no futebol brasileiro, em prol da inclusão social. Em um dos parágrafos do manifesto, diz: “O Vasco de 1923 não aceitou o racismo, naturalizado no século anterior. O Vasco do século XXI se nega a aceitar a homofobia e a transfobia que marcaram o século XX” (MANIFESTO PUBLICADO NO SITE OFICIAL DO CLUBE, 2021, sem paginação). O Vasco é a esperança de um amanhã melhor, que nos dá forças para lutar hoje, construiremos este futuro juntos, lado a lado. Conquistaremos nossas vitórias como um só, dentro e fora de campo, sem temer nada nem ninguém. Por isso bata no peito e se orgulhe de quem somos, estaremos juntos nos próximos 100 anos, de cabeça erguida, para vencer a desigualdade (MANIFESTO PUBLICADO NO SITE OFICIAL DO CLUBE, 2023, sem paginação).

O lema desta campanha ficou conhecido como “RESPEITO - IGUALDADE - INCLUSÃO”, e o clube tem se utilizado bastante para debater sobre assuntos sociais, para fazer com que a sociedade avance em relação a assuntos sérios e de tamanha importância. Neste ano, a “Resposta Histórica” completou 99 anos e com isso, o clube, com seus torcedores, criou um slogan, mediante a um manifesto lançado em suas redes sociais, #Proximos100anos de Glórias, Lutas e Vitórias, com o intuito de reafirmar o compromisso que o Vasco tem com a sociedade brasileira (MANIFESTO PUBLICADO NO SITE OFICIAL DO CLUBE, 2023, sem paginação).

Apresentação e análise dos resultados

O Colégio Vasco da Gama

Com grandes lutas sociais vencidas durante sua riquíssima história, o Vasco da Gama criou um dilema em seu clube que deve ser seguido para todas as gerações, em que se intitula como um clube que apresenta a “História mais bonita do futebol”, por conta de tudo que teve que passar para poder chegar as suas glórias tanto no passado, como atualmente. A partir disso, o Vasco começa a ser mais estudado, fontes de pesquisa passam a entender mais nitidamente a real importância de todas as lutas no passado para que as muitas outras coisas possam acontecer no futuro, e então chegam à conclusão da importância do clube não apenas para o futebol, mas também para a sociedade (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, sem paginação).

Em meados dos anos 1990, o clube entende que deve criar uma escola regular, em que

o planejamento da mesma seria em acordo com os departamentos presentes no clube, garantindo maiores resultados dos alunos no colégio. Porém, de acordo com Andressa Faria, responsável social da escola, a ideia inicial não foi bem vista pela Secretaria de Educação e pelo Ministério Público, por conta de situações que poderiam ocorrer, visto que o clube aloja jogadores da base em suas dependências e todos eles deveriam ir para o colégio, podendo causar um encarceramento do conhecimento deste jovem.

Em 2003, foi assinado pelo clube e uma escola, um convênio, como experiência, para matricular alguns alunos-atletas em turmas do Ensino Fundamental, utilizando as dependências do clube. Essa experiência teve resultados satisfatórios conforme o site oficial do clube. Em um artigo da 1^a Vara da Infância e da Juventude da Comarca da Capital – RJ, que cita sobre o estatuto da criança e do adolescente-ECA, esclarece que:

a entidade da prática desportiva providenciará, obrigatoriamente, as matrículas dos adolescentes na rede oficial de ensino, zelando pela frequência dos mesmos nas atividades escolares, em todos os níveis, bem como no acompanhamento do seu desempenho“ (1^a Vara da Infância e da Juventude da Comarca Capital - RJ, 2003, sem paginação).

A partir desta adequação, o clube se viu livre para dar sequência ao seu projeto e incluir o colégio nas suas dependências.

O Colégio Vasco da Gama foi inaugurado no dia 8 de março de 2004, autorizado pela Secretaria de Educação e pelo Ministério Público, diante de exigências a serem cumpridas. Por conta da questão trazida pelo Estado, em relação ao encarceramento dos jovens, entendendo que posso existir um detimento na educação em prol dos objetivos esportivos, e também pela situação financeira relacionada aos clubes do país, o Vasco é um dos poucos clubes que escolheram este meio para criar mais uma forma de aproximar o atleta da escola. O Vasco, até hoje, é usado como modelo na elaboração deste grandioso projeto, visto que respeita os direitos das crianças e adolescentes e apresenta um trabalho de qualidade, visando aprimorar cada vez mais tanto as dependências da escola, como os ideais criados pelo clube (*SITE OFICIAL CRVG*).

A escola é situada no bairro de São Cristóvão, próxima à comunidade da Barreira do Vasco, mais precisamente, dentro do Estádio São Januário, que pertence ao Clube de Regatas Vasco da Gama. Localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, o colégio tem a intenção de aproximar seu vínculo com o clube. O objetivo inicial é atender as necessidades dos atletas que não conseguiam acompanhar a rotina escolar com as sessões de treinos todos os dias, por conta dos colégios tradicionais terem seus planejamentos próprios e que não conseguem lidar com atletas com uma vida diferente. Além disso, tem a intenção de aprimorar e elevar o nível de educação de seus atletas, garantindo a tranquilidade dos pais, que estão distantes, e também garantir a filosofia do clube de não formar apenas grandes atletas, mas grandes cida-

dãos, conscientes de seus deveres e direitos (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, sem paginação).

Através da pesquisa realizada, o clube disponibilizou, por intermédio da responsável social, que possui cerca de trezentos atletas em suas categorias de base, sendo que 90 destes são praticantes do futebol de campo ou futsal e moram nas dependências do clube, chamados de alojamentos. Todos os atletas que moram nos alojamentos, obrigatoriamente, estudam no Colégio Vasco da Gama, o clube além da escola, disponibiliza para eles todas as refeições necessárias, uniformes tanto da escola, como dos treinos e jogos. A escola tem cerca de 130 alunos, majoritariamente homens, além de atletas do futebol, também frequentam a escola esportistas do atletismo e da natação, sendo um deles atleta paralímpico. A maioria dos alunos está inserido em um contexto de vulnerabilidade social, alguns são de fora do Estado e com isso, o clube deve estar bastante atento em como vai lidar com uma diversidade bastante presente na escola (Andressa Faria - Notas de Campo).

Conforme ocorreu a pesquisa, a responsável social do clube, Andressa Faria, cita que: “o colégio é encarado como um grande projeto social”, visto que o nível é básico e objetivo não é o mesmo das escolas de fora do clube. Após a pandemia do Covid-19, o colégio passou por uma reformulação, no sentido de trazer para os atletas uma aproximação com o mundo real, tanto de escola, quanto de vida. Um exemplo é a questão da reprovação, que antes era algo que não acontecia com alunos-atletas, e agora eles sabem que devem estudar para evitar a reprovação. Um papel bastante importante da escola é mostrar aos alunos que a maioria deles não vai seguir a carreira profissional, criando elementos para terem noção de futuro além do esporte.

O currículo do colégio segue os padrões exigidos pelo Ministério da Educação (MEC), sendo autorizado a funcionar desde o primeiro ano do ensino fundamental 1, porém a primeira turma aberta é a do sexto ano do ensino fundamental 2, com alunos até o terceiro ano de ensino médio. Além das matérias obrigatórias, a escola disponibiliza outras disciplinas como conteúdos socioemocionais, empreendedorismo e educação financeira, visto que a maioria deles são do futebol e o esporte move bastante dinheiro desde os anos iniciais da carreira dos alunos. A cultura do futebol, obviamente, se torna muito forte dentro da escola e com isso, surge um movimento da coordenação de criar um novo sentido ligado ao esporte (Andressa Faria - Notas de Campo).

A metodologia utilizada pela escola é a construtivista, que tem como principal objetivo a construção pessoal do aluno, tendo o professor como mediador deste processo de aprendizagem. Piaget afirma que quando uma criança interage com o mundo a sua volta, ela atua e muda a realidade que vivencia. Para isso ocorrer, a criança deve ter um esquema de acho. É por meio do esquema de acho que ela organiza e interpreta a ação, para que esta seja praticada (FÓSSILE, 2010). Dentro da teoria construtivista existem os quatro estágios do desenvolvimento cognitivo, organizado por Piaget como: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. No caso da escola, este desenvolvimento passa a partir do terceiro estágio (operatório concreto), visto que os alunos estão matriculados a partir do sexto

ano do fundamental 2 (FÓSSILE, 2010).

Em virtude da realidade dos alunos, de acordo com Andressa Faria, já que são todos atletas do clube, o cenário da escola pode sofrer com competições e viagens dos mesmos. Para suprir as faltas, justificadas no caderno de planejamento individual, os professores descrevem o período em que o aluno não esteve presente, demonstra os conteúdos colocados em sala e a partir disso, os alunos quando estão de volta ao colégio, têm aulas de reposição, exercícios para casa e podem ficar após as aulas para tirarem dúvidas. Este processo é assinado pela escola, professores e pelos pais, para que todos fiquem cientes, uma vez que o ensino deste aluno deve ser preservado e por conta das rotineiras visitas da Secretaria de Educação ao colégio, para realizarem uma vistoria em proteção ao aluno.

O sistema de avaliação é feito através do somatório de quatro notas ao longo do trimestre, período que a escola adotou para poder explorar da melhor forma os alunos ao logo dos meses. Para o aluno seguir sua rotina normal de treinos e jogos, ele precisa, necessariamente, estar em dia com suas obrigações da escola, seja ela em provas, trabalhos ou em conteúdos passados em sala pelos professores. O desempenho dos alunos no colégio afeta diretamente na participação como atletas, segundo a própria escola, aconteceram casos de atletas importantes em suas equipes, não participarem de treinos e até mesmo de jogos, por conta do seu desempenho escolar. Essa foi uma das formas que a instituição adotou para que os alunos tivessem um maior interesse e que ao longo dos anos foi sendo menos repetido, por conta do entendimento dos alunos sobre a situação. Se for atingido um limite de faltas de qualquer atleta, a escola é obrigada a acionar primeiro as famílias e continuando o número excessivo, deve entrar em contato com o conselho tutelar, para entender os motivos das faltas (Andressa Faria - Notas de Campo).

O Clube de Regatas Vasco da Gama é uma instituição que - em tese - respira história, tanto no futebol, como em diversos esportes. O local que a escola está situada, no estádio São Januário, está diretamente ligada a lutas sociais e raciais vencidas pelo clube no seu passado, com isso um historiador representa a escola e a instituição para aproximar os alunos, com os professores, criando projetos, atividades, conteúdos que consigam explorar a história do Vasco da Gama de uma maneira atraente e incisiva. Um exemplo de uso da história do clube para aproximar os alunos de uma matéria é o presente projeto que acontece no clube (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, sem paginação).

Neste ano, no dia 21 de abril, comemorou-se 96 anos da inauguração do estádio São Januário, o clube, junto a escola, preparou um concurso de redação com os alunos com o tema “São Januário, a casa do vascaínos” para entrelaçar ainda mais a relação aluno-atleta-vasco e fazer com que conhecem, aprofundem seu conhecimento e se orgulhem de onde estão e quem estão representando. O clube tem o objetivo de sempre enaltecer sua história e fazer com que ela se mantenha viva para as próximas gerações. Antes de qualquer atividade ou projeto, é preparada uma aula com o intuito de apresentar o que será passado aos alunos e após estes momentos, os professores entram afundo nos temas que serão trabalhados (CENTRO DE

MEMÓRIA CRVG, sem paginação).

Os alunos possuem aulas de educação física, visto que o colégio segue os parâmetros do MEC, porém, por serem atletas, os conteúdos práticos não acontecem com muita frequência, para evitar qualquer contato físico e prejudicá-los com lesões e contusões. Com isso, o professor de educação física deve criar planos de aulas teóricas sobre os diversos esportes, técnicas, regras, histórias. Para ajudá-lo nessa situação nada comum, ele aproveita a história do clube, como em todas as outras matérias, para passar os conteúdos pragmáticos que devem ser cumpridos pela BNCC, fazendo sempre muitas relações da história do clube com esportes como remo, natação, vôlei, atletismo, além do futebol. Segundo a responsável social da escola, outro projeto em andamento com relação direta da educação física, em que acontecem algumas aulas práticas, mas sem contatos bruscos entre os alunos, são atividades ligadas ao conhecimento do corpo, para entenderem melhor seu funcionamento, estudo da corporeidade (Andressa Faria - Notas de Campo).

A escola, como colocado antes, a todo momento aproveita a riqueza da história do clube que a representa para passar seus conteúdos em suas diversas matérias. Além disso, todo início de semestre faz com os alunos um passeio cultural pelas dependências do clube, espaço experiência, sala de troféus, utilizando assim, outro meio de aproximação e para criação do sentimento de pertencimento pelos alunos. No mais, o colégio possui um ciclo de palestras para tratar de assuntos da atualidade, como homofobia, racismo, xenofobia, também possui projetos especiais para trabalhar sua própria segurança, primeiros socorros, visando criar naquele aluno um senso crítico, em que ele, quando inserido na sociedade, seja capaz de dialogar sobre assuntos sociais e políticos de forma respeitosa e consciente (Andressa Faria - Notas de Campo).

Ao longo dos anos, o clube Vasco da Gama e, por extensão, o Colégio Vasco da Gama, têm sido protagonistas de importantes iniciativas sociais. Um exemplo marcante é a histórica campanha “Expresso da Vitória” nos anos 1940, que visava combater o racismo e a discriminação no futebol. O clube foi um dos primeiros a aceitar jogadores negros em seu elenco, desafiando as normas sociais da época e abrindo caminho para a inclusão no esporte (PERES, 2023). Além disso, o Vasco da Gama também foi pioneiro na criação de escolinhas de futebol voltadas para crianças carentes, oferecendo a oportunidade de praticar o esporte e receber uma educação de qualidade. Essa iniciativa busca combater a exclusão social, proporcionando acesso ao esporte e a uma formação integral para jovens que, de outra forma, teriam menos oportunidades (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, sem paginação).

Contudo, no contexto do Colégio Vasco da Gama, essa tradição de engajamento social se reflete em sua filosofia educacional. A escola busca promover valores como igualdade, solidariedade e respeito, estimulando os alunos a se envolverem em ações sociais e a desenvolverem uma consciência crítica em relação às desigualdades existentes na sociedade. Dessa forma, tanto o clube Vasco da Gama quanto o Colégio Vasco da Gama têm uma história de engajamento em lutas sociais e na promoção da inclusão. Essa trajetória ressalta a

importância do esporte e da educação como ferramentas para a transformação social e a busca por uma sociedade mais justa e igualitária (CENTRO DE MEMÓRIA CRVG, sem paginação).

Procedimentos metodológicos

Abordagem do estudo

A pesquisa a seguir teve como foco a abordagem qualitativa, que busca trabalhar com a busca de tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial, mas objetiva conhecer a maneira como as pessoas de relacionar com o seu cotidiano (BAUER; GASKELL, 2008). Além disso, a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014). Portanto, a qualitativa, ao contrário de estatísticas e regras, trabalha com descrições, comparações e interpretações.

A partir disso, é importante entender quando a pesquisa qualitativa é apropriada para fazer em algum estudo, ou seja, em que momento é possível usar essa tipologia para se aprofundar em um assunto. Geralmente é mais utilizado quando o tema ou objeto não são familiares, para estudos exploratórios, quando conceitos relevantes e variáveis são desconhecidos ou suas definições não estão claras, para explicações profundas, quando se quer relacionar aspectos particulares do comportamento a contextos mais amplos.

A pesquisa qualitativa tenta compreender a totalidade do fenômeno, mais do que focar em conceitos específicos (MINAYO, 2014), possuindo poucas ideias preconcebidas e salienta a importância das interpretações dos eventos mais do que a interpretação do pesquisador. Coleta dados sem instrumentos formais ou estruturados, tentando controlar o contexto da pesquisa e captar o contexto total, com isso, enfatiza o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências, analisando as informações narradas de uma formas mais organizada e intuitiva (MINAYO, 2014).

Desenho do estudo

A presente pesquisa apresenta como um estudo de caso sobre o Colégio Vasco da Gama. Como forma de esclarecimento, o estudo de caso se configura como uma técnica que não é específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos (GOLDENBERG, 2011). Esta análise totalizante característica dos estudos de caso deve permitir a compreensão do objeto de pesquisa a partir da análise de variáveis que permeia a situação analisada a partir do seu contexto.

Para a continuação deste trabalho, foi utilizado o instrumento de observação participante, em que: observação participante inscreve-se numa abordagem de observação etnográfica no qual o observador participaativamente nas atividades de recolha de dados, sendo requerida a

capacidade do investigador se adaptar à situação (Pawlowski, Andersen, Troelsen, & Schipperijn, 2016). É um método que nos permite aceder a situações e eventos comuns, sendo difícil de captar através de entrevistas ou através de instrumentos de auto-avaliação. Com isso, A opção metodológica pela observação de tipo participante responde ao objetivo de proceder, dentro das realidades observadas, a uma adequada participação dos investigadores, de forma “não intrusiva”, e de modo a reduzir a variabilidade residual, nomeadamente a repressão de emoções extravasadas ou comportamentos efetuados, bem como a artificialidade dos mesmos.

Como exemplo prático, será utilizada essa pesquisa para ser melhor explicado o estudo de caso. Para buscar compreender os processos de ensino-aprendizagem e metodologias do Colégio Vasco da Gama, deve-se ter em mente o grupo que está sendo estudado, o contexto, a escola, a gestão, o processo de formação dos professores para melhor reflexão sobre o que está sendo pesquisado. O estudo de caso qualitativo constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios predeterminados e utilizando múltiplas fontes de dados, para ter certa relevância e compreensão.

As escolhas feitas durante o estudo podem ser modificadas mediante a produção de conhecimento sobre o objeto de estudo, ou a partir de observações realizadas durante a pesquisa. Esta é uma característica do estudo de caso, principalmente devido a permanência do pesquisador durante um bom tempo de investigação e coleta de dados (LIMA, 2011). A partir disso, pode-se destacar uma característica bastante relevante sobre o estudo de caso, em que enfatizam a interpretação em contexto. O contexto em que a pesquisa está sendo realizada é peça fundamental para a compreensão mais completa do objeto de estudo. Para o entendimento das concepções, percepções e comportamentos da pesquisa devem ser relacionadas à situação específica onde ocorre a problemática determinada a que estão ligadas (LUDKE; ANDRÉ, 1968).

Procedimentos éticos

Foi apresentada uma solicitação escrita para o Club de Regatas Vasco da Gama, sendo representado pela responsável social do Colégio Vasco da Gama, elaborada, preenchida e assinada pelo pesquisador e pelo professor orientador, mostrando os objetivos e planejamentos da pesquisa. Além disso, foi preenchido um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), em que a responsável concordou em participar desta pesquisa, sendo ali pontuados os objetivos e aspectos metodológicos do estudo em questão. A pesquisa possui abordagem qualitativa, pois busca compreender e mesmo interpretar os diversos significados de um determinado grupo social (MOURA, 2021). Para o enriquecimento de dados sobre a temática, realizaram-se buscas de dados no Portal de Periódicos CAPES e Scielo. Para a empreitada deste estudo, o mesmo foi definido como um estudo de caso no Colégio Vasco da Gama havendo coleta de informações in loco.

De forma esclarecedora, Thomas, Nelson e Silverman (2007, p. 30), assinalam que:

O estudo de caso serve para fornecer informações detalhadas sobre um indivíduo (ou instituição, comunidade etc.). Seu objetivo é determinar características singulares de um sujeito ou de uma condição. Essa técnica de pesquisa descritiva encontra-se amplamente disseminada em áreas como medicina, psicologia, aconselhamento e sociologia. O estudo de caso também é utilizado na pesquisa qualitativa.

Concordando com as conceituações técnicas metodológicas citadas, Faria Jr. e Farinatti (1992) deixam claro que as limitações do estudo de caso em questão devem estar cristalinas e bem definidas. Tal questão se faz importante, pois se entende que mesmo o caso sendo semelhante a qualquer outro, o mesmo é sempre singular por possuir suas particularidades. Assim, procura-se esclarecer o tema pesquisado, como dito na seguinte citação: “O estudo de caso é considerado qualitativo quando se desenvolve numa situação natural, com rica descrição, segundo um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (FARIA JR.; FARINATTI, 1992, p. 31).

Conclusão

De acordo com o exposto, fica evidente que o Vasco da Gama possui uma rica história de lutas sociais, destacando-se por sua defesa da inclusão racial, direitos trabalhistas e oportunidades iguais no esporte. O clube continua a ser um exemplo de resistência e engajamento social, inspirando gerações de torcedores e reforçando a importância do esporte como instrumento de transformação e igualdade. O principal exemplo disso é o Colégio Vasco da Gama que valoriza a excelência acadêmica, fornecendo um currículo sólido e abrangente. Através de uma equipe docente qualificada e recursos educacionais atualizados, a instituição proporciona um ambiente propício ao aprendizado, incentivando o pensamento crítico, a criatividade e o desenvolvimento de habilidades necessárias para o futuro dos alunos.

Com base no estudo de caso realizado no Colégio Vasco da Gama, é possível concluir que a instituição desempenha um papel fundamental na educação e formação de seus alunos. Ao longo do trabalho, foi possível observar os aspectos positivos que contribuem para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes. Uma das características distintivas do Colégio Vasco da Gama é sua equipe docente qualificada e comprometida. Os professores são selecionados com rigor e possuem sólidos conhecimentos em suas áreas de atuação. Além disso, eles buscam promover um ambiente de aprendizado estimulante, incentivando o pensamento crítico, a criatividade e o desenvolvimento de habilidades que vão além do currículo tradicional.

O colégio oferece uma ampla variedade de disciplinas acadêmicas, abrangendo diferentes áreas do conhecimento. Desde as disciplinas básicas, como matemática, ciências e línguas, até as disciplinas eletivas e extracurriculares, os alunos têm a oportunidade de explorar seus interesses e descobrir novas paixões. A partir disso, foi possível notar a importância das

atividades de educação física, em que os alunos não podem ter muitos contatos físicos, sendo assim, o Colégio entendeu a relevância da história do clube para poder passar os conteúdos de educação física.

Além disso, o estudo de caso revelou que o Colégio Vasco da Gama se preocupa com a formação integral dos estudantes. Ao oferecer uma ampla variedade de atividades extracurriculares, como esportes, artes e projetos sociais, a escola promove o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, o trabalho em equipe e a responsabilidade cívica. Essas atividades complementam o currículo acadêmico, proporcionando aos alunos uma educação equilibrada e holística. Outro ponto importante destacado no estudo de caso foi o ambiente inclusivo e acolhedor do Colégio Vasco da Gama. A instituição valoriza a diversidade e promove a igualdade de oportunidades, garantindo que todos os alunos sejam respeitados e tenham acesso a uma educação de qualidade. Essa abordagem inclusiva contribui para a formação de cidadãos conscientes e preparados para viver em uma sociedade plural.

Com isso, foi possível concluir que o Colégio Vasco da Gama busca constantemente a melhoria e a inovação educacional. Através de programas de capacitação para seus professores, adoção de novas tecnologias educacionais e atualização constante de suas práticas pedagógicas, a instituição se mantém atualizada e preparada para os desafios do século XXI. Diante dessas considerações, fica evidente que o Colégio Vasco da Gama desempenha um papel significativo na formação educacional de seus alunos, oferecendo um ambiente de aprendizado de qualidade, valorizando a formação integral e promovendo a inclusão. Os resultados positivos alcançados pelos estudantes refletem o comprometimento da escola em proporcionar uma educação de excelência.

Referências

BENTO, Jorge Olímpio; BENTO, Helena Cristina: **Desporto e valores: uma aliança natural carecida de renovação.** 42nd Conference of the IAPS-International Association for the Philosophy of Sport & Ist Conference of the ALFID-Asociación Latina de Filosofía del Deporte, Natal, Brasil, 3-6 setembro de 2014.

BNCC - **Base Nacional Comum Curricular, 2018.** Disponível em: <http://basenacional-comum.mec.gov.br/a-base> Acesso em: 29 de Mai. 2023.

CALDAS, Waldenyer. **O Pontapé Inicial: memórias do futebol brasileiro (1989).** São Paulo: Ibrasa, 1990.

CASQUINHA MANUEL, João. A construção de historias do futebol no Brasil (1922 a 200): reflexões, **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, Set. 2012.

Centro de Memória CRVG. O Vasco é do tamanho da sua história. **Site oficial Vasco da Gama.** Disponível em: <https://crvascodagama.com/resposta-historica/> Acesso em: 24 Mai. 2023.

Colégio Vasco da Gama - **Vasco, 2021.** Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/colegio-vasco-da-gama/> Acesso em: 24 de Fev. 2023.

CORNELSEN, E. L.; GUIMARÃES, G. C.; LAGE, M. V. C. O Centro de Memória do Vasco da Gama: entrevista com João Ernesto da Costa Ferreira e Adílio Jorge Marques. **FuLiA/UFMG**, Rio de Janeiro, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 217–225, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.3.2.217-225. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13863> Acesso em: 13 maio. 2023.

CORREIA, A. J.; SILVA, C. S.; SOARES, J. G. Colégio Vasco da Gama: notas para pensar os entrelaçamentos das culturas escolares com as práticas esportivas. **Perspectiva**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 188–213, 2017. DOI: 10.5007/2175-795X.2017v35n1p188. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rp/v35n1/2175-795X-rp-35-01-00188.pdf>. Acesso em: 20 março 2023.

DALL`ÀRA, João; CÉSAR, Murillo. A resistência do Vasco da Gama e a luta pelas causas sociais no futebol. **Trivela.** Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/a-resistencia-do-vasco-da-gama-e-a-luta-pelas-causas-sociais-no-futebol/> Acesso em: 7 Mar. 2023.

FARIA JR., Alfredo Gomes. Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. In: _____;

FARINATTI, Paulo de Tarso (Orgs.). **Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1992. p. 13-33.

FIFA, INTERNATIONAL FEDERATION OF FOOTBALL ASSOCIATION (FIFA). Disponível em: <http://www.fifa.com>. Acesso em 12 Março de 2023.

FOSSILE, Dieysa K. Construtivismo versus sociointeracionismo: uma introdução às teorias cognitivas. **Revista Alpha**, Patos de Minas, UNIPAM. 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/483623434/Construtivismo-Versus-Socio-Interacionismo> Acesso em: 15 Abr. 2023.

FRANZINI, Fabio. **Corações na ponta da chuteira: Capítulos iniciais da história do futebol (1919-1938)**. São Paulo: DP&A Editora, 2003.

GUMBRECHT, H. U. A forma da violência: em louvor da beleza atlética. **Folha de São Paulo**. p. 6-9. 11 mar. 2011. Recuperado em: 12 jul. 2016. De: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200105.htm>.

MEC - **Ministério da Educação e Cultura**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12992-diretrizes-para-a-educacao-basica?Itemid=164> Acesso em: 10 de Ago. 2023.

MELO, Leonardo Bernardes. Silva. Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro. 2010, 75f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MEZZADRI, Fernando Marinho. As possíveis interferências do Estado na estrutura do futebol brasileiro. In: RIBEIRO: Luiz (org.). Futebol e Globalização. Ed. FONTOURA, 2013.

Mónico, L., Alferes, V., Parreira, P., & Castro, P. A. (2017). **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa**. CIAIQ 2017, vol. 3.

MOURA, Diego Luz. **Pesquisa qualitativa: um guia prático para pesquisadores iniciantes**. Curitiba: CRV, 2021.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**.

Rio de Janeiro: FGV. 2007.

NEGREIROS, Plínio Labriola. Amadores versus profissionais na década de 1930 – parte II. **Ludopédio**, São Paulo, v. 159, n. 22, 2022.

NOGUEIRA DUARTE, Pedro. Driblando o racismo: Uma narrativa da história do racismo no futebol brasileiro, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie (Centro de comunicação e letras), 2021 (TCC – Bacharel Jornalismo).

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: uma historia social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. 38of. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1585963> Acesso em: 23 mar. 2023.

PERES, Walmer. Resposta Histórica - 99 anos. **Site oficial Vasco da Gama**. Disponível em: <https://vasco.com.br/resposta-historica-99-anos/>. Acesso em: 17 Fev. 2023.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**, 5. Ed., Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

SILVA NOGUEIRA, Claudio. **Vamos cantar de coração: Os 100 anos do futebol do Vasco da Gama**, 1^a edição, livrosdefutebol.com, 2016.

SOUZA, Glauco José Costa. Liga Metropolitana x Liga Suburbana: Semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**, n. 28, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48483/28246>. Acesso em: 30 maio 2023.

STEIN, Leandro. Como futebol e sociedade se uniram para integrar os negros. **Observatório Racial Futebol**. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/como-futebol-e-sociedade-se-uniram-para-integrar-os-negros> Acesso em: 13 Abr. 2023.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TOLEDO, L.H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Universidade do Futebol, 2000.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TUBINO, Manoel José Gomes; TUBINO, Fábio Mazeron; GARRIDO, Fernando Antonio C. **Dicionário Encyclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

FUTEBOL E O ATENDIMENTO DAS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS DE ESTUDANTES: AS VARIAÇÕES DO ESPORTE COMO UM CAMINHO POSSÍVEL

Gabriela Simões

Ellen Aniszewski

Lucas Raphael de Medeiros Souza

Aldair José de Oliveira

Notas Introdutórias

O presente capítulo caracteriza-se como um ensaio teórico, com o intuito de construir uma análise ampla e integrada sobre o futebol como elemento cultural e suas variações, bem como refletir como acontece o atendimento das Necessidades Psicológicas Básicas de autonomia, competência e vínculos sociais no esporte e em suas variações, especialmente na Educação Física escolar.

Conceituando brevemente o modelo de pesquisa, de acordo com Meneghetti (2011), o ensaio possui natureza reflexiva e interpretativa para o entendimento do que está sendo analisado. Nesse tipo de produção científica, é possível que o ensaísta e sua subjetividade interajam com o objeto, criando nesse processo de envolvimento o ato argumentativo. Em diálogo, Severino (2013) aponta que o ensaio teórico envolve (i) exposição lógica e reflexiva, (ii) argumentação rigorosa e (iii) alto nível de interpretação e análise pessoal, requerendo que o ensaísta defenda sua posição sobre determinada temática com maturidade intelectual, considerando-se a maior liberdade dos autores neste tipo de produção.

De forma a contextualizar o que o(a) leitor(a) encontrará a seguir, os(as) apresentamos a organização deste ensaio. Iniciamos nossa narrativa com o “*futebol como elemento cultural na sociedade: uma breve contextualização*”, apresentando aspectos históricos do esporte e, de maneira inseparável, questões como o racismo e o sexismo apareceram, tanto em anos atrás quanto na contemporaneidade. Em seguida, tratamos “*o futebol na contemporaneidade: variações, características e diálogos com a Educação Física escolar*”. Nesse momento, entendendo o esporte como um fenômeno sociocultural, não poderíamos deixar de mencionar suas variações, que partiram de mudanças estruturais do futebol e fizeram “nascer”, por exemplo, a altinha, o futevôlei e o futmesa.

Além disso, iniciamos uma reflexão da inserção dessas variações no “chão da escola”, ora pelo interesse dos(as) estudantes pelo futebol, ora por serem ferramentas interessantes

rumo à motivação dos(as) envolvidos(as). Posteriormente, abordamos sobre as “*variações do futebol e o atendimento das Necessidades Psicológicas Básicas de estudantes*”, com vistas a analisar como a altinha, o futevôlei e o futmesa podem contribuir para o atendimento das necessidades de competência, autonomia e vínculos sociais dos(as) estudantes. Ao final, apresentamos as considerações transitórias.

Futebol como elemento cultural na sociedade: uma breve contextualização

Dentre as diferentes manifestações esportivas que a humanidade já produziu e foi capaz de desenvolver, destaca-se o futebol - esporte com um número expressivo de adeptos e de espectadores *in loco* ou através dos meios de comunicação em todo o mundo. À exemplo, a final da Copa do Mundo masculina do ano de 2022 foi considerada um dos eventos esportivos da história com mais espectadores assistindo ao mesmo tempo, alcançando 1,5 bilhões. Do ponto de vista histórico, ao ser inserido no Brasil, no início do século XX, teve seu desenvolvimento inicial bastante similar às das outras práticas esportivas, sendo disponibilizado para a elite, que encontrava nesse esporte uma forma de lazer e ocupação do tempo disponível. Entretanto, seu desenvolvimento em território nacional foi distinto dos demais esportes inseridos no mesmo contexto histórico. O futebol se transformou em um esporte das massas, um dos símbolos da identidade e intimamente inserido na cultura popular nacional.

É importante salientar que este processo de transformação mencionado não foi linear, pois a elite teve papel fundamental na organização/difusão da prática do futebol. Certamente uma das obras mais clássicas que pode orientar nossa reflexão acerca do viés no desenvolvimento do futebol é a obra escrita por Mario Rodrigues Filho (1947), intitulada “O negro no football brasileiro” de 1947. Em seu primeiro capítulo refere-se a figura do saudosista que em primeiro momento poderia ser percebido como alguém contrariado com o estilo de futebol jogado aquela época, distinto de tempos anteriores.

Entretanto, as mudanças mais evidentes eram da popularização do esporte, ou seja, pessoas das camadas mais populares - “negros” - foram inseridas nas equipes, descaracterizando o esporte de uma elite aristocrata branca. Em um outro capítulo o autor estabelece o desenvolvimento segregado do futebol, como pode ser identificado neste trecho: “O jogador branco tinha de ser por bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol. O grande clube sendo uma espécie de universidade.” (p. 75). Esse trecho evidencia o desenvolvimento segredado do futebol à época e reforça a visão da elite.

Mesmo com a contrariedade da elite, os pretos e pardos foram ganhando destaque no cenário futebolístico nacional, sobretudo por causa do rendimento dos jogadores e pela criatividade que geravam marcas para a constituição de um novo estilo nacional. Um dos exemplos mais marcantes é a invenção do gol de bicicleta por Leônidas da Silva, jogador negro. Sendo assim, grande parte das equipes começaram a ser compostas por jogadores negros e brancos. O autor compreendia que com essa mistura harmônica das raças vivenciada nas equipes, o

racismo fora suprimido denotando o poder democrático do futebol (Rodrigues Filho, 1947).

É relevante ponderar que essa visão talvez possa ser no mínimo questionável. Um dos eventos mais evidentes de que o racismo se mantinha presente no âmbito do futebol foi a derrota na final da Copa do Mundo de 1950 para a seleção uruguaia. Sempre que há uma derrota no futebol é comum que seja eleito um culpado. No caso o goleiro negro Barrosa foi considerado pelos principais cronistas esportivos da época, o culpado. Esse fato repercutiu no futebol nacional, pois gerou um estigma de que goleiros negros falham em momentos decisivos. Sendo assim, os goleiros negros começaram a ser preteridos em relação aos brancos nos clubes (Maciel, 2020). O episódio relatado acima assim como sua consequência, evidenciam uma sociedade eminentemente racista e que o futebol como parte desta sociedade apresenta comportamento similar.

Em adendo, outros casos emblemáticos de racismo que ocorreram no futebol brasileiro e mundial, foram os do goleiro Aranha - alvo de ofensas racistas na Arena do Grêmio em 2014 na Copa do Brasil e do jogador Vinícius Junior - alvo de insultos racistas proferidos por grande parte dos torcedores do *Valencia Club de Fútbol* durante uma partida do Campeonato Espanhol em 2023.

Assim como o racismo, o sexismº também teve um papel importante que influenciou negativamente a relação da mulher com o futebol. A mulher foi tratada, por muito tempo, como um ator secundário. Enquanto o futebol se popularizava, às mulheres das famílias ricas eram incentivadas a ida à arquibancada a fim de concretizar arranjos matrimoniais. Em contrapartida, o simples fato de uma mulher estar em uma arquibancada para assistir a um jogo, com frequência desencadeava xingamentos de grande parte dos torcedores homens, mesmo sendo torcedores do mesmo clube. Inegavelmente, a participação da mulher no futebol insere-se em uma discussão de gênero, pois é evidente a necessidade de análise de uma construção social, tendo aspectos socioculturais relevantes os quais produzem/produziram efeitos na sociedade.

Noronha (2012) ao investigar a participação feminina no Grêmio ao longo dos seus mais de cem anos de existência a definiu como modesta. O autor ao observar a produção cultural (livros, filmes, discos, outros) sobre o clube gaúcho indica que as mulheres geralmente foram retratadas por conta de sua beleza. O reconhecimento de estereótipos que surgiram ao longo do desenvolvimento do futebol evidencia como a mulher era vista pela sociedade. Um desses estereótipos foi o surgimento da expressão “maria-chuteira”, historicamente utilizada como forma de desqualificar a mulher no meio futebolístico. Outro aspecto depreciativo que denota tempos históricos do início do século XX, é a ideia da falta de entendimento do jogo por parte da mulher.

Certamente um dos pilares deste estereótipo foi cunhado por um importante cronista esportivo, Nelson Rodrigues, que ao escrever uma crônica futebolística criou uma personagem: “grã-fina de narina de cadáver”, retratando a mulher com cunho pejorativo. Esses estereótipos evidenciam a intenção da sociedade em rechaçar a mulher no meio futebolístico ou, pelo menos, tê-la em um papel secundário. Essa afirmação ganha lastro ao se observar os entraves

no desenvolvimento do futebol feminino nacional.

A história do futebol feminino no Brasil não pode ser retratada apenas em uma das manifestações do futebol, como o futebol de campo, por exemplo. Desde o primeiro momento, a prática do futebol por mulheres ocorria na quadra, na areia, pois devido à falta de equipes exclusivas para as modalidades, muitas delas circulavam entre elas. Essa trajetória das modalidades ocorria em um ambiente de crenças de que a prática do futebol por mulheres era sugerida como nociva à saúde, as quais eram fundamentadas nos poderes legislativos e executivos à época (Brocht, 2021).

Mais especificamente no futebol de campo, é coerente identificar fatores adicionais negativos, tais como: qualidade de performance geralmente pouco atrativa, as dimensões do campo e da trave pareciam não serem adequadas para as mulheres, entre outros aspectos. Nos últimos anos, as mulheres parecem ter observado os primórdios do desenvolvimento do futebol feminino e estão mais envolvidas em diferentes modalidades futebolísticas, as quais surgiram recentemente ou tiveram um aumento substancial de praticantes. Dentre vários aspectos que podem explicar esse fenômeno, é coerente ponderar que havia uma demanda reprimida por esta manifestação, que talvez tenha encontrado um ambiente menos hostil para a presença da mulher. Neste sentido, cabe compreender como se deu o desenvolvimento dessas modalidades, a fim realizarmos uma reflexão mais precisa do fenômeno.

O futebol na contemporaneidade: variações, características e diálogos com a Educação Física escolar

Nos últimos anos, o esporte passou a ser tratado como fenômeno sociocultural que atravessa inúmeros setores da sociedade. As práticas corporais esportivas tornaram-se representações simbólicas de cultura, possuindo algumas características ligadas ao contexto social, cultural, político e ideológico. A implementação de atividades esportivas na Educação Física escolar pode ser utilizada como uma ferramenta propulsora para cativar os alunos. Sendo assim, observa-se que existem algumas variações do futebol que podem ser inseridas no ambiente escolar como, por exemplo, a altinha, o futevôlei e o *teqball*, também conhecido como futmesa.

A altinha é um jogo caracterizado pelo ato de manter a bola no ar, sem que a mesma caia no chão, podendo apresentar viés cooperativo - vários integrantes ou competitivo - entre duas ou mais equipes (Sousa-Cruz; Gomes-da-Silva, 2022). Pensando no ambiente escolar, à exemplo de uma proposta, o *foot* (pé) e o *hand* (mão) foram incluídos pensando na participação de todos(as), pois o(a) jogador poderá tocar a bola como desejar. As regras do jogo envolvem: (i) número de participantes por equipe – três/quatro para jogos mais dinâmicos ou equipes maiores; (ii) eliminação do participante que deixar a bola tocar no chão; (iii) penalização para o participante que dificultar o trabalho dos(as) colegas e (iv) o jogo pode acontecer com mais pessoas e, neste caso, considera-se o tempo de bola no ar do respectivo grupo. Esse jogo é capaz de propiciar o desenvolvimento de habilidades como: passe (esportiva), cooperação e

trabalho em equipe (social), percepção óculo-manual-pedal, tomada de decisão (cognitiva) e resistência (capacidade física) (Araújo; Sousa-Cruz, 2021).

Embora se observe o crescimento do futevôlei em ambientes de lazer e até mesmo na própria escola, em momentos como o horário do recreio (Pereira, 2021), são poucos os trabalhos acadêmicos que abordem a tratativa do futevôlei nas aulas de Educação Física escolar (Souza; Galatti, 2008; Pereira, 2021). O futevôlei é uma prática esportiva que surgiu nas praias brasileiras por volta da década de 1960, com o objetivo de fugir da proibição de praticar qualquer atividade física oriunda do futebol nas praias. É caracterizado por um jogo realizado com os pés, peito e pernas, excluindo o uso das mãos, em quadra de voleibol de areia.

Embora muito jogado em cidades praianas pela presença de quadras de areia, Souza e Galatti (2008) apontam que existem outras superfícies que permitem a prática do futevôlei, como na grama e na quadra de cimento – superfície presente na maioria das escolas. Os autores explicam que ao adaptar a superfície, são necessárias pequenas adaptações à nível do jogo e também dos materiais utilizados. À exemplo, em ambas as superfícies descritas (grama e cimento) o jogo se torna mais rápido. Na grama os participantes podem jogar descalços ou com chuteiras de futebol *Society* e na quadra de cimento com tênis. Também, indica-se a possibilidade de adaptação da altura da rede, do tamanho da quadra e das bolas – na ausência de bolas específicas do futevôlei, podem ser utilizadas bolas de borracha, voleibol e/ou futebol. Entendendo que o futevôlei pode ser adaptado e praticado inclusive na escola, os referidos autores apresentaram uma proposta de ensino, vivência e aprendizagem, incluindo jogos adaptados, situações de jogo e jogo formal da modalidade.

Para proposição do futevôlei, é importante considerar os recursos materiais para a prática, sequência didática proposta, regras, espaço, número de participantes, tipo e quantidade de bolas, partes do corpo em que a bola poderá tocar, quantidade de toques, quantidade de qui ques no chão, inclusão e altura da rede, entre outros. Também, indica-se a necessidade do(a) docente se preocupar com o grau crescente de complexidade das atividades propostas, bem como a paulatina aproximação da configuração destas atividades com o jogo de futevôlei. Por fim, os benefícios do futevôlei envolvem a noção de espaço, melhora no condicionamento físico e no desenvolvimento de habilidades como passe, toque e cabeceio, assim como melhorias nos aspectos humano e social, por envolver a integração de grupos, por exemplo.

No estudo de Pereira (2021), com o objetivo de avaliar o futevôlei e suas variações como possível conteúdo nas aulas de Educação Física escolar, também são mencionadas algumas possíveis adaptações para a proposição da modalidade nas aulas da disciplina, como: (i) redução do espaço de jogo e a respectiva marcação da quadra; (ii) variação do número de participantes por equipe; (iii) quantidade de toques ilimitados e, depois, limitados, conforme evolução dos alunos, até chegar em três toques; (iv) permitir, inicialmente, qui ques da bola no chão; (v) modificar a bola, de mais leve à mais pesada e (vi) altura da rede mais baixa e mais alta, começando com uma corda no chão, por exemplo. Essas adaptações buscam possibilitar a vivência do futevôlei para todos(as).

O *teqball*, ou futmesa, surgiu um 2014 na Hungria através da união entre um ex-jogador de futebol profissional e um cientista computacional. Ambos trabalharam juntos para criar um esporte com os elementos do futebol e do tênis de mesa. O esporte começou a ser praticado em ambientes públicos que possuíam uma mesa de tênis (de concreto), com uma bola de futebol. Com o passar do tempo, os criadores foram implementando regras com o objetivo de elevar a competitividade do jogo, porém as primeiras mudanças drásticas do jogo foram: (i) a mudança da mesa padrão de tênis de mesa para uma mesa curva, cujo objetivo era que a mesa sempre voltasse para o adversário e (ii) durante a partida os jogadores não deveriam utilizar as mãos.

No Brasil, o *teqball* chegou por volta de meados de 2018, por meio da empresa Futmesa Brasil. O *marketing* contribuiu para a explosão da modalidade em território nacional, principalmente com a adesão de grandes nomes do futebol brasileiro como, por exemplo: Neymar, Phillippe Coutinho, Thiago Silva, Casemiro e Roberto Firmino. No ambiente escolar, o *teqball* pode ser proposto como uma variação para a modalidade futebol, porém o esporte requer vivência prévia e desenvolvimento motor especializado no futebol de campo ou futebol de salão. Isso, porquê, o esporte exige coordenação, capacidade de concentração e tomada de decisão.

Entretanto, a modalidade pode ser utilizada como atividade de integração entre os pares, pois existem duas maneiras de jogar o *teqball*, individualmente ou em dupla. Em território brasileiro, o *teqball* pode ser uma ferramenta interessante para a introdução de esportes de rede/parede em locais cujo o futebol é a modalidade mais praticada entre os alunos. Suas contribuições envolvem: (i) capacidades condicionais – velocidade de reação e coordenação, (ii) domínio mental – tomada de decisão, autocontrole, conhecimento de si, noção espacial e concentração e (iii) competências sociais – respeito mútuo, cooperação, integração e *fair-play* (Pontes *et al.*, 2023).

Variações do futebol e o atendimento das Necessidades Psicológicas Básicas de estudantes

Buscando aproximação entre o futebol enquanto elemento da cultura popular e os aspectos motivacionais abordados pela literatura, recorremos à Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas (NPB), com vistas a analisar como as variações do esporte podem contribuir para o atendimento das necessidades de competência, autonomia e vínculos sociais de estudantes.

A Teoria da autodeterminação (TAD) tem sido um referencial teórico amplamente utilizado nas pesquisas sobre motivação, pois propõe a distinção entre os níveis e os tipos de regulação do comportamento humano a partir de um *continuum* que vai da amotivação – caracterizada como o comportamento menos autodeterminado – até a motivação intrínseca – compreendendo o comportamento invariavelmente autodeterminado (Ryan; Deci, 2000). A autodeterminação compreende comportamentos e habilidades que capacitam o indivíduo a ser o agente causal de seu próprio futuro através de comportamentos intencionais.

A partir de pesquisas empíricas e labororiais no âmbito da TAD foram desenvolvidas seis subteorias: Teoria da Avaliação Cognitiva, Teoria da Integração Orgânica, Teoria da Orientação Causal, Teoria da Orientação de Metas, Teoria Motivacional dos Relacionamentos e Teoria das NPB (Barbosa et al., 2019), sendo a última recorrida nesta pesquisa. Na perspectiva da TAD, os indivíduos têm uma predisposição inata para desenvolver comportamentos autodeterminados, envolvendo-se em atividades que possam atender suas necessidades de competência, autonomia e vínculos sociais. Dessa forma, a motivação está relacionada à satisfação dessas três dimensões que, quando atendidas, proporcionam saúde e bem-estar (Ryan; Deci, 2000).

A necessidade de competência está relacionada ao se sentir capaz de realizar determinada tarefa, a necessidade de autonomia à possibilidade de escolha e tomada de decisão e a necessidade de vínculos sociais a se sentir filiado e pertencente ao contexto onde está inserido (Chang et al., 2016). Nesse sentido, a Teoria das NPB tem embasado estudos acerca da motivação nas aulas de Educação Física no âmbito escolar (Aniszewski et al., 2019; Almeida; Arantes, 2022; Aniszewski; Henrique, 2023), bem como da motivação para a prática esportiva (Rodrigues et al., 2020; Melo et al., 2022) por constituir suporte teórico adequado para compreender e promover a prática esportiva e a participação em atividades físicas de maneira geral.

Contextualizando tais necessidades ao futebol e suas variações, pode-se sugerir que a presença da modalidade no universo cultural do brasileiro propicia sua prática de maneira orgânica desde os primeiros anos de vida, principalmente entre meninos. Afinal de contas, qual costuma ser o primeiro presente dado a um bebê do sexo masculino? Uma bola. Dessa maneira, os meninos crescem com ampla vivência na prática do futebol, o que leva ao desenvolvimento de habilidades relacionadas aos gestos motores da modalidade e, consequentemente, à percepção de competência. Em contrapartida, as meninas, comumente, não são estimuladas à tal prática e não apresentam domínio da execução técnica e nem se sentem capazes de realizar os movimentos exigidos em uma partida, o que acaba gerando certo afastamento e até resistência a essa prática.

O futebol é o conteúdo mais abordado nas aulas de Educação Física no Brasil (Souza Júnior; Darido, 2010), comumente associado a aspectos técnicos e/ou a jogos livres, favorecendo a participação dos meninos nessa prática em detrimento da participação feminina. Dessa forma, se faz necessário ampliar possibilidades de abordar o futebol de modo didático-pedagógico nas aulas da disciplina.

Pensando no conteúdo e na aprendizagem significativa dos(as) alunos(as), temas significativos devem ser considerados ao trabalhar o futebol nas aulas, incluindo diferentes formas de prática, abordagem sobre a evolução histórica da modalidade, questões acerca da ética e gênero, resgate de jogos como futebol de dedos e de botão, entre outros. Rodas de conversa, leituras, pesquisas, curiosidades, rememorações (inclusive de terceiros, como familiares), reflexões, discussões, textos, vivências, criação de histórias fictícias, atividades diversas, filmes, vídeos, júri simulado são algumas das diferentes formas de tematização do futebol (Souza Júnior; Darido, 2010), bem como outros temas que circundam o referido esporte enquanto

cultura corporal de movimento e conteúdo do currículo escolar.

A crescente popularização das variações do futebol, principalmente a altinha, o futevôlei e o futmesa, está contribuindo para a aderência de novos participantes, inclusive do sexo feminino. Isso se reflete na ampliação das possibilidades de participação, a partir do aumento da oferta de estilos de atividades relacionadas às modalidades em questão, o que pode atender a necessidade de autonomia. Cabe realizar uma reflexão adicional acerca da inserção dessas modalidades no ambiente escolar. Uma crítica muito frequente ao futebol/futsal como conteúdo é o fato de termos alunos com níveis muito díspares de interesse e habilidade. Isso se deve ao fato de muitos alunos, geralmente meninos, terem vivência prévia em outros logradouros, algo incomum entre as meninas.

Neste sentido, as modalidades mais recentes apresentadas acima podem representar uma alternativa na inserção deste conteúdo nas aulas de Educação Física refletindo em comportamentos de maior aceitação. Tal ponto de vista pode ser defendido a partir da premissa de que: (1) O conteúdo tende a ser desafiador para todos e, consequentemente, tende a aparecer maior homogeneização dos comportamentos e (2) O interesse no conteúdo tende a não ser tão díspare entre os grupos supramencionados.

Assim, o uso das variações do futebol, como a altinha e o futevôlei nas aulas pode proporcionar um ambiente propício para a satisfação das necessidades psicológicas básicas. A dimensão competência pode ser contemplada a partir da oferta de atividades que apresentem novo repertório motor, deixando todos(as) em nível similar em relação à percepção de competência. Ademais, ao iniciar uma nova modalidade, os alunos terão oportunidade de vivências de sucesso a partir da progressão de complexidade dos movimentos.

A dimensão autonomia será atendida mediante diferentes possibilidades de execução de movimentos no processo de aprendizado das novas modalidades, bem como da diversificação dos conteúdos trabalhados nas aulas. E, também, a dimensão vínculos sociais será atendida pelo aumento da interação dos(as) participantes, a partir de novos estímulos motivacionais resultantes da “novidade” em aula.

Tais afirmações vão ao encontro dos resultados apresentados nos estudos específicos de cada modalidade, que afirmam o interesse dos estudantes em novas modalidades nas aulas, despertando a curiosidade, o interesse, a motivação e, quiçá, o gosto dos estudantes pela prática tanto no *Foot Hand* – Altinha (Araújo; Sousa-Cruz, 2021) quanto no *Teqball* (Pontes *et al.*, 2023). As adaptações propostas para a prática do futevôlei no ambiente escolar (Pereira, 2021), caracterizam adequação ao nível de habilidade dos estudantes, aspecto fundamental para aumentar a percepção de competência.

Considerações transitórias

FUTEBOL NA ESCOLA

O presente ensaio relacionou de forma reflexiva o futebol e suas variações com a teoria das necessidades psicológicas básicas, tendo o “chão da escola” como foco. Dentre as três dimensões que compõem a teoria em questão, certamente a sensação de competência parece ser a que mais poderia ter impacto, ao lançarmos mão das variações do futebol apresentadas neste capítulo. Isto porque, esta dimensão é a que mais afasta os alunos que não possuem experiência com o futebol, ou seja, esses alunos costumam apresentar baixos níveis de percepção de competência.

A presente abordagem foi capaz de apresentar e vislumbrar alguns caminhos, nos quais a ciência deve evoluir. É importante salientar que há um número restrito de estudos com diferentes desenhos metodológicos e abordagens analíticas que tratem sobre as variações do futebol como possível caminho no ambiente escolar. Neste sentido, as afirmações postas no presente capítulo precisam ser interpretadas de maneira parcimoniosa, pois são considerações à luz de uma única linha teórica que comprehende o fenômeno em discussão.

Referências

- ALMEIDA, E. M.; ARANTES, L. C. Necessidades Psicológicas Básicas e aulas de Educação Física: potencialidades do *Sport Education Model*. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 12, p. 128-140, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/7240>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- ANISZEWSKI, E. *et al.* (A)Motivation in physical education classes and satisfaction of competence, autonomy and relatedness. **Journal of Physical Education**, v. 30, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v30i1.3052>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- ANISZEWSKI, E.; HENRIQUE, J. Relação entre a satisfação da competência, autonomia e vínculos sociais e o desinteresse pelas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, e36854, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469836854>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- ARAÚJO, D. S.; SOUSA-CRUZ, R. W. Coletânea de jogos: uma análise a partir da Aula Laboratório da Pedagogia da Corporeidade. **Revista Diálogos em Saúde**, v. 4, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/444>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- BARBOSA, M. L. L. *et al.* Validade do modelo hierárquico da motivação intrínseca e extrínseca no esporte escolar. **Psico-USF**, v. 24, p. 529-540, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240310>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- BROCHT, M. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283>. Acesso em: 01 ago. 2023.
- CHANG, Yu-Kai *et al.* Effect of autonomy support on self-determined motivation in elementar pshysical education. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 15, n. 3, p. 460-466, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4974858/>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- MACIEL, A. V. N. Preto não traz confiança: Moacir Barbosa do Nascimento e a Síndrome de Goleiros negros no Brasil. **Epígrafe**, v. 9, n. 1, p. 83-101, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v9i1p83-101>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- MELO, S. V. A. *et al.* Habilidades para vida e as necessidades psicológicas básicas de atletas

FUTEBOL NA ESCOLA

universitários. **Saúde e Pesquisa**, v. 15, n. 4, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2022v15n4.e10917>. Acesso em: 31 ago. 2023.

MENEGETTI, F. K. O que é um Ensaio-Teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>. Acesso em: 31 ago. 2023.

NORONHA, M. P. Sou mulher! Sou grêmista! Representações da mulher no futebol e as cristalizações de gênero envolvidas neste processo: uma etnografia sobre torcedoras do grêmio. In: **Anais do Encontro Estadual De História**, XI, p. 640-649, 2012. Disponível em: http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/18/1346336267_ARQUIVO_ArtigoMarceloNoronhaANPUH-RS.pdf. Acesso em: 01 set. 2023.

PEREIRA, B. S. **O futevôlei e suas variações como conteúdo para as aulas de Educação Física escolar**. 36f. 2021. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de Educação Física, Niterói, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/26991>. Acesso em: 31 ago. 2023.

PONTES, A. et al. Teqball – Uma abordagem em Contexto Escolar. In: GOUVEIA, E. R. et al. (Coords.). **O Ecletismo da Educação Física**: contributos didáticos. Funchal, Portugal: Universidade da Madeira, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368288776_O_Ecletismo_da_Educacao_Fisica_-_Contributos_Didaticos. Acesso em: 30 mai. 2023.

RODRIGUES, F. et al. Ensinar o treinador a ser um treinador de futebol: Uma abordagem teórica com implicações práticas. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol, Edição Especial: Pedagogia do Esporte**, v. 12, n. 50, p. 559-572, 2020. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/960>. Acesso em: 31 ago. 2023.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no football brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RYAN, R.; DECI, E. Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000. Disponível em: https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2000_RyanDeci_SDT.pdf. Acesso em: 01 set. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 1^a. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUSA-CRUZ, R. W.; GOMES-DA-SILVA, P. N. “Escolas” do jogo: investigações e aplicações na educação escolar, esporte e lazer – Estudo 1. **Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (Licere)**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2022.40852>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SOUZA, G. H. V.; GALATTI, L. R. Pedagogia do Esporte e Iniciação ao Futevôlei: uma proposta didática a partir da expansão das superfícies de prática do jogo. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, a. 13, n. 127, 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd127/pedagogia-do-esporte-e-iniciacao-ao-futevolei.htm>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 920-930, out./dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p920>. Acesso em: 12 ago. 2023.

FOOBASKILL NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES A LUZ DA PEDAGOGIA DO ESPORTE

Douglas Vinicius Carvalho Brasil

Introdução¹

Vivenciados enquanto lazer², profissão, meio para manutenção da saúde ou sociabilidade nos mais variados espaços (ruas, praças, campos e quadras públicas e privadas etc.), contextos (escolas, universidades, projetos sociais, Olímpiadas, entre outros), o Futebol (FB) e o Basquetebol (BB) são duas das práticas corporais e esportes³ mais populares do planeta (talvez os mais populares). Logo, pode se afirmar que na contemporaneidade o Esporte e suas diferentes manifestações impactam a economia, a vida das pessoas e a sociedade de modo geral, assim como são influenciadas por ela. Portanto, objeto de estudo e pesquisa de diferentes campos do conhecimento, como, por exemplo, a Educação Física, Ciências do Esporte, Sociologia, entre outros.

Os trabalhos de Scaglia (2003), Brasil (2019; 2016) e Brasil, Santos Rodrigues e Paes (2022), deixam evidente que ao longo de seu desenvolvimento, o FB e o BB sofreram (e sofrem) influências histórico-culturais que, dentre outras coisas, culminaram no surgimento de outros “esportes”, “quase-esportes” e “práticas corporais da cultura popular”⁴, como o “Futsal” (FS), “Futebol Society”/Futebol 7” (F7) (não confundir com o paraesporte, “Futebol de 7”, adaptação de Futebol voltada as pessoas com paralisia cerebral), “Futebol de Areia” (FA) (“Beach

¹ O presente trabalho contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Associação Esportiva Cultural Pentágono (A.E.C.P.) de Sumaré-SP.

² Ao conceber a “vivência enquanto lazer”, considero a possibilidade de vivenciar as práticas corporais a partir das diferentes manifestações de lazer (físico-esportivas, manuais, intelectuais, artísticas, sociais, virtuais e turísticas) apresentadas por Melo (2004), que incluem desde a prática dos esportes em si a até mesmo contemplar/assistir disputas esportivas no tempo disponível, livre de obrigações.

³ Ao escrever o termo “Esporte” com letra inicial maiúscula, refiro-me ao fenômeno esportivo de forma ampla. Enquanto, ao escrever “esporte” ou “esportes” com letra inicial minúscula, refiro-me as modalidades/manIFESTAÇÕES esportivas (Skateboarding, Voleibol, Escalada, BMX, Natação, entre outras).

⁴ A partir dos textos de Norbert Elias, Eric Dunning (ELIAS; DUNNING, 1992; DUNNING, 2014), Parlebas (2008), em suma, “esportes” podem se caracterizados como práticas corporais institucionalizadas com regras e normas mundiais, “quase-esportes” enquanto práticas corporais institucionalizadas a nível local, regional ou nacional, cujas regras variem de acordo com a instituição promotora e, “práticas corporais da cultura popular”, jogos, atividades e brincadeiras cujas regras e normas sejam livremente concebidas por seus praticantes, podendo variar de acordo com a cultura local e o contexto.

Soccer”), “Basquete de Rua” (BDR) (“*Streetball*”), “Basquete 3x3” (B3x3), “*Netball*” (NB), “Basquetebol em Cadeira de Rodas” (BBCR) (“*Wheelchair Basketball*”), entre outras, as quais dada sua história e desenvolvimento e/ou características, permitem compreendê-las e categorizá-las enquanto “Práticas Corporais da Família do Basquetebol” (PCFB) (BB, B3x3, BBCR, BDR, NB, etc.) e “Práticas Corporais da Família do Futebol” (PCFF) (FB, FS, FA, F7 etc.).

No século XXI tem se notado o surgimento de novas práticas corporais e/ou quase-esportes que mesclam regras, normas e características de outras pré-existentes. Por exemplo, o “*Foo-Baskill*”, prática corporal relativamente nova, que em um primeiro momento foi apresentada enquanto uma fusão entre o “FB” e o “BB” (LATO; QUAECI; ROSERENS, 2017) e, posteriormente, como a combinação entre “FS” e “BB” (FOOBASKILL, 2020), o que dificulta sua classificação nas classes de práticas corporais supracitadas, visto que poderia enquadrar-se tanto na categoria de “PCFF”, quanto “PCFB”, uma vez que apresenta características de ambas. Sendo assim, é possível estabelecer uma nova classe, as “Práticas Corporais Híbridas”, caracterizadas por apresentarem características de duas práticas corporais ou mais, a qual contempla: o “*FooBasSkill*”; o “Futevôlei” (fruto da combinação entre “Vôlei de Praia” e “Futebol de Areia”); “*Slam Ball*” (adaptação de BB que mistura “trampolins” similares aos da “Ginástica” permite contatos parecidos aos do “Hockey” e “Futebol Americano”) (BENGEL, 2022; SHAH, 2011); “*Batyr Ball*” (que apresenta características de B3x3 e “Artes Marciais Mistas” (MMA – sigla em Inglês) (SAM, 2022); “*Wrestball*” (combinação entre BB e “*Wrestling*”) (MAIA, 2023); entre outras.

Idealizado para ser vivenciado no contexto escolar, o *FooBaSkill* possui regras que “visam o desenvolvimento motor e cognitivo integral, e a participação ativa de todas as crianças e adolescentes” (LATO; QUAECI; ROSERENS, 2017, p. 1). Lato, Quaeci e Roserens (2017) apontam que esta prática corporal exige e/ou estimula a “criatividade”, “trabalho em equipe”, “esforço mental”. Porém, no documento elaborado por estes autores, parece-me que tais relações se dão por meio de aspectos técnico-táticos, enfatizados ao longo de todo o documento. O que me leva a interpretar que o objetivo principal deste é apresentar as regras, normas e possibilidades de ensino deste jogo, para que se aprenda a jogá-lo. Logo, indo ao encontro de um dos objetivos das regras e problemática central que os levou a criar o *FooBaSkill*, o “desenvolvimento motor”, porém, deixando em aberto a questão de como tal prática corporal contribui ou pode contribuir para o “desenvolvimento cognitivo integral”.

Dito isso, pautado nas novas tendências em Pedagogia do Esporte (PE), de modo similar ao realizado por Brasil, Ribeiro e Scaglia (2019) e Brasil, Santos Rodrigues e Paes (2022), em relação à vivência do B3x3, de Brasil e Paes (2023b) ao abordar o Skateboarding e de Brasil e Paes (2023a) em relação ao campo do lazer, no presente ensaio teórico apresento reflexões e subsídios passíveis de serem abordados no processo de ensino, vivência e aprendizagem do *FooBaSkill* por professores(as) no contexto escolar (e em outros), visando contribuir para que estudantes ampliem sua formação para além do saber jogar, estimulando a resolução de problemas, pensamento crítico e a aquisição e manutenção de valores e modos de com-

portamento positivos por meio desta prática corporal e, a certa medida, para sua difusão e democratização.

Contribuições da Pedagogia do Esporte para se pensar a organização, sistematização, mediação e avaliação da vivência do FooBaSkill no contexto escolar

A PE é responsável pelo estudo dos processos didáticos-pedagógicos correlacionados aos esportes e possibilita refletir acerca do processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento esportivo. Para tal, considera as pessoas que os vivenciam (objetos centrais), o contexto no qual estão inseridas e os diferentes significados e finalidades atribuídos por elas a vivência esportiva (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014; GALATTI et al., 2014; BRASIL; SANTOS RODRIGUES; PAES, 2022; BRASIL; PAES, 2023a). Os trabalhos de Machado, Galatti e Paes (2014), Galatti et al. (2017), Brasil (2019), Brasil, Santos Rodrigues e Paes (2022), permitem inferir que para atingir seus objetivos, a PE sustenta-se em três referenciais: a) socioeducativo, que possibilita refletir a respeito de questões éticas e morais, incluindo valores e modos de comportamento que podem ser influenciados e/ou transmitidos por meio da vivência esportiva; b) histórico-cultural, que trata de questões relacionadas à história e desenvolvimento das diferentes práticas esportivas. Portanto, contempla conhecimentos e sustenta discussões acerca de alterações das regras, influência da mídia, histórias de atletas e aspectos relacionados à cultura popular, infantil e esportiva local, regional, nacional e internacional; técnico-tático, que trata das práticas esportivas em si. Logo, das regras e normas (determinantes dos componentes estruturais, que sustentam os funcionais), fundamentos, ações táticas, demandas físicas, fisiológicas e psicológicas, entre outras.

A PE não deve ser confundida com “Educação Física Escolar” (BRASIL; SANTOS RODRIGUES; PAES, 2022), apesar disso, profissionais de Educação Física, Ciências do Esporte e campos correlatos podem pautar-se em nela para refletir acerca do processo de ensino, vivência, aprendizagem e avaliação dos esportes seja no contexto escolar (BRASIL; SANTOS RODRIGUES; PAES, 2022; GALATTI, et al., 2017), de lazer (BRASIL; PAES, 2023a), em projetos sociais (MACHADO, GALATTI, PAES, 2015), entre outros. Nesse sentido, Brasil (2019), Brasil, Santos Rodrigues e Paes (2022), Machado, Galatti e Paes (2015) e Brasil e Paes (2023a), permitem conceber que o processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento dos esportes e práticas corporais pautado nos referenciais da PE, contribui de modo mais efetivo para a formação ampla e crítica dos sujeitos que as vivenciem. Nesse sentido, contribui para que os sujeitos se tornem aptos a escolherem de forma crítica e consciente o esporte ou prática corporal que lhes convém vivenciar no tempo livre de obrigações, questionar o que lhes é imposto e, assim, a certa medida, contribuir para transformações sociais.

Dito isso, para refletir acerca da organização, sistematização, mediação e avaliação do “*FooBaSkill*” no contexto escolar a partir da PE, é preciso compreender que: “organização”,

diz respeito “ao levantamento do que vai ser ensinado em cada unidade de ensino em cada ano escolar” (GALATTI, et al., 2017, p. 159); “sistematização” envolve a divisão temporal dos conteúdos, assim como a seleção do método de ensino-vivência-aprendizagem a ser realizado, passando pelo plano de ensino e plano de aula” (GALATTI, et al., 2017, p. 160); “aplicação”, refere-se “aos procedimentos pedagógicos do professor no trato direto com o aluno, no momento da aula” (GALATTI, et al., 2017, p. 160); “avaliação”, deve ser condizente com “os três referenciais, sendo estabelecidos critérios para cada um, podendo ser prática ou teórica” (GALATTI, et al. 2017, p. 161), ressaltando que “na avaliação prática os conteúdos teóricos estão envolvidos, assim como a teoria se manifesta, também, na vivência prática.” (GALATTI, et al. 2017, p. 161).

Além disso, González e Bracht (2012), Balbino et al. (2013), Reverdito, Scaglia e Paes (2013), Brasil (2019) e Brasil, Santos Rodrigues e Paes (2022), fornecem subsídios para definição de seis questões balizadoras que se inter-relacionam e auxiliam a reflexão acerca da organização, sistematização, mediação e avaliação do processo de ensino, vivência e aprendizagem: “O que?”, relacionada aos conteúdos a serem tematizados e aplicados; “Como?”, referente as estratégias didático-pedagógicas a serem utilizadas para abordar os conteúdos; “Quando?”, relacionado a aspectos temporais, ou seja, a quando dado conteúdo será abordado, enfatizado e avaliado, por exemplo, da acordo com a idade, períodos escolares (bimestres, semestres etc.) ou esportivos (pré-competitivo, competitivo e pós-competitivo), entre outros; “Onde?”, relacionado ao contexto e ambientes nos quais as aulas ou treinos serão realizados, que por sua vez, ajuda a responder a outra questão, “quem?”; “Quem?”, refere-se a identificação dos sujeitos (objeto central do processo de ensino, vivência e aprendizagem) que vivenciam as práticas corporais (alunos(as), atletas, crianças, treinadores(as), professores(as), jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência, entre outros); “Por quê?”, questão que permeia todas as demais e permite compreender os objetivos de quem vivência as práticas corporais. Portanto, permite, dentre outras coisas, identificar os sentidos e significados atribuídos à dada prática corporal por quem a vivencia e dá sentido as escolhas didático-pedagógicas de professores(as) e treinadores(as).

Após uma breve introdução à PE e como ela pode auxiliar no processo de ensino, vivência e aprendizagem do *FooBaSkill* no contexto escolar, a seguir apresento reflexões e conteúdos passíveis de serem tematizados a partir de seus referenciais.

Aspectos técnico-táticos do FooBaSkill

Os “Jogos Esportivos Coletivos” (JECs) são caracterizados por possuírem: (a) regras pré-estabelecidas; b) implemento esférico; c) área de jogo pré-determinada; d) alvo a ser defendido e atacado; e) equipes compostas por dois ou mais jogadores(as); f) equipes adversárias) e princípios operacionais ofensivos (conservação de bola, progressão em direção a baliza adversária e ataque a baliza adversária/busca por pontuação) e defensivos (recuperação

de bola, impedir a progressão do ataque adversário e proteger a própria baliza e campo de defesa) (BAYER, 1994). Logo, dadas as regras e características apresentadas por Lato, Quaceci e Roserens (2017), em suma o *FooBaSkill* trata-se de JEC disputado por duas equipes compostas por quatro ou cinco praticantes cada, em uma quadra poliesportiva ou de BB com diferentes alvos (“mini-traves” e/ou “caixas” e/ou “cones”, “tabela” e “aro”), com duração de dois períodos de 5 minutos cada, nos quais as equipes alternam o modo de defesa e ataque. Sendo que, no primeiro período de jogo uma equipe (“Equipe A”) atuará atacando a “quadra defensiva adversária” de modo similar ao BB (“*BaSkill*”⁵), tendo como objetivo principal fazer a cesta para atingir a pontuação máxima e, em “sua quadra defensiva”, defendendo de modo similar ao FS (“*FooSkill*”⁶), visando impedir que os adversários pontuem, enquanto a equipe adversária (“Equipe B”), atacará a “quadra defensiva da Equipe A” de modo similar ao FS (“*FooSkill*”), tendo o objetivo principal de fazer o gol para atingir a pontuação máxima e defenderá “sua quadra defensiva” de modo similar ao BB (“*BaSkill*”), visando impedir que os adversários pontuem, formas de ataque e defesa que se invertem no segundo período de jogo.

Logo, é necessário que os(as) praticantes conheçam não apenas as regras e normas básicas ou avançadas do “*FooBaSkill*” (FOOBASKILL, 2023; LATO; QUAECI; ROSERENS, 2017), mas também adquiram e desenvolvam os fundamentos técnicos e ações táticas básicas do BB, FS e/ou de outros esportes e práticas corporais similares, para melhor experenciar a vivência do *FooBaSkill* e, enquanto praticantes, desempenhar melhor suas funções dentro do jogo, de modo a atingir objetivos defensivos e ofensivos individuais e coletivos.

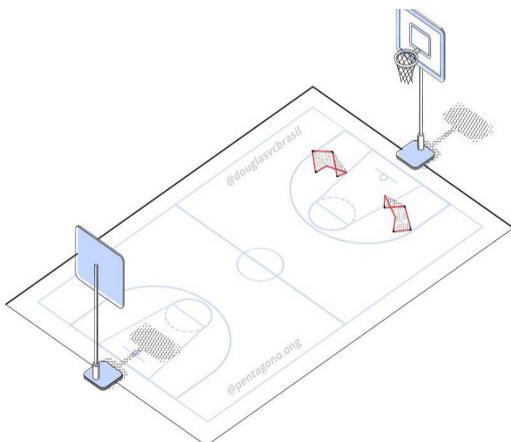
Considerando a limitação de páginas do presente capítulo, não apresentarei as regras e características do *FooBaSkill* na integra (“*Campo de jogo*”; “*Número de jogadores*”; “*Duração da partida*”; “*Lance inicial*”; “*Infrações*”; “*FooSKILL*”; “*SkillGoal*” (“*traves*”); “*SkillTheBall*” (“*bola*”); “*BaSkill*”; “*Atribuição de pontos*”; “*Pênalti e lance livre*”). Me limitarei a apresentar uma representação da quadra de jogo e as diferentes possibilidades de pontuação apresentadas por Lato, Quaceci e Roserens (2017). Logo, recomendo o acesso e leitura do documento oficial, “*FooBaSKILL™*”⁷, elaborado por Lato, Quaceci e Roserens (2017), que somada a discussão aqui suscitada, permitirá compreender melhor de que forma se organiza e ocorre o jogo de *FooBaSkill* e, consequentemente, refletir acerca da organização, sistematização, mediação e avaliação desta prática corporal no contexto escolar e outros.

⁵ “*BaSkill*”, é interpretado aqui enquanto “Habilidades do Basquetebol” e práticas corporais similares. Podendo ser utilizado ainda para referir-se a metade da quadra na qual durante as partidas de FooBaSkill o objetivo principal do ataque é fazer a cesta e o da defesa impedir que isso ocorra, utilizando-se de ações técnico-táticas do BB, B3x3 e práticas similares.

⁶ “*FooSkill*”, é interpretado aqui enquanto “Habilidades do Futsal” e práticas corporais similares. Podendo ser utilizado para referir-se a metade da quadra na qual durante as partidas de FooBaSkill o objetivo principal do ataque é fazer o gol e o da defesa impedir que isso ocorra, utilizando-se de ações técnico-táticas do Futsal, Futebol e práticas similares.

⁷ Disponível gratuitamente em diferentes idiomas no site: <https://foobaskill.com/documents/>.

Figura 1. Quadra de Jogo do *FooBaSkill*.



Fonte: Elaborado pelo Autor⁸

Note na figura acima, que as “traves” (“SkillGoals”) devem ser posicionadas nas linhas laterais da área restritiva” do BB (popularmente chamado “garrafão” no Brasil), as quais, segundo Lato, Quaceci e Roserens (2017), FooBaSkill (2020; 2023), devem estar posicionadas em um ângulo de 45º em relação as linhas, podendo estar dispostas no solo, em cima de “caixas”(plintos) (e/ou serem substituídos por cones) e suas redes devem ser fixadas apenas na parte superior, de modo que ao marcar um gol, a bola não fique presa na nelas. A opção pela ilustração de uma quadra com demarcações desatualizadas e tabelas de BB não oficiais, se deu pelo fato de que na realidade escolar brasileira, por vezes faltam materiais esportivos nas escolas e as quadras nem sempre possuem demarcações ou equipamentos atualizadas e/ou oficiais.

No que se refere a pontuação, Lato, Quaceci e Roserens (2017), apontam que há diferentes possibilidades no “*FooBaSkill*”, estabelecendo formas distintas para iniciantes e praticantes de nível avançado. Segundo os autores, a segunda bola ofensiva deixa de ser necessária na atribuição de pontuação para o público avançado, uma vez que subentende-se que estas pessoas já adquiriram as competências mínimas para o jogo (LATO; QUACECI; ROSERENS, 2017) e alterações de acordo com o nível de domínio técnico-tático individual dos(as) jogadores(as), como, por exemplo: simplificar o jogo (em especial com o público infantil), permitindo que seja executado um primeiro passe sem que os(as) adversários(as) possam interceptá-lo; determinar que um(a) praticante com domínio técnico-tático avançado de BB só pontue de acordo com as normativas de pontuação para nível avançado para “*BaSkill*”, enquanto os demais, pontuem como iniciantes; encorajar que na metade de jogo de “*FooSkill*”, a bola deva ser mantida próxima ao solo (LATO; QUACECI; ROSERENS, 2017).

⁸ Todas as figuras elaboradas pelo autor são meramente ilustrativas, não necessariamente correspondem a implementos (tabelas, aros, traves, bolas, redinhas das traves, etc.), dimensões e demarcações oficiais, ainda que configurações similares as ilustradas possam ser utilizadas para vivência do *FooBaSkill*. Todas as imagens foram elaboradas no site “Canva.com”, versão Pro.

FUTEBOL NA ESCOLA

Tabela 1. Atribuições de pontos para jogos com público iniciante.

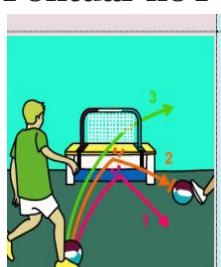
Pontuação	Como pontuar no FooSkill	Como pontuar no BaSkill
1 ponto	Quando a bola tocar em qualquer lado da caixa (plinto) (360°). Observação: gols contra dão um ponto a equipe adversária.	Quando a bola toca apenas na tabela de Basquetebol e cai no chão.
2 pontos	Quando a bola toca em um lado da caixa (plinto) e um(a) jogador(a) da mesma equipe que realizou a finalização a recupera com a parte de baixo dos pés (“sola”) antes que a bola toque as paredes ou atravesse o meio da quadra (segunda bola ofensiva). Observação: caso um(a) defensor(a) recupere a bola antes da equipe atacante, será computado apenas um ponto.	Quando após uma finalização na qual a bola toca apenas a tabela de Basquetebol, a mesma é recuperada com as duas mãos antes que caia no chão por um membro da equipe que a arremessou/pontuou (exceto quem realizou a finalização). Caracterizando um rebote ofensivo. Caso o rebote seja defensivo, será computado apenas um ponto.
3 pontos	Quando a finalização é bem-sucedida, ou seja, quando é marcado um gol. Diferente do Futebol ou Futsal, no FooBaSkill a bola passa por dentro do “SKILLGoal” (“traves”), não ficando parada no fundo da rede. No caso da utilização de cones para demarcar os alvos, valerá três pontos a finalização que derrubar o cone de marcação. Observação: caso um(a) adversário(a) impeça por trás do alvo (“SkillGoal”) que a bola passe por dentro dele, por exemplo, colocando o pé dentro do alvo, os três pontos serão concedidos.	Quando a bola arremessada cai dentro da cesta. Ou seja, só são concedidos os pontos de bolas que entrem na cesta por seu lado de cima.
0 ponto	Finalizações nas quais a bola toque na borda superior (quina superior) da caixa (plinto) e seja ricocheteada para longe dela sem tocar em suas laterais. E, aquelas nas quais a bola toque a parte superior do plinto. Nestes casos, jogo continua sem interrupção	Finalizações nas quais a bola não toca na tabela, nem acerta o alvo (“Airball”) ou nas quais haja contato da bola com o aro, mas a mesma não caia na cesta. Assim como, quando a bola é arremessada, toca a tabela, mas é recuperada pela equipe defensora antes que toque o solo (rebote defensivo). Quando o jogador que arremessou a bola na tabela pega o rebote antes que a bola toque o chão e, por fim, quando a bola toca na borda superior da tabela e é ricocheteada para fora por cima. Em todos os casos, o jogo continua sem interrupção.

Fonte: Adaptado a partir de Foobaskill (2019) e Lato, Quaceci e Roserens, 2017.⁹

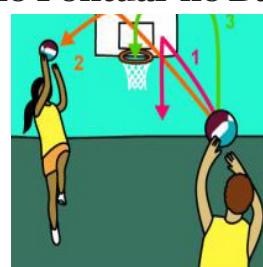
⁹ O conteúdo das tabelas 1 e 2 não são reproduções literais das apresentadas por Lato, Quaceci e Roserens (2017), mas reinterpretações realizadas com intuito facilitar a compreensão dos leitores e leitoras(as). Com propósito de comparação e complemento, recomenda-se consultar o documento oficial elaborado pelos autores supracitados.

Figura 2. Atribuições de pontos para jogos com público iniciante.

Como Pontuar no FooSkill



Como Pontuar no BaSkill



Fonte: Imagens elaboradas por Rea Christ. Disponível em: Lato, Quaceci e Roserens, 2017¹⁰.

Tabela 2. Atribuições de pontos para jogos com público avançado.

Pontuação	Como pontuar no FooSkill	Como pontuar no BaSkill
1 ponto	Quando a bola tocar em qualquer lado da caixa (plinto) (360°). ¹¹	Arremessos convertidos em “cestas” realizados de dentro da área restritiva do Basquetebol, popularmente conhecida como, “garrafão”.
2 pontos	Quando a bola toca nas duas caixas (plintos) após uma finalização ou quando a finalização é realizada de modo que a bola bata na parede e em seguida em uma das caixas (plinto).	Arremessos convertidos em “cestas” realizados de dentro da área de um ponto no Basquetebol 3x3 ou de dois pontos no Basquetebol e fora da área restritiva.
3 pontos	Quando a finalização é bem-sucedida, ou seja, quando é marcado um gol. Diferente do Futebol ou Futsal, no FooBaSkill a bola passa por dentro do “SKILLGoal” (“traves”), não ficando parada no fundo da rede. No caso da utilização de cone para demarcar o alvo, valerá três pontos a finalização que derrubar o cone de marcação. Observação: ainda que um(a) adversário(a) impeça por trás que a bola passe pelo gol, os três pontos serão concedidos.	Arremessos convertidos em “cestas” realizados da área de dois pontos do Basquete 3x3 ou de três pontos do Basquetebol. Ou seja, pontos oriundos de arremessos de fora da zona de um ponto no Basquete 3x3 ou de dois pontos do Basquetebol e da área restritiva.

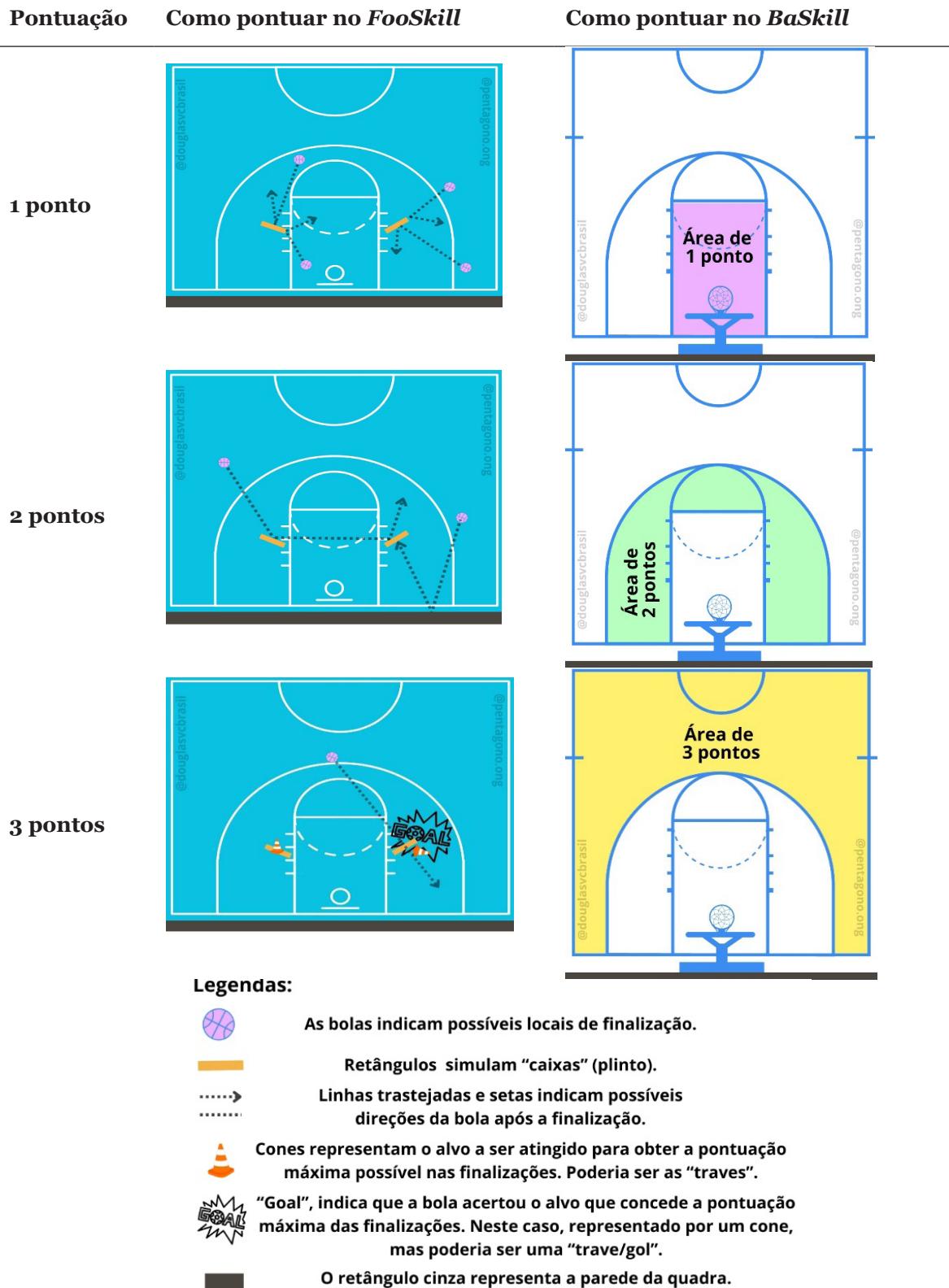
Fonte: Adaptado de Lato, Quaceci e Roserens, 2017.

¹⁰ Utilização autorizada por Pascal Roserens, um dos idealizadores do FooBaSkill e um dos autores do documento citado.

¹¹ No documento de Lato, Quaceci e Roserens (2017), não é mencionado se no nível avançado “gols contra” valem ponto para os adversários. O que permite interpretar que não ocorra.

FUTEBOL NA ESCOLA

Figura 3. Atribuições de pontos para jogos com público avançado.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Lato, Quaeci e Roserens (2017) apresentam aspectos técnico-táticos, atividades e reflexões importantes para abordar e vivenciar o FooBaSkill, como a necessidade das habilidades físicas

e cognitivas do BB e FB. Porém, os autores não deixam claro quais seus fundamentos básicos, o que pode dificultar a organização, sistematização, aplicação e avaliação de seu processo de ensino, vivência e aprendizagem em diferentes contextos, uma vez que tais fundamentos podem não ser de conhecimento comum a todos(as) profissionais de Educação Física, Ciências do Esporte e campos correlatos. Portanto, para além das regras e características de jogo apresentadas e discutidas até aqui, a partir da observação e análise de vídeos (FOOBASKILL, 2020), documento oficial (LATO, QUAECI E ROSERENS, 2017), dos fundamentos do B3x3 (os mesmos do BB) apresentados por Brasil (2019), características do BDR (BRASIL, 2016; BRASIL et al., 2018) e do FS apresentados por Flôres e Daronco (2011), na tabela 3 apresento aqueles que considero ser os fundamentos do *FooBaSkill*. Enquanto, a partir dos textos de Paes, Montagner e Ferreira (2009) e Brasil (2019) como balizadores, na tabela 4 apresento aquelas que em minha perspectiva, são as principais ações táticas desta prática corporal, que somadas aos fundamentos, são suficientes para que alunos e alunas possam vivenciá-lo e praticá-lo com o mínimo de qualidade e consciência.

Tabela 3. Fundamentos do FooBaskill.

Fundamento	<i>FooSkill</i>	<i>Baskill</i>
Passe e Recepção	Lançamento da bola para um companheiro(a) de equipe afim de manter a posse de bola ou progredir em direção ao alvo. Subtende-se que após um passe, sempre há a “recepção” da bola. Passes e recepções podem ser realizados com qualquer parte do corpo, exceto aquelas que infrinjam as regras do “ <i>FooSkill</i> ”. São possibilidades: o “passe de calcanhar”, “passe com a parte de cima do pé”, “passe com a parte medial ou lateral do pé”, “passe com a parte inferior do pé/sola”, “passe de cabeça”, “passe de peito”, “passe de joelho”, “passe de ombro”, entre outros.	Lançamento da bola para um companheiro(a) de equipe afim de manter a posse de bola ou progredir em direção ao alvo. Subtende-se que após um passe, sempre há a “recepção” da bola. Passes e recepções no “ <i>BaSkill</i> ” comumente são realizados com as mãos, podendo ser feitos com outras partes do corpo que não infrinjam as regras do “ <i>BaSkill</i> ”. São possibilidades: o “passe co peito”, “passe com uma mão a altura do ombro”, “passe acima da cabeça”, “passe quicado”, “passe por trás do corpo/pelas costas”, “passe com o cotovelo”, entre outros.

FUTEBOL NA ESCOLA

Fundamento	<i>FooSkill</i>	<i>Baskill</i>
Finalização	Ato de atingir a bola com dada parte do corpo com objetivo de direcioná-la ao alvo com a intenção de pontuar. Pode ser realizada com qualquer parte do corpo, exceto membros superiores (mãos, antebraço, braço e cotovelo). São possibilidades: “finalização com calcanhar”, “chutes”, “cabeceios”, “voleios”, “bicicletas”, entre outros.	Ato de arremessar a bola em direção ao alvo com intuito de pontuar. Pode ser realizado a curta, média e longa distância, as quais lhe são atribuídas diferentes pontuações. São possibilidades: “arremesso de gancho”, “bandeja”, “arremesso a altura do peito”, “arremesso lavadeira”, “arremesso com salto(<i>jump</i>)”, “arremesso com uma das mãos a altura ou acima da cabeça”, “arremesso de costas”, “enterrada”, entre outras.
Controle de Corpo	Consiste na execução das capacidades físico-motoras de acordo com as exigências do jogo, como: correr, andar, mudar de direção, saltar, rolar, chutar, segurar, lançar, arremessar, entre outros.	
Rebote	Ato de recuperar a bola após uma finalização a gol na qual a bola atinja a caixa ou a trave. Realizado com qualquer parte do corpo, desde que não infrinja as regras do “ <i>FooSkill</i> ”. Pode ser ofensivo ou defensivo.	Ato de recuperar a bola com as mãos após uma finalização/arremesso a cesta na qual a bola atinja a tabela ou aro. Pode ser ofensivo ou defensivo.
Controle de Bola	Capacidade de interação com a bola e seu controle, seja em deslocamento, parado, dentro e fora do jogo. Pode ser realizado com qualquer parte do corpo, exceto aquelas que infrinjam as regras do “ <i>FooSkill</i> ”.	Capacidade de interação com a bola e seu controle, seja em deslocamento, parado, dentro e fora do jogo. Pode ser realizado com qualquer parte do corpo, exceto aquelas que infrinjam as regras do “ <i>BaSkill</i> ”.
Drible	Ato individual no qual, com o domínio da posse de bola, dado praticante busca obter vantagem e/ou ultrapassar um ou mais adversários sem perder a posse da bola. Há uma infinidade de possibilidades, como: passar a bola por entre as pernas do adversário (popularmente conhecido como “caneta” ou “gaia”), “carretilha”, “chapéu”, “drible da vaca”, “elástico”, “chutar a bola na parede e pegá-la de volta”, entre outros.	Ato de quicar a bola em direção ao solo com uma das mãos, o que permite o deslocamento com a bola sem infringir as regras do “ <i>BaSkill</i> ”.

Tabela 4. Ações táticas do *FooBaSkill*.

Ação Tática	FooSkill	BaSkill
Finta	Ato de ludibriar um(a) ou mais adversários(as) sem a posse de bola, de modo a adquirir vantagem sobre ele(as).	Ato individual no qual, com o domínio da bola, dada pessoa busca adquirir vantagem e/ou ultrapassar um(a) ou mais adversários(as). Pode ocorrer durante um drible ou parado. Há uma infinidade de possibilidades, dentre elas: “crossover”, “simular um passe”, “lançar a bola na tabela ou parede de forma a pegá-la de volta”, entre outros.
Marcação	Tem como objetivo impedir a progressão das ações ofensivas dos(as) adversários(as) e recuperar a posse de bola. Logo, jogadores(as) defensivos(as) podem utilizar diferentes estratégias para induzir os(as) adversários(as) a cometerem erros, a finalizarem em condição de desvantagem, para interceptar passes, para recuperar a posse de bola após uma finalização e para tomá-la de seus adversários. É possível realizar marcação individual, por zonas da quadra (coletivas), mistas (por exemplo, um(a) defensor(a) marca um(a) atacante individualmente e os(as) demais defensores(as) em zona), com dobra (duas defensoras(es) marcam uma atacante), entre outras possibilidades.	
Recuperação Defensiva	Ato da equipe que finalizou um ataque organizar-se equilibradamente e de forma rápida na defesa, de modo a não ficar em desvantagem em relação ao ataque. No <i>FooBaSkill</i> , assim como no Basquete 3x3, esta ação pode ocorrer não apenas após uma finalização mal-sucedida, mas também após uma ação ofensiva bem-sucedida, na qual o jogo não para. O que, como descrito nas figuras 2 e 3, pode ocorrer de diferentes formas, acertando o “caixote” na qual as traves podem estar dispostas, a tabela ou ainda, marcando o “gol” na qual a bola não fica parada na rede. Logo, caso a equipe pontue e não mantenha a posse de bola, ela automaticamente se tornará defensora, realizando a transição defensiva.	
Corta Luz	Ação na qual um(a) jogador(a) atacante se posiciona na quadra de modo a bloquear de forma legal o deslocamento de um(a) adversário(a). Logo, pode gerar retardo ou mesmo impedir a ação de um(a) defensor(a), gerando um desequilíbrio no sistema defensivo, beneficiando um(a) ou mais companheiros(as) de equipe, que a partir desta ação, podem ficar em situação de vantagem com ou sem a posse de bola, seja para progredir em direção ao alvo, receber um passe e/ou finalizar.	
Infiltração	Ação ofensiva na qual o(a) jogador(a) desloca-se em direção ao alvo (cesta, “caixas”, cones ou “traves”) com ou sem a posse da bola, causando desequilíbrio no sistema defensivo, almejando gerar uma situação de vantagem para que a equipe possa, por exemplo, finalizar mais próximo ao alvo.	

Apesar do *FooBaSkill*, FS, FB, BB, B3x3, BDR, entre outras “PCFF” e “PCFB” apresentarem características, fundamentos e ações táticas em comum, sua execução está condicionada as

regras e normas de cada prática corporal. Sendo isso que permite distingui-las e as tornam singulares, ainda que possuam similaridades.

Apresentados aspectos técnico-táticos que considero suficientes para que professores(as) organizem, sistematizem, medeiem e avaliem os conteúdos e objetivos técnico-táticos de suas intervenções. Bem como, para que alunos(as), possam vivenciar o *FooBaSkill* com o mínimo de qualidade e consciência. A seguir abordarei aspectos histórico-culturais desta prática corporal, passíveis de serem tematizados e abordados em diferentes contextos de ensino, vivência e aprendizagem.

FooBaSkill: conteúdos histórico-culturais

A origem do *FooBaSkill* remete ao ano de 2015, quando três professores de Educação Física suíços (Pascal Roserens, Michal Lato e Piero Quaceci), motivados pela observação de que seus estudantes apresentavam déficits de coordenação motora, criaram um acampamento esportivo de verão com intuito de contribuir para seu desenvolvimento, ocasião na qual surgiu a ideia do *FooBaskill*, (FOOBASKILL, 2023; LATO; QUACECI; ROSENRENS, 2017). Segundo o site oficial desta prática corporal, neste acampamento (*NSCamp*), o objetivo é desenvolver coordenação por meio da vivência de diferentes esportes coletivos e individuais, incluindo Voleibol, Atletismo, Badminton, *Ringette* (esporte coletivo de inverno criado em 1963 no Canadá, no qual de modo similar ao hóquei no gelo, porém sem contatos e com um “taco” reto e um “anel de borracha” ao invés de um “disco”, patinadores(as) disputam um jogo no qual o objetivo é pontuar lançando um “anel de borracha” no gol (RINGETTE CANADA, 2023)), Dança, Atletismo, BB, FB e *Foobaskill* (FOOBASKILL, 2023). Ainda segundo o site, o acampamento não tem como foco a busca pelo desempenho esportivo, mas a aquisição de novas habilidades, possibilitando melhora das capacidades motoras de seus frequentadores(as) (FOOBASKILL, 2023).

Sob o título, “Como o nome sugere, FooBaSKILL™ é uma combinação de futebol e basquete em um só jogo” (LATO; QUACECI; ROSENRENS, 2017, p. 1). Portanto, fica evidente que seu título é resultado da soma das abreviações, “*Foo*” (abreviação do termo inglês, “Football”), “*Ba*” (abreviação do termo inglês, “Basketball”) e da palavra “*Skill*” (cuja tradução literal é “habilidade”), “*Foo*” + “*Ba*” + “*Skill*” = “*Foobaskill*”. Porém, vale ressaltar que atualmente em seu canal oficial no “Youtube” (@foobaskill) esta prática corporal é apresentada enquanto a mistura do FS e BB (FOOBASKILL, 2020). Dada sua aproximação com tais práticas corporais, ao tematizar o *FooBaSkill* a partir do referencial histórico-cultural da PE, é possível abordar temas relacionados à história e desenvolvimento do FB (SCAGLIA, 2003; GIULIANOTTI, 2002; REIS; ESCHER, 2006), a criação e desenvolvimento do BB (BOOP, 2004; FREITAS; VIEIRA, 2006). Bem como, de outras como o FS, F7, B3x3 (BRASIL, 2019; BRASIL; SANTOS RODRIGUES; PAES, 2022; BRASIL; RIBEIRO, 2018; ROSE JUNIOR; BRASIL; SANTOS, 2022) e do Basquete de Rua (BRASIL: SANTOS RODRIGUES; PAES, 2022; BRASIL, 2019;

2016; BRASIL et al., 2018), entre outras PCFF e PCFB.

Logo, por meio do referencial histórico-cultural, é possível apresentar datas, competições, conquistas, atletas, como, quais e porque houve alterações de regras relacionadas ao *FooBaSkill*, PCFF ou PCFB. Bem como, problematizar, dentre outras coisas, a influência da mídia, questões sociais (racismo, preconceito de gênero, misoginia, segregação racial e social, xenofobia, economia, globalização, diferença de investimentos no esporte feminino, entre outras) presentes no contexto esportivo e sociedade de modo geral. Deste modo, estimulando o pensamento crítico dos(as) estudantes acerca do fenômeno esportivo, esportes, práticas corporais, sociedades e contextos nos quais estão inseridas.

FooBaskill: aspectos socioeducativos

A partir de Elias e Dunning (1992) e Dunning (2014), fica evidente que o surgimento do Esporte Moderno e seu desenvolvimento ao longo do tempo reflete valores e modos de comportamento aceitáveis para determinado contexto histórico e cultural. Portanto, é evidente que o Esporte é permeável a questões éticas, morais, valores e modos de comportamento positivos e negativos presentes nas sociedades, como, por exemplo, preconceitos raciais e de gênero, desigualdade salarial entre homens e mulheres, falta de empatia, corrupção, xenofobia, entre outros. Sendo assim, ao se pensar em um processo de ensino, vivência, aprendizagem do *FooBaSkill* que contribua com a formação ampla, crítica e positiva de quem o vivencie, é preciso que profissionais de Educação Física, Ciências do Esporte e campos correlatos não apenas conheçam e abordem conteúdos técnico-táticos e histórico-culturais, mas que o façam considerando aspectos socioeducativos atrelados a sua vivência e/ou influenciados por ela.

Nesse sentido, a discussão fomentada por Fraser-Thomas, Coté e Deakin (2005), acerca da influência dos esportes na formação dos indivíduos, permite conceber que ao dar o tratamento didático-pedagógico adequado às práticas corporais (aqui o *FooBaSkill*), é preciso estar ciente que, tanto em aulas de Educação Física Escolar ou em qualquer outro contexto, sua vivência e a influência do educador(a) (professor(a), treinador(a), etc.) podem proporcionar impactos positivos (desenvolvimento emocional, melhora do desempenho físico, hábitos saudáveis, senso crítico, respeito, empatia, entre outros) e negativos (baixa autoestima, hábitos negativos, desenvolvimento de lesões, agressividade, entre outros). De modo similar, Brasil, Santos Rodrigues e Paes (2022), ao abordarem a possibilidade de tematizar aspectos socioeducativos no processo de ensino, vivência e aprendizagem do B3x3 no contexto escolar, apontam a necessidade de fazê-lo sem restringir-se a dilemas morais e/ou à prescrição de normas e condutas a serem alcançadas, mas de modo a contemplar debates acerca dos valores olímpicos (olimpismo), éticos e morais expressos e impressos no Esporte e em seus atores (treinadores(as), gestores(as), atletas, torcedores(as), entre outros).

Logo, ao abordar aspectos socioeducativos no processo de ensino, vivência e aprendizagem do *FooBaSkill*, professores(as) não devem limitar-se a abordar aspectos e conhecimentos

inerentes a vivência dos referenciais técnico-táticos, ou seja, ao jogo propriamente dito, como, cooperação, respeito as regras e normas, “*fair play*” (“jogo limpo”), entre outros. Mas buscar desenvolver aulas e atividades que problematizem questões sociais e comportamentais presentes na sociedade e no Esporte, por exemplo, atreladas a aspectos histórico-culturais do *FooBaSkill*, PCFF, PCFB e da sociedade. Ou ainda, problematizar situações que ocorram durante as aulas, como, brigas, discussões, excesso de individualidade, falta de empatia, exclusão, *bullying*, etc... Deste modo, espera-se contribuir não apenas para o desenvolvimento do pensamento crítico, mas também para o desenvolvimento amplo positivo de alunos e alunas, para além do saber jogar e conhecer a história e desenvolvimento do jogo, mas também para conviverem em sociedade e, a certa medida, influenciá-la.

FooBaSkill e suas possibilidades no contexto escolar

Segundo Lato, Quaceci e Roserens (2017), as regras do *FooBaSkill*,

[...] permitem a obtenção de certos aspectos táticos – entre eles, a ocupação de espaço – que pode ser facilmente transferido para outros jogos em equipe. São também uma fonte de enriquecimento, pois a possibilidade de marcar em duas balizas abre caminho para novas estratégias de ataque e de defesa, e a permissão para jogar com as paredes promove a criatividade, para mencionar apenas dois exemplos. Os esportes individuais também podem se beneficiar do *FooBaSKILL™* durante o aquecimento, melhorando habilidades que não são específicas de cada um, bem como a coesão do grupo (LATO; QUACECI; ROSERENS, 2017, p. 1).

Nesse sentido, Lato, Quaceci e Roserens (2017), apontam a possibilidade de fragmentar o processo de ensino, vivência e aprendizagem do *FooBaSkill*, iniciando pela abordagem do “*FooSkill*”, posteriormente do “*BaSkill*” e, por fim, abordando o *FooBaSkill* em si. Apresentando três planos de aulas, com atividades diversificadas para cada tema (LATO; QUACECI; ROSERENS, 2017). A sugestão dos autores é válida, no entanto, a depender do contexto, objetivo e período letivo, pode ser válido inverter a ordem, por exemplo, no Brasil, país no qual FB e FS são modalidades que o público tende a ter maior familiaridade e experiências prévias em comparação ao BB, B3x3 e BDR, pode ser interessante iniciar a intervenção pelo “*BaSkill*”. Bem como, professoras(es) podem tematizar e trabalhar o “*FooBaSkill*” sem fragmentar as aulas em “*FooSkill*” e “*BaSkill*”, ou seja, utilizando-se de estratégias e atividades que desenvolvam habilidades de ambas em suas aulas ou mesmo, inserir esta prática corporal enquanto subtema de aulas de FS, FB, B3x3, BB, entre outras. Assim, contribuirá para diversificação do conteúdo das aulas destas práticas corporais e, aos poucos, introduzirá o

FooBaSkill, de modo que quando este for o tema principal, os(as) estudantes se adaptem a ele mais facilmente. Portanto, pode-se afirmar que o *FooBaSkill* é uma prática corporal que dado seus aspectos técnico-táticos, socioeducativos e histórico-culturais, pode ser introduzida no contexto escolar (e outros), não apenas com um fim em si mesma, ou seja, conhecer e aprender sua história e desenvolvimento, aspectos técnico-táticos e promover discussões éticas, morais e a aquisição de valores e modos de comportamento positivos por meio das aulas e sua vivência, mas também como um meio para a introdução e aprofundamento das PCFF e PCFB.

Outro aspecto relevante a se considerar relação à diversificação de esportes e funções com o público em idade escolar (crianças e adolescentes) (facilitada pelas características do *FooBaSkill*), é que segundo Côte, Turnnidge e Evans (2014), tem potencial para proporcionar melhores resultados esportivos ao longo da vida e, como nos leva a pensar Brasil e Paes (2023a) e Brasil, Paes e Ribeiro (no prelo), permite ampliar as possibilidades de escolhas e de vivências dos esportes enquanto lazer. Nesse sentido, para além da transição entre o *FooBaSkill*, PCFF e PCFB e diversificações de funções nelas, Brasil, Santos Rodrigues e Paes (2022), apontam que a diversificação de conteúdos e vivências pode ocorrer por meio de diferentes facilitadores didático-pedagógicos (mídias, exercícios analíticos e sincronizados, jogos e brincadeiras, situações de jogo, esporte/prática corporal propriamente dito, jogos pré-desportivos, circuito de atividades e festivais). Para tal, identificar os saberes e habilidades do público e o contexto social no qual a escola está inserida é relevante, visto que possibilita identificar aspectos técnico-táticos, socioeducativos, histórico-culturais e facilitadores didático-pedagógicos que podem contribuir de modo eficaz para que alunos(as) sintam-se interessados(as) a participar e se engajem nas aulas, influenciando seu aprendizado e adaptação ao *FooBaSkill*, FB, FS, ou qualquer outra prática corporal. Logo, assim como ocorre no contexto esportivo, professores(as) devem atentar-se para não enfatizar o desempenho ao invés da participação, visto que isso pode fazer com que a vivência esportiva contribua em menor medida para o desenvolvimento pessoal de seus praticantes, gerando desmotivação e até abandono da prática (CÔTÉ; HANCOCK, 2016; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

No que se refere as relações humanas, estudos apontam que programas esportivos nos quais há relacionamentos saudáveis entre atletas e treinadores(as), tendem a contribuir para a transmissão de competências, valores para a vida, desenvolvimento positivo de jovens e formação de esportistas da infância até a vida adulta (CAMIRÉ; TRUDEL; BERNARD, 2013; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Portanto, ainda que estas pesquisas não tratem especificamente do processo de ensino, vivência e aprendizagem de esportes no contexto escolar brasileiro, seus resultados permitem inferir que ao longo do processo de ensino, vivência e aprendizagem do *FooBaSkill* (e outras práticas corporais) neste contexto, professores(as) devem buscar equilíbrio entre conteúdos e facilitadores didático-pedagógicos, estabelecer relações saudáveis com estudantes, de modo a motivá-los(as) e engajá-los(as) nas aulas, almejando estimular a obtenção de conhecimentos relacionados a aspectos técnico-táticos, socioeduca-

tivos e histórico-culturais, ampliando sua formação para além de saber jogar, estimulando a aquisição de valores e modos de comportamento positivos em detrimento de negativos e o pensamento crítico.

Por fim, considerando o contexto brasileiro, no qual por vezes faltam recursos físicos e materiais nas escolas e outros contextos de ensino, vivência e aprendizagem, ressalto aqui a possibilidade de improvisar traves com “carteiras escolares”, pedras, tijolos, chinelos, entre outros materiais. Assim como, substituir cones por “garrafas pets” cheias (de água, areia etc.), latas de refrigerantes e similares, entre outros itens e as “cestas de BB” por aros de bicicleta, latas de lixo, caixa de fruta, entre outros. Isso vale para a bola, que, como os próprios autores sugerem, caso não haja uma bola oficial de *FooBaSkill* disponível, o jogo poderá ser realizado com uma bola de FB (LATO; QUACECI; ROSERENS, 2017) e, por que não, de outros esportes ou improvisadas (com meia, jornal, etc.)? Possibilidades de adaptações que vão ao encontro da perspectiva de Lato, Quaceci e Roserens (2017), de possibilitar o acesso ao *FooBaSkill* e contemplar do maior número de pessoas.

Considerações finais

No presente ensaio teórico, ficou evidente o *FooBaSkill* pode ser incluído no contexto escolar e que os referenciais socioeducativo, histórico-cultural e técnico-tático da PE permite fazê-lo de forma ampla, já que possibilita a aquisição e aprimoramento de aspectos físicos, cognitivos, psicológicos, sociais, motores e fisiológicos atrelados à sua prática e PCFF e PCFB, conhecer suas histórias e desenvolvimento e problematizar questões éticas e morais relacionadas a elas, ao Esporte, esportes e sociedade. Logo, é evidente que para contribuir de modo mais efetivo para formação ampla e crítica dos sujeitos que vivenciem o *FooBaSkill* (e outras práticas corporais), a organização, sistematização, mediação e avaliação ao longo do processo de ensino, vivência e aprendizagem deve contemplar os três referenciais (preferencialmente de forma correlata), visto que dialogam entre si e, portanto, devem estar presentes nas atividades de acordo com os objetivos a serem atingidos, independente do facilitador didático-pedagógico escolhido para tal.

Nessa perspectiva, dadas suas características hibridas, o *FooBaSkill* facilita a diversificação de atividades e funções, incluindo o trânsito entre PCFF e PCFB e vice-versa. Portanto, para além de um fim em si mesmo, o *FooBaSkill*, pode ser um meio para abordar o FB, FS, F7, BB, B3x3, BDR, entre outras práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar e outros contextos de ensino, vivência e aprendizagem. Assim, corroboro com a perspectiva de Lato, Quaceci e Roserens (2017), de que é possível introduzir o *FooBaSkill* em diferentes contextos e ambientes, o que, se dado o trato pedagógico adequado, pode gerar engajamento e participação nas aulas. Portanto, tem potencial para contribuir de modo eficaz para ampliar o repertório motor, transmitir e fortalecer valores e modos de comportamento positivos em detrimento de negativos, estimular o senso crítico, a velocidade de raciocínio e a capacidade

de tomada de decisões de alunos(as), os(as) tornando aptos(as), a questionar o que lhes é imposto, optarem pela vivência destas práticas corporais enquanto lazer e/ou buscarem escolinhas, projetos sociais e clubes esportivos para se aprofundarem e, quiçá, tornarem-se atletas.

Dado o ineditismo da temática no Brasil (e, talvez no mundo), ainda que o presente capítulo apresente limitações por se tratar de um ensaio teórico e que haja a necessidade da realização de pesquisas empíricas que confirmem ou refutem as afirmações e hipóteses aqui apresentadas, se trata de um texto relevante para o campo da Educação Física, Ciências do Esporte e campos correlatos, visto que contribui para formação profissional, estimula a reflexão e criticidade dos sujeitos e a realização de novas pesquisas e discussões acerca do *FooBaSkill*, seja no contexto escolar ou em qualquer outro. Assim como, acerca de seu impacto na formação de praticantes, espectadores(as), consumidores(as), atletas e outros(as) profissionais de PCFF e PCFB.

Referências

BALBINO, H. F.; GALATTI, L. R.; FERREIRA, H. B.; PAES, R. R.. Pedagogia do Esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. In: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar. (org.). **Pedagogia do esporte**: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013. p. 41-68.

BENGEL, Chris. **SlamBall is coming back**: About the sport set to return in 2023 after long hiatos. 04 de ago. de 2022. Disponível em:

<<https://www.cbssports.com/general/news/slamball-is-coming-back-about-the-sport-set-to-return-in-2023-after-long-hiatus/>>. Acesso em: 15 de dez. de 2022.

BOOP, M. (2004). **Almanaque do melhor basquete do mundo**. Panda Books, 2004.

BRASIL, D. V. C. **Basquete 3x3**: reflexões a partir da Pedagogia do esporte. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

BRASIL, D. V. C. **Pedagogia do esporte**: o basquete de rua praticado na região metropolitana de Campinas. 2016. 95f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

BRASIL, D. V. C.; LEONARDI, T. J.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. O basquete de rua nos espaços de lazer da região metropolitana de Campinas. Revista **Licere**, v. 21, n. 4, p. 144-165, 2018.

BRASIL, D. V. C.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e as Contribuições para o Campo do Lazer: Análise das Publicações em Periódicos Brasileiros de 2016 a 2021. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 241–270, 2022.

BRASIL, D. V. C.; RIBEIRO, A. N. **Basquete 3x3**: surgimento e institucionalização. Ananindeua, PA: Itacaiúnas, 2020.

BRASIL, D. V. C.; RIBEIRO, A. N.; SCAGLIA, A. J. O Basquete 3x3 como facilitador para o desenvolvimento positivo de jovens. 2019. **E-Balonmano.com: revista de Ciencias del Deporte**, v. 15, n. 3, p. 187-196, 2019.

BRASIL, D. V. C.; SANTOS RODRIGUES, G.; PAES, R. R.. REFERÊNCIAS E REFERENCIAIS PARA O ENSINO DO BASQUETE 3X3 DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Movimento**,

BRASIL, D. V. C.; PAES, R. R.; RIBEIRO, O. C. SKATEBOARDING ENQUANTO LAZER: conceptualização e possibilidades para além do Esporte. **Revista da Alesde**, no prelo.

CAMIRÉ, M.; TRUDEL, P.; BERNARD, D. A case study of a high school sport program designed to teach athletes life skills and values. **The Sport Psychologist**, 27, 2013, pp. 188-200. Côté, J., & Hancock, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics** (online), 8, 2014, pp. 51-65.

Côté, J.; Turnnidge, J.; Evans, M.B. The dynamic process of development through sport/ dinamici proces razvoja prek sporta. **Kinesiologia Slovenica**, 20 (3), 2014, pp 14 -26.

DUNNING, E. (2014). **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FIBA. 2021. **Official 3x3 Basketball Rules**. 14 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://fiba3x3.com/docs/fiba-3x3-basketball-rules-full-version.pdf>>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

FLORES, F. S.; DARONCO, L. S. E.. **FUNDAMENTOS TÉCNICOS: a base do Futsal**. Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires) , v. 16, p. 1-5, 2011.

FOOBASKILL. **Everything starts with a vision. National Sports Camp Switzerland**. 2023. Disponível em: <<https://foobaskill.com/story/>>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

_____. **FooBaSKILL with SKILLGoal (Promo)**. 14 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lz5WI6D_dJk>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

FREITAS, A; VIEIRA, S. **O que é basquete: história, regras, curiosidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

GALATTI, L.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M.. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física** (UEM. Online), v. 25, p. 01-40, 2014.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. Pedagogia do esporte e educação física escolar: uma proposta a partir das modalidades coletivas. In: GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo César; PAES, Roberto Rodrigues (org.). **Múltiplos cenários da prática esportiva**: Pedagogia do esporte. Campinas: Editora da Unicamp. 2017. v. 2, p. 151-172.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia de Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória, PR: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

LATO, M.; QUACECI, P.; ROSERENS, P. **FooBaSKILL™**. Suiça, Editora: Pascal Roserens / foobaskill.com, 2017. Disponível em: <https://foobaskill.com/wp-content/uploads/2019/12/FooBaSKILL_Portuguese.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

MAIA, M. **Basquete Assassino**: Conheça Esse Esporte Diferente Da Rússia. Notícias de Basquete. 30 de setembro de 2023. Disponível em: <<https://noticiasdebasquete.com.br/basquete-assassino-conheca-esse-esporte-diferente-da-russia/>>. Acesso em 13 de outubro de 2023.

MACHADO, G. V., GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática** (Online), v. 17, 2014, p. 414-430.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 405-418, 2015

MELO, V. A. **Conteúdos culturais**. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 51-54.

PARLEBAS, P. **Juegos, deportes y sociedades**: léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo, 2008.

REIS, H. H. B.; ESCHER, T. A. **Futebol e Sociedade Brasília**: Liber Livros, 2006.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: conceito e cenário contemporâneo. In: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar (org.). **Pedagogia do esporte**: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013. p. 19-40.

RINGETTE CANADA. What is Ringette. A fast, fun and competitive team sport. 2023. Disponível em: <<https://www.ringette.ca/our-sport/what-is-ringette/>>. Acesso em 13 de outubro de 2023.

ROSE JUNIOR, Dante de; BRASIL, Douglas Vinicius Carvalho; SANTOS, Sileno. O Basquetebol Olímpico, Paralímpico e 3x3: números e curiosidades. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2022.

SAM. Batyr Ball: The new Russian sport that combines MMA and 3x3 basketball. 2022. Disponível em: <<https://www.marca.com/en/more-sports/2022/11/24/637f9ef222601d117b-8b458c.html?fbclid=IwAR2msGUZSudFshtgXoSs70D6lAAJqUxbR4jcSPVEoiskytpMh4Tg-2McrCKAS>>. Acesso em: 29 de ago. de 2023.

SCAGLIA, A. J. O futebol e os jogos;brincadeiras de bola com os pes: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1596435>. Acesso em: 16 out. 2023.

CAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. (2014). A Contribuição da Pedagogia do Esporte ao Ensino do Esporte na Escola: tensões e reflexões metodológicas. In: Alcyane Marinho; Juarez Vieira do Nascimento; Amauri Aparecido Básoli Oliveira. (Org.). **Legados do Esporte Brasileiro**. 1ed. Florianópolis: Editora da UDESC, 2014, v. 1, p. 45-86

SHAH, Amar. **SlamBall works to write comeback story.** 23 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.espn.com/espn/page2/story?page=shah/110523_SlamBall>. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

SOBRE OS AUTORES

Aldair José de Oliveira

Doutor em Saúde Coletiva pela UERJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

oliveira.jose.aldair@gmail.com

Doutor em Saúde Coletiva (2011) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação Física (2004) pela Universidade Gama Filho (UGF). Graduado em Educação Física (2001) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atualmente, é professor adjunto da UFRRJ, vinculado ao Departamento de Educação Física e Desportos. Líder do Grupo de Estudos Longitudinais dos Determinantes de Atividade Física (ELDAF/UFRRJ) e do Laboratório de Dimensões Sociais Aplicadas a Atividade Física e ao Esporte (LABSAFE/UFRRJ).

Alexsand de Souza Dias

Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

desouzadiasalexand@gmail.com

Natural de Nova Iguaçu – RJ, cursou a faculdade de licenciatura e posteriormente de bacharelado em Educação Física na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, atua como docente na educação básica e no campo da pesquisa se dedica a investigar e aprimorar novos conhecimentos na área do Futebol.

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

carlos.ferrari@univassouras.edu.br

Carlos Ferrari é doutor, aprovado por unanimidade, nota máxima, membro pesquisador do Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, pela Universidade do Porto (UP / FADEUP / PORTUGAL) com reconhecimento pela Universidade de São Paulo (USP / BRASIL); mestre em Ciências da Atividade Física, membro pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO / PPGCAF / BRASIL); bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL); licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL). Carlos Ferrari é um dos idealizadores do Projeto Educação nos Valores Olímpicos, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE), que conta com o apoio do Comitê Olímpico de Portugal (COP), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Teach for Portugal e do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) Guilhermina Suggia. (Decreto-Lei n. 55/2018 - Portaria n. 181/2019 de 11 de junho). Carlos Ferrari tem experiência na área de Educação Física, atuando principal-

mente nos seguintes temas: Educação Física escolar (EFe); projetos - esportivos - sociais; esporte educacional e inclusão; processo ensino-aprendizagem; docência; discância; violência e Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Atualmente, Carlos Ferrari é Professor Adjunto I da Universidade de Vassouras, Campus Saquarema, lecionando notadamente nas seguintes disciplinas: Sociologia, Antropologia e Aspectos Filosóficos da Educação Física, História da Educação Física e Teorias e Práticas do Lazer e Recreação.

Douglas Vinicius Carvalho Brasil

Mestre em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas e Associação Esportiva Cultural Pentágono.

Possui Mestrado, Bacharelado e Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP), mesma faculdade na qual atualmente cursa doutorado. É especialista em “Aperfeiçoamento” e “Aprofundamento em Esporte”, ambos com ênfase em Basquete 3x3, pela Academia Brasileira de Treinadores do Instituto Olímpico Brasileiro (ABT-IOB). Possui capacitação em Skateboarding pela Confederação Brasileira de Skateboarding (CBSK) e Federação Paulista de Skate (FPS) e em Basquete 3x3 pela Confederação Brasileira de Basketball (CBB). É Presidente da Associação Esportiva Cultural Pentágono (AECP) de Sumaré-SP, membro do Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte (GEPESP) e do Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (LEPE). Tem experiência no campo da Educação Física, Esporte e Lazer. Atua principalmente nos seguintes temas: Pedagogia do Esporte, Skateboarding, Basquete 3x3, Basquete de Rua, Elaboração e Execução de Projetos e Lazer.

Ellen Aniszewski

Doutorado em Educação pelo PPGEduc/UFRRJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Universidade Estácio de Sá

ellannisbr@yahoo.com.br

Doutora (2024) e Mestra em (2018) em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRRJ). Graduada em Educação Física (licenciatura plena) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003). Coordenadora do curso de Educação Física na Universidade Estácio de Sá (UNESA) e professora auxiliar II na mesma universidade. Professora efetiva do Município do Rio de Janeiro e do Governo do Estado.

Gabriela Simões

Mestrado em Educação pelo PPGEduc/UFRRJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

[HYPERLINK "mailto:gabssimoes9@gmail.com"](mailto:gabssimoes9@gmail.com) gabssimoes9@gmail.com

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRRJ) e Mestra (2023) pelo mesmo Programa. É bolsista CAPES-Demanda Social. Licenciada em Educação Física (2019) pela UFRRJ. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa em Pedagogia de Educação Física e Esporte (GPPEFE/UFRRJ).

Lucas Raphael de Medeiros Souza

Licenciado em Educação Física pela UFRRJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

[HYPERLINK "mailto:lucasraphaelmedeirosozua@gmail.com"](mailto:lucasraphaelmedeirosozua@gmail.com) lucasraphaelmedeirosozua@gmail.com

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos Longitudinais dos Determinantes de Atividade Física (ELDAF/UFRRJ), ao Laboratório de Dimensões Sociais Aplicadas a Atividade Física e ao Esporte (LABSAFE/UFRRJ) e ao Laboratório de Estudos do Futebol (LABESFUT/UERJ).

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

professormocarzel@gmail.com

Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto (UP / Portugal); Mestrado em Ciências da Atividade Física e Licenciatura Plena em Educação Física (UNIVERSO / Brasil); Especialização (Lato Sensu) em Acupuntura (ANHANGUERA / Brasil). Professor (Faixa Preta) em 6 estilos de Kung-Fu (Garra de Águia, Tai Chi Chuan, Shuai Jiao, Sanda/Sanshou e Wushu Moderno: Norte & Sul). Instrutor de Pilates e Dança (zouk e forró/xote). Atua também com Terapias Holísticas e Massagens. Atualmente estuda as Artes Marciais em suas diversas áreas de atuação, o Olimpismo, a Filosofia e Sociologia dos Esportes, os Jogos e eSports, História do Desporto, Terapias Holísticas e Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS). Autor de livros, capítulos de livros e artigos (nacionais e internacionais). Membro da Câmara de Lutas e Artes Marciais e da Comissão de Professores de Niterói e Adjacências do CREF-1. Fundador e Ex-Presidente da Associação de Kung-Fu Shaolin de Niterói (AKSN). Ex-Diretor da Federação de Kung-Fu do Estado do Rio de Janeiro (FKFERJ). Docente em academias há mais de 20 anos. Terapeuta holístico há mais de 15 anos. Pesquisador e docente universitário há mais de 10 anos.

Roberto Magdaleni de Frias Filho

Licenciatura em Educação Física

Universidade Federal do Rio de Janeiro

rmfrias1999@gmail.com

Nascido em 1999 na cidade de Campinas, desde cedo demonstrou paixão pelo movimento e pelos esportes. Cresceu praticando e estudando a história e os grandes momentos futebol, o que moldou sua personalidade e seus interesses. Ao ingressar na faculdade de Educação Física, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Roberto viu sua paixão se transformar em propósito. Durante os anos acadêmicos, mergulhou profundamente no estudo da história da educação física, futebol e psicologia do movimento humano, sempre buscando entender não apenas como o corpo funciona, mas também como a atividade física pode impactar positivamente a vida das pessoas. Sua jornada acadêmica foi marcada por estágios em escolas públicas e particulares, onde teve a oportunidade de trabalhar com crianças e adolescentes, percebendo o poder transformador da educação física na vida dos jovens. Além das escolas, atuou em clube de futsal, trabalhando diretamente com atletas de alto rendimento, e seu maior questionamento era como era a vida escolar dos atletas, o que motivou o presente trabalho. Participou de projetos, como no Hospital Universitário da UFRJ, em que teve contato direto com crianças com dificuldades motoras, promovendo atividades adaptadas, o que ampliou sua visão sobre a importância da acessibilidade no esporte e na atividade física e também de projetos em escolas, visando aumentar a quantidade de horas que os adolescentes praticavam alguma atividade física. Atualmente, Roberto está no último período de graduação, empolgado para concluir seu curso e iniciar sua carreira como educador físico. Seu objetivo é inspirar e motivar as pessoas a adotarem um estilo de vida mais ativo e saudável, acreditando que o movimento é fundamental para o bem-estar físico, mental e social de todos.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

carlos.ferrari@univassouras.edu.br

Carlos Ferrari é doutor, aprovado por unanimidade, nota máxima, membro pesquisador do Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, pela Universidade do Porto (UP / FADEUP / PORTUGAL) com reconhecimento pela Universidade de São Paulo (USP / BRASIL); mestre em Ciências da Atividade Física, membro pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO / PPGCAF / BRASIL); bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL); licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL). Carlos Ferrari é um dos idealizadores do Projeto Educação nos Valores Olímpicos, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE), que conta com o apoio do Comitê Olímpico de Portugal (COP), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Teach for Portugal e do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) Guilhermina Suggia. (Decreto-Lei n. 55/2018 - Portaria n. 181/2019 de 11 de junho). Carlos Ferrari tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física escolar (EFe); projetos - esportivos - sociais; esporte educacional e inclusão; processo ensino-aprendizagem; docência; discância; violência e Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Atualmente, Carlos Ferrari é Professor Adjunto I da Universidade de Vassouras, Campus Saquarema, lecionando notadamente nas seguintes disciplinas: Sociologia, Antropologia e Aspectos Filosóficos da Educação Física, História da Educação Física e Teorias e Práticas do Lazer e Recreação.

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

professormocarzel@gmail.com

Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto (UP / Portugal); Mestrado em Ciências da Atividade Física e Licenciatura Plena em Educação Física (UNIVERSO / Brasil); Especialização (Lato Sensu) em Acupuntura (ANHANGUERA / Brasil). Professor (Faixa Preta) em 6 estilos de Kung-Fu (Garra de Águia, Tai Chi Chuan, Shuai Jiao, Sanda / Sanshou e Wushu Moderno: Norte & Sul). Instrutor de Pilates e Dança (zouk e forró/xote). Atua também com Terapias Holísticas e Massagens. Atualmente estuda as Artes Marciais em suas diversas áreas de atuação, o Olimpismo, a Filosofia e Sociologia dos Esportes, os Jogos e eSports, História do Desporto, Terapias Holísticas e Práticas Integrativas Com-

plementares em Saúde (PICS). Autor de livros, capítulos de livros e artigos (nacionais e internacionais). Membro da Câmara de Lutas e Artes Marciais e da Comissão de Professores de Niterói e Adjacências do CREF-1. Fundador e Ex-Presidente da Associação de Kung-Fu Shaolin de Niterói (AKSN). Ex-Diretor da Federação de Kung-Fu do Estado do Rio de Janeiro (FKFERJ). Docente em academias há mais de 20 anos. Terapeuta holístico há mais de 15 anos. Pesquisador e docente universitário há mais de 10 anos.



UNIVASSOURAS